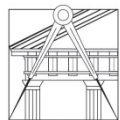




LISBOA

UNIVERSIDADE



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura no ocidente versus a geomancia oriental – A verificação *feng-shui* em alguns
templos cristãos

Doutoramento em Arquitetura

Especialidade – Teoria e Prática de Projeto

Doutorando: Ana Isabel Figueira Marques

Orientador: Professor Victor Lopes dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Doutora Ana Leonor Magalhães Madeira Rodrigues

Vogais: Doutora Maria de Fátima Nunes Ferreira

Doutor Jorge Filipe Ganhão da Cruz Pinto

Doutor João José Alves Dias

Doutor Mário Say Ming Kong

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor

Documento definitivo

Junho, 2016

ÍNDICE

ÍNDICE.....	2
ÍNDICE DE QUADROS.....	2
ÍNDICE DE FIGURAS.....	3
INTRODUÇÃO.....	6
<i>Sumário.....</i>	6
<i>Objetivos.....</i>	6
<i>Estado da Arte.....</i>	6
<i>O tema.....</i>	9
CAPÍTULO I – A GEOMANCIA E OS LUGARES.....	12
01.1 – <i>O que é o Feng-Shui.....</i>	12
01.2 – <i>I-ching.....</i>	14
01.3 – <i>O lugar.....</i>	17
01.4 – <i>O património.....</i>	22
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	27
02.1 – <i>Espaço Sagrado – Genius locci.....</i>	27
02.2 – <i>Templo cristão.....</i>	31
02.3 – <i>Numerologia, o espelho.....</i>	37
CAPÍTULO III – CASOS DE ESTUDO.....	51
3.1 – <i>Igreja de Santa Maria (Sintra).....</i>	51
3.2 – <i>Igreja Convento de S. Vicente de Fora.....</i>	56
3.3 – <i>Sé de Lisboa ou Igreja de Santa Maria Maior.....</i>	61
3.4 – <i>Igreja da Memória.....</i>	67
3.5 – <i>Ermida de Santo Amaro.....</i>	71
3.6 – <i>Análise de dados.....</i>	76
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.....	88
GLOSSÁRIO.....	94
BIBLIOGRAFIA.....	95
<i>Referências.....</i>	95
<i>Bibliografia específica.....</i>	97
<i>Bibliografia geral.....</i>	98
ANEXO I – ESTUDO GEOMÂNTICO, FENG-SHUI.....	100
<i>Caso Prático 01 – Igreja de Santa Maria em Sintra.....</i>	100
<i>Caso Prático 02 – Igreja de S. Vicente de Fora.....</i>	104
<i>Caso Prático 03 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa.....</i>	108
<i>Caso Prático 04 – Igreja da Memória.....</i>	112
<i>Caso Prático 05 – Ermida de Santo Amaro.....</i>	116

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 01 – ESTUDO COMPARATIVO DO COMPORTAMENTO DOS CASOS DE ESTUDO.....	80
QUADRO 01 – ESTUDO COMPARATIVO DO COMPORTAMENTO DOS CASOS DE ESTUDO (CONTINUAÇÃO).....	81

QUADRO 02 – PERÍODOS DO DESTINO NO SISTEMA <i>YUEN HON</i>	82
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01 – MAPA DE GERLACH, «SOBRE O DAS “LINHAS LEY” DA BOÉMIA E A RELAÇÃO DOS MOSTEIROS LOCAIS COM O ANO DA SUA FUNDAÇÃO» (CAMPADDELLO, 1998:28).....	7
FIGURA 02 – «GRELHA PLANETÁRIA DE LINHAS LEY», (IN HTTP://BIT.LY/BEST_TIPS).....	8
FIGURA 03 – CICLO DOS ELEMENTOS.	13
FIGURA 04 – «AS FORMAS DOS CINCO ELEMENTOS», (WALTERS, 1995:49).	13
FIGURA 05 – «DERIVAÇÃO DOS SESSENTA E QUARTO HEXAGRAMAS A PARTIR DO T’AI-CHI. AS LINHAS BRANCAS INDICAM OS COMPONENTES YANG E AS LINHAS NEGRAS OS COMPONENTES YIN», (WONG 1996:20).	15
FIGURA 06 – <i>PA-K’UA</i> CELESTE, OS TRIÂNGULOS E O PERCURSO ÁGUA A OESTE E FOGO A ESTE.....	15
FIGURA 07 — «O CORPO DO HOMEM NO TEMPLO, CAPÍTULO VI – “O TEMPLO. CORPO DO HOMEM-DEUS”», ILUSTRAÇÕES CENTRAIS, (HANI 1981).....	15
FIGURA 08 – <i>PA-K’UA</i> TERRESTRE, O CICLO DOS ELEMENTOS COMEÇA EM BAIXO COM ÁGUA A NORTE (AZUL), MADEIRA A LESTE (VERDE), FOGO A SUL (VERMELHO), DEPOIS O EIXO TERRA, NORDESTE SUDOESTE (AMARELO) E METAL A OESTE (CINZENTO).17	17
FIGURA 09 – HOMEM, «SE TRAÇARMOS, A PARTIR DO CENTRO, UMA CIRCUNFERÊNCIA QUE PASSE PELA PARTE SUPERIOR DA CABEÇA, SE AFASTARMOS OS BRAÇOS DE TAL MODO QUE AS PONTAS DOS DEDOS TOQUEM A PERIFERIA DO CÍRCULO, E SE COLOCARMOS OS PÉS DE FORMA A QUE FIQUEM TANGENTES A ESTE, FORMANDO ENTRE SI UM SEGMENTO DE COMPRIMENTO IGUAL À QUE VAI DO ALTO DA CABEÇA À EXTREMIDADE DOS DEDOS, OBTEMOS UMA CIRCUNFERÊNCIA DIVIDIDA EM CINCO PARTES IGUAIS, FORMANDO UM TRIÂNGULO EQUILÁTERO COM O UMBIGO», (AGRIPPA VON NETTESHEIM, DE OCCULTA PHILOSOPHIA, IN ROOB 2006:432).....	17
FIGURA 10 – <i>PA-K’UA</i> TERRESTRE E A SEQUÊNCIA DOS TRIGRAMAS SENDO OS ELEMENTOS DIFERENTES DO <i>PA-K’UA</i> CELESTE. O QUADRADO MÁGICO PODE SER USADO EM AMBOS OS CASOS TENDO AS ESTRELAS ELEMENTOS DIFERENTES CONSOANTE SE TRATE DE EXTERIOR OU DE INTERIOR.....	17
FIGURA 11 – «ENVOLVENTE DE ÁGUA», (WALTERS 1995:59).	18
FIGURA 12 – «ENVOLVENTE DE MADEIRA», (WALTERS 1995: 52).....	18
FIGURA 13 – «ENVOLVENTE DE FOGO», (WALTERS 1995:54).	18
FIGURA 14 – «ENVOLVENTE DE TERRA», (WALTERS 1995:56).	18
FIGURA 15 – «ENVOLVENTE DE METAL», (WALTERS 1995:58).....	18
FIGURA 16 – «PLANO DE UM ALTAR TAOISTA», (JING-NUAN 1991:vii).....	21
FIGURA 17 – «SEQUÊNCIA DE PASSOS DA DANÇA DE YU», (JING-NUAN 1991:xiii).	21
FIGURA 18 – «O LO-SHU: A ESCRITA DO RIO LO», (JING-NUAN 1991:xiii).....	21
FIGURA 19 – «AMIENS – O GRANDE LABIRINTO DA NAVE», (HANI 1981, CAPÍTULO XI: LABIRINTOS).....	34
FIGURA 20 – «QUADRADO MÁGICO – NÚMEROS ÍMPARES NOS PONTOS CARDEAIS E NÚMEROS PARES NOS PONTOS COLATERAIS», (SKINNER 2008:222).	40
FIGURA 21 – «O T’AI CH’I, HO T’U QUE MOSTRA OS NÚMEROS PARES, YIN, RELACIONADOS PELA ESPIRAL NEGRA, E OS NÚMEROS ÍMPARES YANG RELACIONADOS PELA ESPIRAL BRANCA, IN T’U SHU PIEN TU SHU BIAN DA DINASTIA MING, 1613», (SKINNER 2008:222).	40
FIGURA 22 – «O HO T’U», (SKINNER 2008:223).....	40
FIGURA 23 – «O LO-SHU INSERIDO NUM HO-T’U EXPANDIDO. OS NÚMEROS SÃO ADJACENTES EM AMBOS OS DIAGRAMAS COM 7-2 EM FOGO, 4-9 EM METAL, 8-3 EM MADEIRA E 6-1 EM ÁGUA, EXCEPTO PARA A TROCA ENTRE FOGO/METAL», (SKINNER 2008:224).....	40
FIGURA 24 – «A GERAÇÃO DOS 12 TRONCOS TERRESTRES DO LO-SHU. OS ÚLTIMOS CARACTERES SÃO OS 8 TRIGRAMAS. A “CORDA DE NÓS” REPRESENTA OS NÚMEROS DO LO-SHU (COM AS TRÊS LINHAS FAMILIARES EM CIMA – 4-9-2 – E, EM BAIXO – 8-1-6 – QUE OS CHINESES REPETEM COM OS NUMERAIS CHINESES. OS TRONCOS TERRESTRES APARECEM NO ANEL MAIS	


	INTERNO, TENDO SIDO GERADOS DOIS EM CADA PONTO DO CANTO E UM EM CADA PONTO CARDEAL», (ILUSTRAÇÕES DE WANG CH’I, SAN TSAI TU HUI, 1609, COMO REPRESENTADO EM SMITH 1991:60, IN SKINNER 2008:226).....41
FIGURA 25 – «A GERAÇÃO DOS 10 TRONCOS CELESTES DO HO-T’U. A “CORDA DE NÓS” REPRESENTA OS NÚMEROS DO HO-T’U. OS CARACTERES DOS 4 ELEMENTOS SÃO MOSTRADOS POR DENTRO DOS PONTOS COM O FOGO (S) E EM CIMA, A TERRA NO CENTRO, METAL (W) À DIREITA, MADEIRA (E) À ESQUERDA, E ÁGUA (N) EM BAIXO. OS DOIS TRONCOS CELESTES SÃO GERADOS DE CADA UM DOS 5 ELEMENTOS, NOS PONTOS CARDEAIS POR EXEMPLO, OS DOIS TRONCOS DE FOGO ESTÃO EM CIMA (S) E OS DOIS TRONCOS DE ÁGUA EM BAIXO (N)», (ILUSTRAÇÕES DE WANG CH’I, SAN TSAI TU HUI, 1609, COMO REPRESENTADO EM SMITH 1991:60, IN SKINNER 2008:226).	41
FIGURA 26 – «AS FLUTUAÇÕES DE YIN E DE YANG MOSTRADAS NA SEQUÊNCIA DOS 12 HEXAGRAMAS PA-K’UA (COM BARRAS NEGRAS REPRESENTANDO AS LINHAS YIN E ABERTAS REPRESENTANDO AS LINHAS YANG). O CICLO COMEÇA EM TZU (NA POSIÇÃO DAS 7 HORAS) E PROGRIDEM NA DIREÇÃO HORÁRIA PARA WU (NA POSIÇÃO DA 1 HORA) E DEPOIS DE VOLTA A TZU. OS ANÉIS SÃO: AS 24 MINI ESTAÇÕES (COM PARES DE CARACTERES), OS NOMES DOS 12 HEXAGRAMAS PA-K’UA EM SI. OS 12 RAMOS TERRESTRES ESTÃO ESCRITOS POR FORA DOS HEXAGRAMAS. A NUMERAÇÃO DO MÊS ESTÁ POR DENTRO DO HEXAGRAMA QUE COMEÇA EM LI CH’UN (COMEÇO DA PRIMAVERA) COM O RAMO YIN (NA POSIÇÃO DAS 8 HORAS)», (DE CHOU YI CH’I CHUAN, DA DINASTIA YUAN 1247, IN SKINNER 2008:338).....	42
FIGURA 27 – SURGIMENTO DOS TRIGRAMAS A PARTIR DAS LINHAS.	43
FIGURA 28 – SEQUÊNCIA DOS ELEMENTOS DO PA-K’UA CELESTE.	44
FIGURA 29 – «OS QUATRO ELEMENTOS (DA ESQUERDA PARA A DIREITA: A TERRA, A ÁGUA, O AR E O FOGO) CORRESPONDEM A QUATRO FASES DA OBRA E A QUATRO GRAUS DO FOGO», (D. STOLCIUS V. STOLCENBERG, VIRIDARIUM CHYMICUM, FRANKFURT, 1624, IN ROOB, 2006:29).	44
FIGURA 30 – «O LÁPIS  IMPERECÍVEL É PRODUZIDO PELA ROTAÇÃO DOS ELEMENTOS, NA UNIFICAÇÃO DO SUPERIOR E DO INFERIOR, DO FOGO Δ E DA ÁGUA ∇ É A IMAGEM CELESTIAL DO OURO TERRENO, AQUI REPRESENTADO COMO APOLO NO MUNDO SUBTERRÂNEO RODEADO PELAS SEIS MUSAS OU METAIS», (MUSEAUM HERMETICUM, FRANKFURT, 1749, IN ROOB, 2006:31).....	45
FIGURA 31 – O PEQUENO E O GRANDE, OS TRIÂNGULOS RESPEITAM A POLARIDADE DOS FILHOS E FILHAS NO QUADRADO MÁGICO.	46
FIGURA 32 – PADRÃO DA MUTAÇÃO NO QUADRADO MÁGICO SEGUE O SENTIDO DAS SETAS (1) E (2).	46
FIGURA 33 – DERIVAÇÃO FAMILIAR DO GÊNERO DOS MEMBROS DA FAMÍLIA.	46
FIGURA 34 – IGREJA SANTA MARIA, SINTRA – FACHADA PRINCIPAL, (WWW.MONUMENTOS.PT).	51
FIGURA 35 – IGREJA DE SANTA MARIA – ZONA PROTEGIDA, NO EXTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	52
FIGURA 36 – IGREJA DE SANTA MARIA – ZONA PROTEGIDA, NO INTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	52
FIGURA 37 – IGREJA DE SANTA MARIA – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – PLANTA, (WWW.MONUMENTOS.PT).	52
FIGURA 38 – IGREJA DE SANTA MARIA – FRENTE, NO EXTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	53
FIGURA 39 – IGREJA DE SANTA MARIA – FRENTE, NO INTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	53
FIGURA 40 – IGREJA DE SANTA MARIA – VISTA NASCENTE, (MARQUES 2014).	54
FIGURA 41 – IGREJA DE SANTA MARIA – VISTA NASCENTE, (MARQUES 2014).	54
FIGURA 42 – IGREJA DE SANTA MARIA – VISTA NASCENTE, (MARQUES 2014).	54
FIGURA 43 – IGREJA E CONVENTO DE SÃO VICENTE DE FORA, (ALMEIDA, BELO:2007:245).....	56
FIGURA 44 – IGREJA DE S. VICENTE DE FORA – ZONA PROTEGIDA, NO EXTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	57
FIGURA 45 – IGREJA DE S. VICENTE DE FORA – ZONA PROTEGIDA, NO INTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	57
FIGURA 46 – IGREJA DE S. VICENTE DE FORA – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – 1650, (FERREIRA 1995:6).....	57
FIGURA 47 – IGREJA DE S. VICENTE DE FORA – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – 1992, (WWW.MONUMENTOS.PT).....	58
FIGURA 48 – IGREJA DE S. VICENTE DE FORA – FRENTE, NO EXTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	59
FIGURA 49 – IGREJA DE S. VICENTE DE FORA – FRENTE, NO INTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	59
FIGURA 50 – SÉ DE LISBOA – FACHADA PRINCIPAL, (ALMEIDA, BELO:2007:252).	62

FIGURA 51 – IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR, SÉ DE LISBOA – ZONA PROTEGIDA, NO EXTERIOR, POENTES, (MARQUES 2014).	62
FIGURA 52 – IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR, SÉ DE LISBOA – ZONA PROTEGIDA, NO INTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	62
FIGURA 53 – IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR, SÉ DE LISBOA – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – SÉC. XII, (SUMMAVIELLE 1986:8).	63
FIGURA 54 – IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR, SÉ DE LISBOA – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – SÉC. XIV, (SUMMAVIELLE 1986:8).	64
FIGURA 55 – IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR, SÉ DE LISBOA – FRENTE, NO EXTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	64
FIGURA 56 – IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR, SÉ DE LISBOA – FRENTE, NO INTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	64
FIGURA 57 – IGREJA DA MEMÓRIA, (ALMEIDA, BELO:2007:266).	67
FIGURA 58 – IGREJA DA MEMÓRIA – ZONA PROTEGIDA, NO EXTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	67
FIGURA 59 – IGREJA DA MEMÓRIA – ZONA PROTEGIDA, NO INTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	67
FIGURA 60 – IGREJA DA MEMÓRIA – ZONA PROTEGIDA, NO INTERIOR – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – PLANTA, (WWW.MONUMETOS.PT).	68
FIGURA 61 – IGREJA DA MEMÓRIA – FRENTE, NO EXTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	69
FIGURA 62 – IGREJA DA MEMÓRIA – FRENTE, NO INTERIOR, POENTE, (MARQUES 2014).	69
FIGURA 63 – ERMIDA DE SANTO AMARO, (ALMEIDA, BELO:2007:279).	71
FIGURA 64 – ERMIDA DE SANTO AMARO – ZONA PROTEGIDA, NO EXTERIOR, POENTES, (MARQUES 2014).	72
FIGURA 65 – ERMIDA DE SANTO AMARO – ZONA PROTEGIDA, NO INTERIOR, POENTES, (MARQUES 2014).	72
FIGURA 66 – ERMIDA DE SANTO AMARO – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – PLANTA, (ALMEIDA, BELO 2007:278).	72
FIGURA 67 – ERMIDA DE SANTO AMARO – DIREÇÕES E ORIENTAÇÕES – PLANTA, (WWW.MONUMENTOS.PT).	73
FIGURA 68 – ERMIDA DE SANTO AMARO – FRENTE, NO EXTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	74
FIGURA 69 – ERMIDA DE SANTO AMARO – FRENTE, NO INTERIOR, NASCENTE, (MARQUES 2014).	74
FIGURA 70 E 71 – ERMIDA DE SANTO AMARO – POR TRÁS DA CABECEIRA NOTA-SE UM APARELHO DE PEDRA ANTERIOR, POR BAIXO UM AFLORAMENTO ROCHOSO, (MARQUES 2014).	78

INTRODUÇÃO

Sumário

O tratado de Vitruvius referia já a necessidade do arquiteto ter noções sobre a orientação adequada dos espaços para que não degenerassem em problemas de insalubridade. No oriente há a mesma preocupação com o chamado Imperador Amarelo desde 2852 a.C.¹. Estas noções são aplicadas por esta altura pelos imperadores xamãs, sendo um conhecimento que não extravasava claramente para o corpo da disciplina de arquitetura. Pensamos ser um conhecimento de grande interesse para a cultura ocidental pelo que este trabalho se propõe apresentar alguns contributos para a arquitetura. O estudo das direções, ou seja, pontos cardeais e pontos colaterais e o corpo humano, tornando-se assim fator essencial a considerar no espaço tendo o Homem como medida de todas as coisas.

Por outro lado as exigências cada vez mais estritas da União Europeia no que respeita o ambiente, fazem desta nova área de investigação um campo fértil e profícuo uma vez que viver em harmonia com o universo deve passar inevitavelmente por um pacto de não-agressão ao meio ambiente enquanto envolvente física e social, como paradigma da vida do homem terrestre. Assim, podemos observar o impacto que o *Feng-Shui* é capaz de causar ao sugerir uma nova abordagem do espaço vivencial, do espaço público e privado, antigo ou atual.

Palavras-chave: *Feng-Shui*; Projeto; Simbolismo; Teoria da Arquitetura; Ambiente, Geomancia.

Objetivos

Podemos considerar como objetivos do nosso trabalho: 1) A geomancia, o *Feng-Shui* e o trabalho do arquiteto; 2) Revitalizar problemas de decadência, tanto de elementos construídos como do espaço vivencial; 3) Comparar a tradição geomântica oriental e ocidental.

Estado da Arte

O *Feng-Shui* é uma arte usada na China e noutras partes da Ásia há quase cinco mil anos. Apesar de ser um tipo de geomancia, o *Feng-Shui* demonstrou ter resultados positivos durante milhares de anos². As duas técnicas básicas, a escola da forma e a escola da bússola, têm aspetos diferentes. A primeira incide sobre a forma exterior, no espaço rural ou no espaço urbano, constituindo uma parte considerável do *Feng-Shui*; as formas exteriores no território ou na urbe podem ser aplicadas também aos interiores. Os quatro animais míticos³, ou seja o dragão, o tigre, a tartaruga e a fénix, são levados em conta assim como o espaço entre eles, o *ming tang*, figura de grande relevância como referem os mesmos autores. A escola da bússola representa tanto o *ch'i* do céu como o *ch'i* da terra, sendo a energia básica do universo vinda do céu, o bom ou mau uso dela pode desencadear mutações na paisagem natural obrigando o homem a fluir com a energia do universal. A civilização chinesa deu tanta importância às direções que lhes atribuiu aquilo que tinha de mais sagrado: os 64 hexagramas do *I-ching*, a

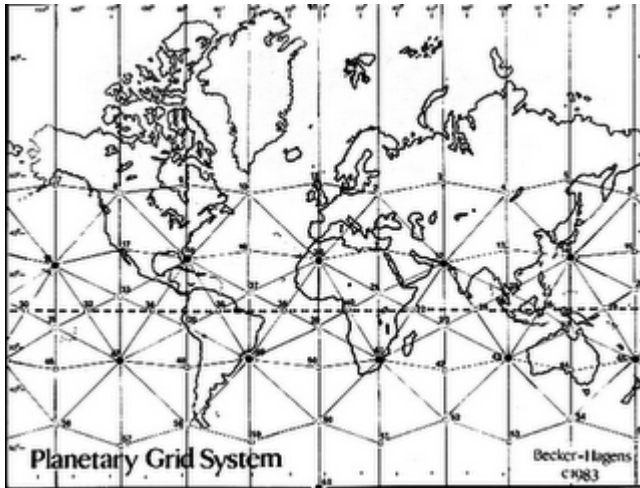


Figura 02 – «grelha planetária de linhas ley»,
(in http://bit.ly/best_tips).

Os autores mais clássicos como Walters, Lo, Skinner e Wong trabalham o *Feng-Shui* como arte mítica. Os vários sistemas usados em *Feng-Shui* estão ligados ao carácter divinatório do *I-ching* tal como os sistemas *yuen hon* e *sam yuen* (este último, extensivamente explorado por Lip, obriga a alterações a cada vinte anos com as mudanças de destino). O *ch'i* das nove estrelas usado por Domingues baseia-se na teoria dos cinco elementos desligando-se do *lo-shu* que responde às oito direções e aos trigramas do *I-ching* no *pa-k'ua* terrestre. Ao trocar impressões com o especialista em *Feng-Shui* Tony Holdsworth desde 2006, partilhámos da opinião de que o *Feng-Shui* é uma ferramenta básica para o projetista, embora um arquiteto que se dedique inteiramente à sua profissão tenha grande dificuldade em estudar profundamente *Feng-Shui*. Contudo muitos arquitetos trabalham regularmente com consultores *Feng-Shui*, acabando por interiorizar os elementos básicos que aplicam instintivamente.

Outros autores seguem metodologias diferentes como Brown⁴ que usa a Escola da Bússola e a combina com o *ch'i* das 9 Estrelas, ignora o *I-ching*, usando apenas o *pa-k'ua* terrestre, com as distorções daí decorrentes. A 9 estrelas incluem o ciclo de 60 anos mas prevê apenas o sentido *yang*, um subsistema do *lo-shu*. Brown⁵ recomenda ainda o uso de ângulos de 30 graus nas direções em vez de 45 graus, ficando a compreensão *ch'i* principal comprometida. O ano a começar a 4 de Fevereiro é usado por inúmeros autores e pela linha budista do Tibete de Sarah Rossbach, o se chama hoje em dia "*Feng-Shui* intuitivo". Rossbach⁶ segue a seita do Chapéu Negro – o budismo ao chegar à China absorveu a cultura local e a geomancia mais popular, e se bem que tenha grande sucesso é usada principalmente em interiores, sendo muitas vezes olhada no ocidente como supersticiosa. Apesar de usar o *I-ching*, faz uma leitura horizontal mais que vertical. A exposição de Rossbach⁷ e do seu mestre Lin Yun devem ser analisadas com cuidado. Spear⁸ aproxima-se de Brown⁹ aplicando o "*Feng-Shui* intuitivo". Este autor também se baseia no *ch'i* das 9 estrelas mas trabalha apenas com o *pa-k'ua* terrestre. Os arquétipos inerentes não são aqui considerados, usando apenas os trigramas e abandonando a precisão genética dos 64 hexagramas.

Outros autores como Vieira¹⁰ falam do uso do *Feng-Shui* em empresas como a British Airways, Hilton International, Citibank ao qual recorreram ao instalarem-se na Ásia. No entanto nos Estados Unidos as empresas Trump, CBS Television Studios, Maxim Hotel/Casino em Las Vegas, a Cola-Cola em Atlanta e ainda o empresário Mitch Lansdel também recorreram à geomancia oriental.

O objetivo do nosso trabalho é mostrar que o uso de técnicas básicas de geomancia é importante, o *Feng-Shui* e o inerente uso das duas escolas numa visão mais lata pode ser levada em conta como ferramenta de projeto dando-se assim uma boa estrutura energética aos espaços. Isto requer a compreensão dos cinco elementos e da relação entre eles, o conhecimento dos troncos e ramos, do quadrado mágico e da relação com ambos os *pa-k'uas*, celeste e terrestre. Os casos de estudo seguem o estudo do templo cristão. No oriente o *Feng-Shui* aparece ligado à antropologia, e no ocidente grande parte do conhecimento geomântico perdeu-se. Pretende-se ainda desmistificar a geomancia passando a construir uma base concreta e científica como ferramenta ambiental.

O tema

A geomancia olha determinados fatos da vivência humana como essenciais à sobrevivência, assim o reconhecimento de um *genius locci* natural e a construção de um *genius locci* cultural permite a composição de espaços integrados no ambiente e acima de tudo síncronos com o passado e o futuro, podendo o património e a requalificação urbana constituir o restauro de um *genius locci*, um mutante que permite ao homem circular como integrador da energia do céu e da terra em sintonia com o seu espaço vivencial e o universo pensando-se ser este o verdadeiro sentido da recuperação, que reside na compreensão do espaço e no uso que lhe foi dado ao longo do tempo. Este espírito do lugar, ao ser recuperado, dá ao espaço uma atualização e uma continuidade temporal, uma metamorfose ambiental constante, conferindo-lhe autenticidade.

A escolha do templo cristão previa em épocas recuadas o estudo geomântico. Na análise feita, os templos revelaram aos poucos a sua atmosfera de intensidade religiosa e devocional sendo especificamente analisados o eixo, a cabeceira, a entrada e o centro, como pontos essenciais ao templo cristão e ao *Feng-Shui*; estudaram-se ainda os animais míticos do oriente ou seja, o estudo dos elementos do oriente e do ocidente, levou-nos a perceber a semelhança dos valores simbólicos presentes e a intencionalidade com que o espaço foi concebido à partida. As metamorfoses ocorridas ao longo do tempo na envolvente resultaram em alterações profundas no carisma do espaço e muitos deles inverteram a sua polaridade, ou seja a vista deixou de estar a oriente para passar a ocidente. Não podemos deixar de referir que o *Feng-Shui* olha o *pa-k'ua* celeste como obedecendo à geometria do céu, o 6 enquanto o terrestre olha a geometria do 9. Essas linguagens do oriente e do ocidente são bastante

semelhantes, obedecendo a uma visão geomântica geométrica, um cânon celeste, que ao combinar-se com a terra gera a vida manifestada.

A geomancia oriental dá ao projeto de arquitetura o grande contributo da integração no ambiente. Hoje em dia o ser humano reconhece este valor abandonando progressivamente a diferenciação de uma personalidade, obedecendo assim a uma linguagem matemática e ambiental também presente no templo, cujo *Axis mundi*, o centro dos templos de planta centrada, gnóstica, se descola para o coração na cruz latina, devocional, o novo ponto de integração com a cúpula celeste reunindo o tempo celeste e o tempo terrestre. Assim a análise geomântica do oriente torna-se uma peça fundamental na compreensão do lugar, do seu desenvolvimento ao longo do tempo, e ferramenta essencial ao considerarem-se novos usos e atividades afins com a presença do passado.

A geomancia é pois um tema multidisciplinar e isso obriga-nos muitas vezes a abandonar uma abordagem escatológica para optarmos por uma visão cíclica, apreciação correta dos inúmeros aspectos do mesmo tema. O oculto faz parte da natureza humana, o corpo físico é palpável mas não inclui o mundo das emoções nem do pensamento, e neste domínio é muitas vezes necessário tempo de maturação antes de se introduzirem novos aspetos. Este tipo de abordagem pareceu-nos síncrono com a organicidade do ser humano, sendo a forma mais fácil de apreender conhecimentos à primeira vista tão complexos.

No capítulo um estudamos essencialmente os lugares, o que é a geomancia e o *I-ching*, a sua ligação ao homem e ao local, o *genius locci*, sendo peças essenciais no cumprimento do primeiro objectivo, e como aplicar este conhecimento em espaços da vivência do homem, o passado, o património, a requalificação urbana e o futuro como consequência das pré-existências. Começamos por observar o que é o *Feng-Shui*, dando alguma compreensão sobre a finalidade do seu uso, depois o *I-ching*, a distinção do celeste e do terrestre, o quadrado mágico, a chave do nosso planeta. O lugar dá a noção da influência do homem no espaço e como isso pode interferir na sua fisiologia provocando adaptações biológicas. A solução do espaço requer respostas culturais locais, levando em conta a sincronicidade dada pelo tempo. O património também é analisado dando a geomancia uma previsibilidade ambiental e social capaz de requalificar espaços, urbanos e patrimoniais, de índole diversa.

No capítulo dois trabalha-se a metodologia usada, respondendo ao segundo e ao terceiro objetivos começando com o espaço sagrado e o *genius locci* que na antiguidade apareciam em conjunto pois os espaços sagrados procuravam locais especiais com características bem desenvolvidas, muitas vezes com propriedades mágicas e curas milagrosas. Tenta-se compreender a quadratura do círculo que o geomante oriental tão bem conhece, como se constrói a cidade; o tempo não fica esquecido pois ele é a sequência dos fenómenos que procuramos perceber e que nos é transmitido pelo pulso da história dos lugares que se reúne ao tempo celeste e mítico. O templo cristão insere o homem no sagrado e dá-lhe

condições no tempo figurando a geomancia como instrumento de sacralização do espaço. Aqui observa-se o encontro da tradição ocidental e oriental. A metodologia propriamente dita segue a que se usa em *Feng-Shui*. A análise numerológica procura dar um sentido e uma leitura comum ao ocidente e ao oriente, exigindo a presença do discernimento humano e como este se liga ao espaço, aparecendo a ciência médica como *pivot* capaz de explicar esse desempenho. A numerologia é analisada com algum detalhe tratando-se de uma linguagem que traduz o próprio universo.

O capítulo três, casos de estudo, analisa várias peças do património: a igreja de Santa Maria em Sintra, a igreja do Convento de S. Vicente de Fora, a Sé de Lisboa ou igreja de Santa Maria Maior, a igreja da Memória e a ermida de Santo Amaro. Nos dados relativos ao património, foi consultado o Inventário do Património, a geomancia segue a análise feita no local, enfatizando-se sucintamente os elementos mais carismáticos estando a informação completa em anexo. Faz-se ainda o estudo comparativo do património e da geomancia com os objetivos do nosso trabalho, tendo ainda em conta a orientação, o eixo este/oeste, o dragão e o tigre, a personalidade do local, o centro, a entrada de energia, as recomendações para cada caso e os períodos de destino e a sua relação com a história e cronologia dos monumentos.

No capítulo quatro, conclusão, analisam-se os dados obtidos face ao que se pensou estar presente. Elabora-se o estudo e o diagnóstico feito em *Feng-Shui*, que na maioria das vezes confirma a história e a cronologia dos espaços, a relação com os objetivos do trabalho e o que ficou apurado, usando-se tabelas e outros elementos achados necessários.

Em anexo 1 temos as fichas de geomancia de cada monumento elaboradas por Marques ¹¹.

1 LIP, 1995.

2 LIP, 1995.

3 MAK e NG, 2005.

4 BROWN, 1999.

5 BROWN, 1996.

6 ROSSBACH, 1997.

7 ROSSBACH, 1997 e 1994.

8 SPEAR, 1995.

9 BROWN, 1996.

10 VIEIRA, 2005.

11 MARQUES, 2014.

CAPÍTULO I – A GEOMANCIA E OS LUGARES

As moradas dos homens são de grande importância e a sua localização essencial à relação com a envolvente. A perfeição não é estática, e a mutação torna-a imperfeita obrigando a constantes adaptações. Lao Tzé, no Tau Té Ching, fala e explica a relação do homem com o Tau. A sua afirmação «*o céu e a terra não são humanos*»¹ reflete o carácter imutável dos opostos, opostos que não incluem o homem. Este pequeno livro expressa o perigo da benevolência e da correção pois transformam-se facilmente no oposto. Também em investigação nem sempre procedimentos justificam causas.

Este capítulo faz um estudo sucinto sobre *Feng-Shui*, sobre o *I-ching* como elemento básico na compreensão do local e da sua energia; a sua ligação ao arquétipo e ao homem numa leitura do *genius locci* é peça fundamental para vivências associadas. Pretende-se compreender o local, onde o passado e o futuro interagem podendo ir da requalificação urbana à revitalização do património, e tenta-se a compreensão do *genius locci* e do arquétipo dos lugares que irá desenvolver um padrão mutante, a metamorfose que traz consigo fatos síncronos que constroem o modelo cultural presente.

01.1 – O que é o *Feng-Shui*

Olhar o *Feng-Shui* é compreender a necessidade do homem se integrar no seu ambiente. Os dois *pa-k'ua* usados no *I-ching* respondem a aspetos diferentes: o celeste, a energia do arquétipo dos lugares, o cânone, e o terrestre o carisma da transformação. As origens do *Feng-Shui* são quase míticas² e são tidas como essenciais à vida humana sendo as suas bases estabelecidas no chamado “*Book of Rites*” ou “*Li Shu*”³ dando a compreensão da energia dos lugares e os níveis energéticos *yang* e *yin* aí presentes. A filosofia vertical e horizontal aparece nos *pa-k'ua* celeste e terrestre, as relações humanas com o tempo e o espaço, Hani⁴ refere os benefícios da ligação vertical e horizontal, confirmando este aspecto no ocidente.

O uso da bússola está tradicionalmente ligado ao Imperador Amarelo *Huang-ti* e tornou-se um instrumento imprescindível, «*encompassing all the knowledge of heaven and earth*»⁵ sendo *ching* a expressão usada para “*classic*”, ou seja clássico. A chamada Escola da forma estuda as características cénicas da paisagem, no entanto a paisagem completamente plana obrigou ao estudo das direções. Hoje em dia usam-se ambas as escolas por serem necessárias à compreensão dos lugares. Toda a sabedoria do céu e da terra foi atribuída às secções de seis graus da bússola permitindo estudar com precisão o *ch'i*, sopro de vida, e o *sha*, o seu oposto. O *pa-k'ua* celeste traz consigo os movimentos estelares, e o terrestre os dos homens. Em conjunto dão o conhecimento dos segredos e desígnios celestes, transformando-se no princípio da mutação. Esta arte começou a ser desenvolvida por técnicos, «*Those who are experts of the*

esoteric techniques»⁶ como praticantes das artes da adivinhação, da magia, da cura e da longevidade.

A compreensão do ciclo dos elementos é fundamental na detecção da energia dos locais e compreende dois ciclos. O da criação é circular e os elementos seguem a ordem da criação (água, madeira, fogo, terra e metal), e o ciclo de controlo ou de destruição que obedece ao pentagrama, o homem que domina os elementos que o constituem. Assim a água apaga o fogo, o fogo derrete o metal, o metal corta a madeira, a madeira destrói a terra, e a terra enlameia a água. Cada elemento está ligado a um planeta: assim Mercúrio, Júpiter, Marte, Saturno Vénus, com interpretações semelhantes no ocidente (ver a figura 03). A água começa o ciclo anual, a geração do universo e do homem. As formas dão o reconhecimento da envolvente paisagística dos lugares e as suas configurações trazem consigo valores culturais na paisagem humanizada (ver a figura 04).

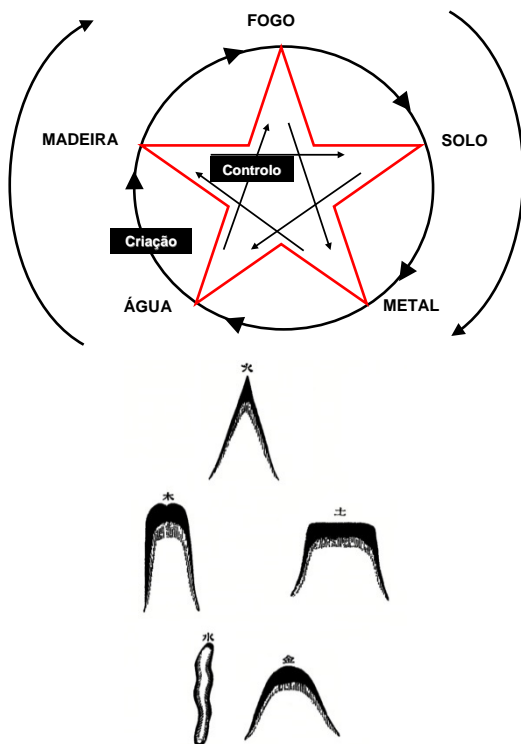


Figura 03 – ciclo dos elementos.

Figura 04 – «As formas dos cinco elementos», (WALTERS, 1995:49).

O tempo é crucial na compreensão dos locais. O calendário com o atual sistema de ciclos de 60 anos começou a ser usado em 2637 a.C.⁷ altura em que a estrela polar passou exatamente sobre o polo geográfico. Durante a época de Confúcio e de *Lao-tzé*, cerca 600 a.C., os 12 ramos terrestres passam a ter símbolos animais tornando-se parte da sabedoria e da ciência da antiga China. Cada ciclo de 60 anos constitui uma era, sendo o ciclo completo de três eras – 180 anos – particularmente importante na compreensão dos padrões do universo. Os ciclos podem ser calculados de formas diversas consoante o sistema usado, *sam yuen*, ciclos de 20 anos, e *yuen hon*, ciclos relacionados com as linhas dos trigramas – nove anos para a linha *yang* e seis para a linha *yin*⁸. O calendário chinês usa a combinação dos ciclos solar e lunar com ênfase para as marcações sazonais, surgindo as 24 montanhas. Wu refere-se ao

solstício de inverno como sendo conhecido por «*Dia do Ano Novo Astronómico*»⁹. Os doze meses lunares começam na lua nova, tendo cada mês um *ch'i yang* e um *ch'i yin*, com as marcações das estações e o estabelecimento energético do binário anual. O ano lunar começa na segunda lua nova depois do solstício de inverno. Wu¹⁰ refere ainda que os egípcios e os gregos também utilizaram o calendário lunar, usando os gregos termos do calendário solar.

O *lo-p'an* ou bússola *Feng-Shui*, tem uma agulha magnética no centro, “*Heaven Pool*”¹¹ um disco móvel com círculos concêntricos e esféricos que dão vários tipos de informação, e uma placa quadrada que representa a terra onde assenta o disco giratório. As marcações em cruz facilitam as leituras da bússola. Skinner também diz ser o *lo-p'an* a “*placa do universo*”¹². O *lo-p'an* é em simultâneo um objeto de medida científico e um objeto mágico; o magnetismo da agulha é facilmente influenciado pelo magnetismo dos lugares e pelo do geomante; é um instrumento pessoal. Os anéis da bússola representam toda a cosmogonia, tanto o ciclo de criação como o ciclo de libertação, com paralelo na cultura ocidental e no labirinto. O *lo-p'an* determina as orientações e faz a leitura energética dos lugares. A bússola tradicional usa 36 anéis, a informação relaciona-se com o *pa-k'ua* celeste que dá a estrutura do universo, e com o *pa-k'ua* terrestre e o inerente ciclo de mutações. A energia do céu, tem o carácter imutável e arquetípico do *Tau*, enquanto a energia da terra, contém o fluxo de todas as coisas que não podem ser mudadas mas podem ser evitadas.

01.2 – *I-ching*

O Taoísmo dá a compreensão do *Tau* na natureza e na humanidade. O *Tau* não é determinista e a adivinhação procura a leitura dos padrões fixos do universo e a sua influência no mutável, no relativo. A geomancia, o *Feng-Shui*, dá uma noção do nosso lugar no universo e como viver integrados nele, em harmonia com o ambiente. Citando Marques: «... *O Ambiente é o Património nas suas vertentes natural e cultural de que o homem dispõe para a sua sobrevivência no planeta*»¹³, a resposta positiva ao local é um fator de desenvolvimento ficando nós presos pela «*alternativa da consciência individual*»¹⁴, sendo o desenvolvimento em ambiente protegido, um valor acrescentado para a comunidade dos homens.

O ciclo da criação e a saída do *Tau*, e o retorno a ele, transporta as águas para norte e o fogo para sul ficando os elementos puros de madeira a leste e metal a oeste, o padrão da mutação, o ciclo solar. As energias intermédias, os portões¹⁵, estão nos pontos colaterais sendo elos de ligação ao mundo subtil. As linhas inteiras e quebradas vão pois definir a energia *yang* e *yin* de forma que a sua combinação resulta em duas sequências, os *pa-k'ua* celeste e terrestre, em que o ciclo completo, a criação e o retorno ao *Tau*, resulta nos 64 hexagramas (ver a figura 05).

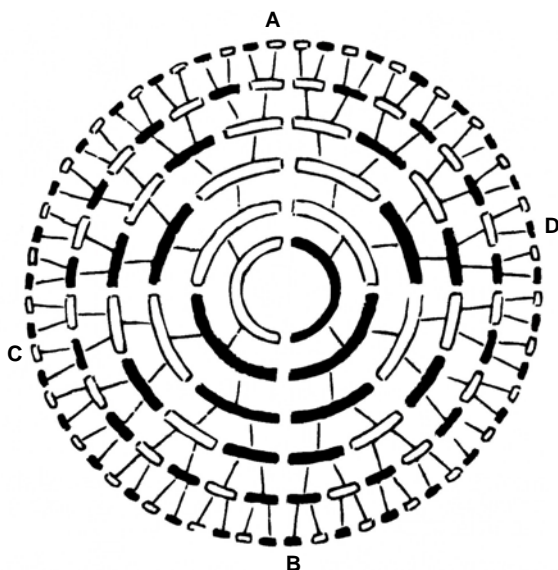


Figura 05 – «Derivação dos sessenta e quatro hexagramas a partir do t'ai-chi. As linhas brancas indicam os componentes yang e as linhas negras os componentes yin», (WONG 1996:20).

O sistema de numerologia chinês¹⁶ é baseado no *I-ching* do Imperador Fuhí (2852 a.C.), que estabeleceu o sistema binário, a criação dos quatro elementos principais, os oito trigramas, os sessenta e quatro hexagramas, e o *pa-k'ua* celeste ou *Ho-t'u*. O Rei Wen (1143 a.C.), iniciou a dinastia Chou definindo o *pa-k'ua* terrestre ou *Lo-shu*, interpretando os sessenta e quatro hexagramas. O Duque de Chou, seu filho, interpretou as linhas dos hexagramas, completando o trabalho do pai. Confúcio (600 a.C.) cria os comentários às decisões, os comentários às imagens e os comentários às linhas, inserindo no *I-ching* uma visão moralista que o dirigiu no sentido religioso. Lao Tzé também aprofundou o estudo do *I-ching*. Os chineses professam vários cultos como o Budismo, o Taoísmo e o Confucionismo. O Taoísmo é uma filosofia, como referem Lip¹⁷ e Braizinha¹⁸ só adquirindo um contorno religioso no séc. II, sendo o budismo e o confucionismo manifestamente religiões. O Taoísmo é muito antigo, o Confucionismo e o Budismo datam do séc. VI a.C., este último surge na Índia.

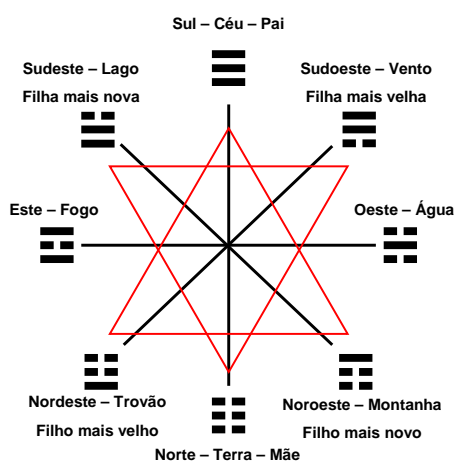


Figura 06 – *Pa-k'ua* celeste, os triângulos e o percurso água a oeste e fogo a este.

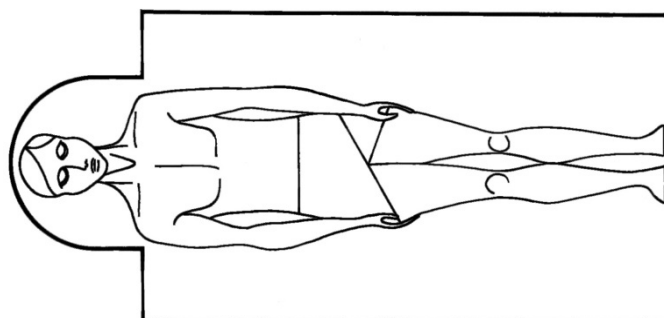


Figura 07 — «O Corpo do Homem no Templo, Capítulo VI – “O Templo. Corpo do Homem-Deus”», ilustrações centrais, (HANI 1981).

Os dois *pa-k'ua* obrigam a uma compreensão dinâmica do universo, o celeste olha a espiral da criação, a energia vinda do céu que cria todas as coisas, tem a força do arquétipo dos lugares e fica assegurada com o carisma de um *genius locci*. Esta descida energética pode ser comparada aos dias da criação começando pelas águas primordiais (N e NW), fecundadas pelo fogo frio (W e SW), capazes da cristalização do universo em corpos estelares, as imagens refletidas caracterizadas pelo elemento metal (S e SE), e o seu aspeto expansivo com o elemento madeira (E e NE), no final, no fundo da espiral, a vida dos mundos, as terras que podem ser vistas na posição central algumas oitavas abaixo (ver figuras 06 e 07). Esta visão tem uma ligação profunda à tradição ocidental que passamos a analisar, com importância para os casos práticos.

O cristão ao entrar no templo a oeste passa pelo batismo da água, encaminha-se para o altar e lá recebe o batismo pelo fogo. A água e o fogo são elementos primordiais e permutáveis, a sua polaridade obedece à vontade desenvolvida ao entrar no templo a oeste, transforma as águas da geração em fogo cristalizado na ara, a pedra talhada a leste, anulando o ciclo solar, libertando-se dos ciclos da matéria. A linha central obedece ao simbolismo do templo cristão (este/oeste). Neste *pa-k'ua*, o triângulo feminino e o triângulo masculino, formam uma estrela de seis pontas, o equilíbrio perfeito das energias da criação, o número celeste.

O *pa-k'ua* terrestre, a transformação humana, a espiral de libertação onde o homem recria o mundo em analogia com o universo, a geração a norte, crescimento e exaltação a sul com o intelecto, a decrepitude e a libertação (ver figuras 08, 09 e 10). O quadrado mágico soma dez em todas as direções. Para o perfeito equilíbrio, o cinco no centro, o número do homem (a medida de todas as coisas) temos o total de quinze, com o norte em baixo e o sul em cima. No entanto, este *pa-k'ua* mostra o ciclo anual, o ciclo de 60 anos e as direções, norte, sul, este e oeste que são sagradas; o criador usa-as para transmitir a sua palavra, está de acordo com os ritos dos solstícios e equinócios delimitando o espaço e o tempo, definido pelo zénite e o nadir, o octaedro. As quatro direções trazem o cosmos ao espaço sagrado, o nadir estará próximo da consciência elementar, o anel dos nibelungos, o zénite do ancião dos dias. A cada ponto corresponde uma hierofania, assim o *imago mundi* toma a forma de um eixo ordenador do espaço, o *Axis mundi*. Os portões, os pontos colaterais¹⁹ representam a ligação com o mundo subtil: a nordeste o portão dos espíritos, a sudoeste o portão da terra. Garantem a entrada no ciclo da geração, anunciado no solstício de verão por João Baptista. A noroeste o portão do céu, e a sudeste o portão dos homens, traçam o caminho de identificação com o céu e a libertação anunciada no solstício de inverno pelo Evangelista.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Figura 08 – Pa-k'ua terrestre, o ciclo dos elementos começa em baixo com água a norte (azul), madeira a leste (verde), fogo a sul (vermelho), depois o eixo terra, nordeste sudoeste (amarelo) e metal a oeste (cinzento).

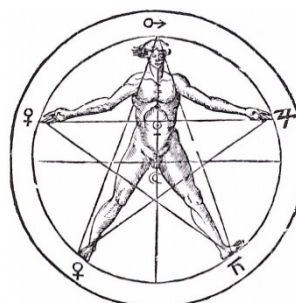


Figura 09 – Homem, «Se traçarmos, a partir do centro, uma circunferência que passe pela parte superior da cabeça, se afastarmos os braços de tal modo que as pontas dos dedos toquem a periferia do círculo, e se colocarmos os pés de forma a que fiquem tangentes a este, formando entre si um segmento de comprimento igual á que vai do alto da cabeça à extremidade dos dedos, obtemos uma circunferência dividida em cinco partes iguais, formando um triângulo equilátero com o umbigo», (Agrippa von Nettesheim, De occulta philosophia, in ROOB 2006:432).

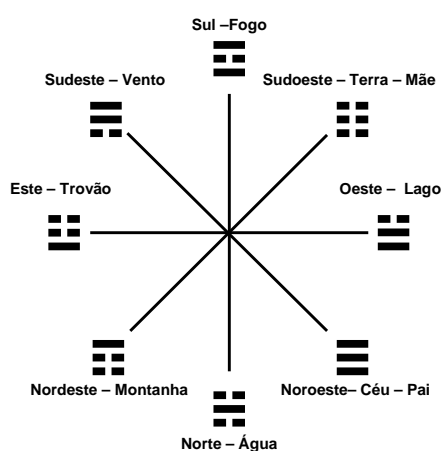


Figura 10 – Pa-k'ua terrestre e a sequência dos trigramas sendo os elementos diferentes do pa-k'ua celeste. O quadrado mágico pode ser usado em ambos os casos tendo as estrelas elementos diferentes consoante se trate de exterior ou de interior.

Os trigramas são uma escrita simbólica dos ciclos do universo, a polaridade é dada pela linha diferente e a imagem é a forma do que representa. O receptivo, três linhas quebradas, alberga toda a obra da criação, e o criativo, três linhas inteiras, capacita a própria obra da criação. Com duas linhas inteiras, o fogo queima sendo a mobilidade dada pela linha quebrada. A água é um trígama que sugere adaptabilidade ao fundo com grande mobilidade à superfície, sendo o seu carácter como elemento dado pela linha inteira. O vento encosta-se às camadas da atmosfera em cima, no entanto à superfície é murmurante e adaptável, carácter dado pela linha quebrada. O lago de montanha encaixa-se entre fragas, reflete o céu, e a sua ondulação superficial é dada pela linha quebrada. O trovão, a palavra celeste, é uma energia que desce intempestiva e estala em contacto com a terra, carácter que lhe é dado pela linha inteira. A montanha, é o ímpeto terrestre que sobe, o telurismo subjacente mas limitado à superfície, carácter dado pela linha inteira.

01.3 – O lugar

Observar as configurações do relevo é compreender a estrutura energética original. Se as montanhas na paisagem dão a sensação de movimento, então nasce o poder do dragão. Se a água se torna quieta e calma é porque acumula poder. Os opostos são impenetráveis, assim

o grande *yang* pode equilibrar-se com o pequeno *yin*, e o grande *yin* equilibra-se com o pequeno *yang* ou seja, as montanhas que se movem e as grandes águas tranquilas mostram a acumulação de poder nos locais (ver figuras 11, 12, 13, 14, 15).



Figura 11 – «Envoltente de Água», (WALTERS 1995:59).



Figura 12 – «Envoltente de Madeira», (WALTERS 1995: 52).



Figura 13 – «Envoltente de Fogo», (WALTERS 1995:54).

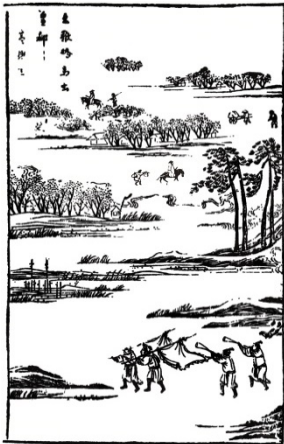


Figura 14 – «Envoltente de Terra», (WALTERS 1995:56).



Figura 15 – «Envoltente de Metal», (WALTERS 1995:58).

A linguagem do homem deu aos lugares o valor cultural com paralelos muito fortes e identificáveis nos ambientes urbanos. O dragão dominante à esquerda é mais elevado que o tigre à direita. O centro, o *ming tang*, tem a vista à frente e a proteção atrás. Estas configurações aparecem na natureza e na urbanidade, e é importante reconhecê-las. O arquiteto tem uma faceta artística e uma sensibilidade que lhe permitem uma leitura e uma apreensão inata do espaço, sendo a noção de orientação e localização essenciais ao estudo do local. O ambiente obriga-o a uma consciência que o leva a entrar em empatia com o lugar. Introduzir um elemento pode garantir o ciclo de geração obrigando o *ch'i* a circular. É bom lembrar o que nos diz a tradução do *I-ching* de Wilhelm²⁰, o Ta Chuan ou “O Grande Comentário”.

Enquanto fazedor de objetos o arquiteto, transformador de uma paisagem e integrador de um habitat, necessita da reflexão sobre o arquétipo, a imagem, o cânone que matematicamente procura traduzir através do seu processo criativo não devendo esquecer que

há um limite entre a mente e o espírito. Querer que a mente se escape ao fenomenológico e penetre o mundo do ignoto é absurdo pois as suas naturezas não correspondem. As disciplinas de carácter intuitivo podem levar o homem a desprender-se do mundo limitado do “*actante*”²¹ retirando-lhe a condição que a mente lhe confere como participante para passar a olhar o mundo dos fenómenos como observador. Esta postura parece absurda pois a mente ao retirar-se pode levar ao suicídio filosófico entendido como a “*postura dos imortais*”²² como refere Wong. A capacidade de restabelecer o equilíbrio é procurada no corpo humano e nos lugares, sendo ela a leitura intuitiva indispensável do espaço.

O lugar necessita de uma abordagem cíclica, pois nem todos os elementos surgem de forma óbvia à partida. O alento da natureza, *Hi*, ou *ch'i*, estuda a troca energética entre *yin* e *yang* no universo. A organização do alento produz a ordem da natureza ou *Li*, e este é o mundo arquetípico. Eitel²³ refere a capacidade da energia se manifestar através de diferentes proporções. So, o que introduz uma numerologia profunda da proporção na natureza, o mundo das formas aparentes ou *Ying*, o mundo fenomenológico. *Li*, a ordem da natureza, olha-a enquanto arquétipo não incluindo as mutações. O *ch'i* também estuda a meteorologia dos elementos e dos planetas, madeira, a chuva, metal, o bom tempo, fogo, o calor, água, o frio e terra, o vento.

A terra, como o homem, tem correntes magnéticas que influenciam as estruturas assentes sobre elas. As linhas *ley* são *yang* e *yin*; na China diz-se que apontam sempre para sul. No hemisfério norte elas foram usadas pelos povos antigos em locais protegidos favoráveis ao homem e às redes viárias. São os primeiros ensaios de adaptação ao ambiente; não podendo controlar os elementos, o homem segue-lhes a natureza. O III Reich desenvolveu grandes estudos sobre as linhas telúricas concluindo que dominar a energia vital do planeta, que flui entre os dois polos, seria controlar psicicamente as nações em especial nos pontos em que as linhas *ley* se cruzam. O nível freático é uma forma de telurismo que influencia muito os locais. No séc. XX o Barão von Pohl²⁴ estudou estas correntes que causavam doenças. Linhas nocivas desenvolvem-se ao longo dos cursos de água subterrâneos e propagam-se facilmente através dos ferros das construções constituindo autênticas gaiolas de *Faraday*; nas construções de pedra e cal estas correntes só afetam onde passam. A rede *Hartmann* é uma rede telúrica com a orientação dos pontos cardeais e pode ser estudada com radiómetros. É constituída por linhas de cerca de 21 cm, as linhas com orientação N/S distam de 2,5 metros, e na orientação E/W é de 2 metros²⁵. A rede *Hartmann* não é aconselhável nos pontos em que as linhas se cruzam. Campadello²⁶ refere a alteração energética entre o hemisfério norte e sul, as emanações magnéticas do planeta que correm de N/S no hemisfério norte e de S/N no hemisfério sul. O estudo das formas não sofre alterações, quanto ao uso do quadrado mágico lembramos²⁷ que ele responde ao planeta Terra, sendo usado da mesma forma no hemisfério norte como no hemisfério sul.

Esta linguagem cósmica e telúrica caracteriza os lugares, manifesta-se no *genius locci* e desenvolve-se tanto na paisagem rural como na urbana. *Ch'i* é um vocábulo entendido como energia, vitalidade, corrente de ar, e outras conotações, sendo a mais adequada sopro de vida ou vitalidade. Tal como a medicina chinesa procura o equilíbrio energético no corpo humano, assim o *Feng-Shui* o faz nos lugares²⁸. As grandes alterações do lugar vão estar sujeitas ao mesmo ritmo de contração e expansão relativas aos valores energéticos *yang* e *yin* do universo. Lévi-Strauss²⁹ refere este movimento como fator ordenador que também regula a sociedade como fator entrópico que facilmente gera o caos na sua ânsia de conforto e modernidade. A geomancia ao detetar a natureza do espaço é capaz de dirigir a mutação do lugar sem ser muito evidente. Todos os que se debruçam sobre os fenómenos sociais constataam a presença dessas mutações e procuram uma razão elaborando inqueritos. A verdadeira causa porém, está oculta na própria natureza do local. O espaço que se expande causa a mutação na natureza dos lugares e sua relação com o universo, a orientação, a relação com o centro, biunívoca com o espaço, é intimista e voraz obedecendo à linguagem do tempo que se revela nos momentos históricos. A visão tradicional de raça não segue os princípios antropológicos, pois não levam em conta as características genéticas, mas acabam por estabelecer verdadeiras “raças invisíveis”⁸⁰. É uma leitura das características das comunidades biológica e social, que tem a genética como condicionante. Esta visão antropológica responde aos problemas dos lugares e da geomancia, com questões como a salubridade e insalubridade, a topografia que condiciona o regime de ventos, onde está a água, e a insolação, que também influenciam fisiologicamente os seres humanos, condicionam os hábitos sociais e culturais, e acabam por desenvolver uma adaptação biológica ao lugar. A visão holística da geomancia leva à integração do homem no seu universo.

Jing-Nuan³¹ enquanto médico e filólogo interpreta o *I-ching* referindo a coincidência dos hexagramas e as fitas de DNA, 64 nodos de identificação dos cromossomas que definem o nosso código genético, evidenciando a ligação do espaço ao homem. Para este autor o *ch'i* tem dois significados. Um é “*estranho*”, são os pontos de acupuntura que surgem como buracos energéticos criados por disfunções físicas, que não aparecem em todos os seres humanos nos mesmos locais, e são olhados como “*Portas Maravilhosas*”⁸² para um espaço e tempo escondidos. O outro é “*energia*” ou vitalidade com padrão regular. Na transposição para o mundo físico³³, faz a ligação aos mundos subtis explicando-nos serem o sol, a lua e as estrelas, essas “*Portas Maravilhosas*”; são momentos únicos em que se dá um hiato do tempo no espaço, e conhecidos como lugares mágicos. As construções humanas estudadas que cumprem essa função, escolhem nós energéticos sobre correntes magnéticas. Têm um nível físico, um nível temporal e um nível ritual que o *Feng-Shui* trata como exteriores e interiores ao homem, um *genius locci* construído. A terra e o corpo humano aparecem com uma relação intrínseca mutante em que a arquitetura tem a medida do homem, trata-se o espaço como se

trata o homem, como se trata o planeta, todos eles espaços vivenciais como explica Jing-Nuan³⁴, (ver a figura 16).

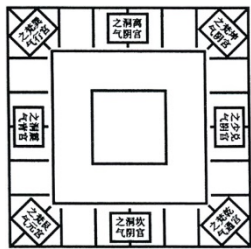


Figura 16 – «Plano de um altar taoista», (JING-NUAN 1991:vii).

Yu, o grande mestre, percorreu a China executando trabalhos de hidráulica para controlar as enchentes dos rios. Os caminhos aquáticos levaram-no ao limite da compreensão do *ch'i* da água. O seu percurso obedeceu à mítica dança de Yu, que segue a sucessão dos números do quadrado mágico, o *lo-shu* (ver figuras 17 e 18). A mesma ideia mítica aparece em Eliade³⁵ como sendo a origem da Árvore Cósmica, à volta do topo da qual circula a Estrela Polar que o *Feng-Shui* vê como o “Centro do Mundo”, que ordena o espaço da habitação e da abóbada celeste. Em que transcender o mundo, «especialmente indo para o alto, e temporalmente indo para trás, recuando»³⁶, como na sequência de Yu, em Jing-Nuan³⁷.

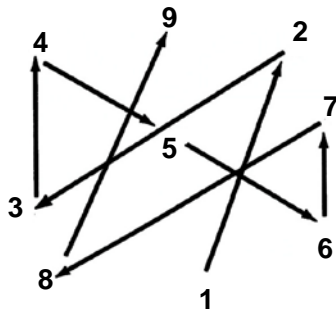


Figura 17 – «Sequência de passos da Dança de Yu», (JING-NUAN 1991:xiii).

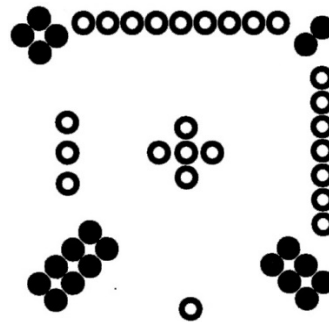


Figura 18 – «O lo-shu: A escrita do Rio Lo», (JING-NUAN 1991:xiii).

Os primeiros passos do xamã de Eliade³⁸ e a dança de Yu representam o passado; fluem no sentido *yang* de 1 a 3, e os últimos passos de regresso ao *Tau* são dados para trás, no sentido *yin*. Revivendo-se no espaço o ritual cósmico de saída do *Tau* e o caminho de volta ao *Tau*, sacralizando-o à volta do centro marcado pelo número cinco no quadrado mágico, o Axis mundi, o *tai ch'i* a imutabilidade que permite a viagem no tempo.

Aqui o *ch'i* liga-nos aos antepassados e responde ao código genético, uma ligação ao DNA (o número 64). Este fator faz a ponte entre o mundo subtil e o mundo dos fenómenos, a organização de um espaço genético. Isto aparece na arquitetura de todos os tempos, o espaço, a medida do homem, e Jing-Nuan³⁹ fala-nos numa dimensão física e objetiva, o homem a medida e espelho do todo. A energia vital circula no homem como circula no universo. No entanto, os princípios nem sempre se associam às ideias e às formas básicas. Ao reconhecer o *ch'i* dos lugares e trabalhando o espaço a partir da genética humana, cumpre-se o ritual sagrado.

A tradição ocidental é referida por Jing-Nuan⁴⁰ ao falar na semelhança entre *ch'i*, *pneuma* e éter, podendo ser encarados como a mesma coisa. No entanto o *ch'i* tem uma componente plástica material, uma imagem nascente. Compreender o *ch'i* obriga compreender o hiato do presente, o *Tau* onde reside a essência da mutação no corpo, no universo e nos lugares. O padrão regular do ritmo do espaço e do tempo. Ao espaço é imprescindível o uso da vara do tempo na marcação das direções. Para as mentalidades Gonçalves⁴¹ fala nos estereótipos culturais que influenciam a sociedade há três mil anos, sendo estudados pela psiquiatria, assim as soluções dadas no oriente não têm a mesma correspondência, a sociedade patriarcal ocidental tem raízes profundas nos valores e símbolos greco-romanos. As tendências culturais ancestrais devem regular a correspondência das soluções culturais e sociais na identificação com a tradição do lugar, a conotação da palavra *Sanyo* ou *Feng-Shui*, diz-nos que uma alteração a este nível pode não ter o resultado esperado⁴².

Este mesmo pressuposto aparece nos hexagramas que têm energias análogas e síncronas, «*Similar (qui) energies will seek each other*»⁴³. Esta sincronicidade leva-nos a crer que a verdadeira atração é causada pelo semelhante e não pelo oposto. A mesma ideia de sincronicidade aparece em Cícero que diz-nos: «*E, na verdade, em caso de dissensão política, e uma vez que os bons valem mais do que a multidão, entendo que os cidadãos devem ser pesados e não contados*»⁴⁴, um conflito com o atual número humano de identificação que sai fora do ritmo vital do universo. No ocidente os antídotos destroem a força capaz de reagir em vez de energizá-la, assim o geomante não deve perder de vista as semelhanças fenomenológicas e orgânicas, os antagonismos retiram ao ser humano a identificação com o espaço. O ser humano requer a caracterização do fenómeno vivencial que lhe é síncrono com a reconstrução em três níveis, o céu, a terra e o homem, presente nos hexagramas, e na leitura do espaço que conserva a sua própria natureza.

01.4 – O património

Ao longo do seu desenvolvimento o homem, profundamente ligado ao mundo subtil, foi aprendendo a viver no mundo exterior desenvolvendo valores de objectividade que culminam na nossa civilização com a personalização, a diferenciação. Este ponto de viragem exige novos valores de sensibilidade e de integração na natureza que tornam o homem um ambientalista, abandonando o pessoal, reaprendendo a integração no universo e no cosmos. O espírito do lugar, o *genius locci*, antecede a modelação cultural e esta pode adormecê-lo durante séculos num desenvolvimento urbano/rural contra a sua natureza. Restaurar o *genius locci*, reintegrar o lugar na sua nova envolvente cénica, requer o reconhecimento deste génio, as suas apetências, a sua vocação primordial, a mutação e atividades síncronas. O valor que nos preocupou na tese de mestrado “*O Património e o Turismo nos Planos*”⁴⁵, definiu um modelo de avaliação do

património, como identificador do valor e da mais-valia, sendo o reconhecimento dos locais e da sua emanção fundamental.

A Tradição de Vitruvius perdeu-se progressivamente com as mudanças introduzidas por Alberti e Palladio⁴⁶, que transformaram progressivamente a arquitetura e o urbanismo em alinhamentos que se mantêm no campo restrito da imaginação, esquecendo as forças do universo, mostrando uma incapacidade de integração no ambiente, ou seja, o homem separou-se do todo. A Nova Carta de Atenas e o urbanismo do séc. XXI vão em sentido oposto com a sustentabilidade e a manutenção do ambiente. O desenvolvimento socioeconómico ligado à vivência humana mostra a presença da adaptação do macroespaço ao microespaço e à privacidade olhando as apetências desqualificadas, sociais e urbanas, mantendo esses espaços livres evitando riscos desnecessários. Heidegger ao dizer «*Le lieu fait entrer dans une place la simplicité de la terre et du ciel, des divins et des mortels, en même temps qu'il aménage cette place en espace*»⁴⁷ dá-nos uma leitura geomântica e tal como Lao Tzé fala num céu e numa terra não humanos, o homem mortal sofre a sua influência do exterior, e mais adiante «*En tant qui est la double mise en place, le lieu est une garde du Quadriparti ou, comme le dit le même mot, une demeure pour lui*», uma visão que coincide com o que chamamos de orientação, ou seja, a relação com o “*Quadriparti*” e ao mesmo tempo a localização, a relação pessoal com a morada, o centro aglutinador do habitar pessoal. E Heidegger vai mais longe ao dizer «*Ménager le Quadriparti: sauver la terre, accueillir le ciel, attendre les divins, conduire les mortels, ce quadruple ménagement est l'être simple de l'habitation*»⁴⁸. Este olhar para além de quádruplo, ou seja o lugar do céu e da terra, o lugar sagrado e o lugar profano e mortal é uma leitura geomântica. Heidegger⁴⁹ ao falar na partição em quatro e na quadratura por serem operações intemporais sempre presentes na definição do espaço dá uma visão geomântica, no entanto, não é importante a definição de qual das modalidades se usa, há uma circunstancialidade inerente ao local e ao objetivo consoante se “*constrói – construct*” ou se “*habita – build*”. O espaço geomântico é um espaço pragmático, um espaço real onde os fenómenos decorrem e não um espaço filosófico e muito menos um espaço virtual; a imagem que procura representar é uma imagem do real e não uma imagem virtual, não podendo nós deixarmos de acrescentar que a realidade virtual é completamente ilusória e não tem qualquer realidade no mundo de manifestação tridimensional, podendo existir em dimensões paralelas mas estando sem dúvida fora do espaço e do tempo. A geomancia no entanto, obriga-se a uma previsibilidade ambiental e social, sendo o homem a peça mutante do sistema.

Lugar e envolvente implicam um panorama, a frente, o dragão à esquerda e o tigre à direita. A configuração básica é difícil de encontrar na urbanidade e as analogias devem ser feitas com o natural. A proteção define o rectângulo de alinhamento fazendo-se a partir daí uma análise detalhada⁵⁰. A envolvente, a presença de água, de árvores de grande porte, espaços abertos, pilares e postes, arcos, edifícios altos, tipo de telhados, estradas e ruas, fios de

telefone e de eletricidade são importantes no exterior; no interior, a direção das portas, o *tai-ch'i*, o centro, são essenciais, o poder do centro estando presente no carisma da imprevisibilidade e a circulação por isso devendo ser mantida. O valor da orientação tem o carácter imutável do universo e o dragão de água e de terra devem ser reconhecidos. O Norte Magnético altera-se constantemente tendo o Norte Geográfico maior precisão⁵¹. O dia e o ano têm as mutações das correntes magnéticas, mas não são significativas. O campo magnético da terra é suficientemente forte para provocar alterações nos lugares, nas casas, e no corpo humano. O comportamento da agulha magnética da bússola faz leituras de variadíssimos fatores. Skinner⁵² refere o tratamento da água de superfície e no subsolo, não esquecendo que a orientação deve fazer um desvio de 2 a 5 graus nos pontos cardeais. Os trigramas fazem a leitura do existente, natural ou património. Nos exteriores o arquétipo, nos interiores a mutação, o reino do homem, o seu espaço vivencial e personalizado. A vivência urbana é em simultâneo exterior e interior, o sonho humano, sendo importante a contiguidade. Em *Feng-Shui* é necessário uma orientação e uma localização (relação com o centro) corretas, e uma ponte com a envolvente e as atividades presentes. As formas regulares têm uma conotação, *mandalas*, e só poderão ser bem-sucedidas em edifícios de grandes dimensões⁵³, a sua regularidade celeste subtrai a irregularidade do excesso que invade a escassez.

Os conceitos de espaço e tempo, importantes para o património, deixam-nos observar as identidades sucessivas, os *genius locci*, que ao mudarem transformaram o espaço ao longo do tempo. Se por um lado Heidegger nos fala dos novos conceitos de tempo, nascidos das teorias de Einstein, eles acabam por coincidir com os conceitos antigos. Por outro não podemos deixar de referir «*the measuring of nature within a system of space-time relations*»⁵⁴, a relação entre o espaço e o tempo, o espaço horizontal e o tempo vertical, pois ao cruzarem-se estes círculos, fica definida a esfera onde o espaço e o tempo não existem separadamente, o que coincide tanto em Einstein como em Aristóteles; hoje em dia a sua medida é relativa, pois nos processos digitais a localização do círculo temporal dissociou-se do espaço, sendo estes aspectos importantes em geomancia e tornando-se impossível compreender verdadeiramente o espaço sem penetrar nos mistérios do tempo. O ciclo anual, o tempo de viver e o tempo de partir, as horas minutos e segundos, assumem uma importância insuspeitada, o espaço tem também a linguagem do tempo do fuso horário, e a hora local é sempre a hora apropriada, o que hoje em dia também pode ser um engano com as horas legais, hora do fuso e hora de verão que acabam por alterar o tempo. Os antigos *lo-p'an* não se dividiam em 360 graus mas em 365 partições, calculando-se o tempo no espaço transferindo-lhe a sacralidade do local e a intemporalidade da criação. Fragoso diz ser a «*quarta dimensão, o tempo*»⁵⁵ no entanto o espaço geomântico pode ter várias dimensões inclusas no seu estatuto horizontal e a coordenada vertical a polaridade com o infinito o tempo. O tempo é pois a 3ª dimensão, a 4ª dimensão é do foro da psicologia e da psiquiatria e está no mundo material não visível. Durante

milénios o arquiteto, para delimitar o seu espaço de intervenção necessitou sempre da vara do tempo, a vara cuja sombra lhe dava a correta posição no universo, a quadratura do círculo. Ao olhar uma bússola de geomancia percebemos que o seu design é, por si só, a imagem da quadratura do círculo, a operação de complexidade discutível; ou se insere um quadrado no círculo ou os quatro quadrantes são já os quatro sectores do círculo quadrado. Vamos aqui buscar o homem de Vitruvius com o *Axis mundi* no centro, a comunicação com o universo, como também o quadrado mágico com o número cinco ao centro, e como já foi referido anteriormente, o número do homem. A linguagem é idêntica, não há contradições nem dissonâncias nos significados dos números, do homem e do espaço integral, da esfera ou dos círculos que se cruzam.

O modernismo trouxe soluções que Rodrigues⁵⁶ refere como organicidade ao estudar Álvaro Siza. Em geomancia é um aspecto da compreensão do espaço existencial, o lugar onde se insere o objecto, o lugar onde se insere o homem. A compreensão dada pelo *Feng-Shui* já não é um atavismo, mas uma leitura racional e probabilística que contem as sementes da sabedoria antiga do *I-ching*. O mesmo autor olha a metamorfose na obra de Álvaro Siza, no entanto esta mutação presente na pele dos lugares, o limite exterior e interior, requerida pela existência e pela vivência, permanece imperecível enquanto o elemento mutante é o homem. Temos aqui uma interrogação: onde está o arquiteto? Associa-se ao céu e à terra, com as humanidades ausentes, ou associa-se à humanidade, tornando-se “actante”⁵⁷ no mundo dos fenómenos, perdendo o céu e a terra. A resposta da geomancia é apenas uma, não inclui uma relação subjetiva com o espaço, tratando-se de uma leitura matemática e científica. O geomante é um fractal, está no limite entre a organização e o caos.

1 TZÉ, s.d.:10.

2 WONG, 1996.

3 WALTERS, 1995:10.

4 HANI, 1981.

5 WONG, 1996:19.

6 WONG, 1996:23.

7 HOLDSWORTH, 2009.

8 HOLDSWORTH, 2007.

9 WU, 2003:xxxi.

10 WU, 2003:xiii.

11 WALTERS, 1995:166.

12 SKINNER, 2008:37.

13 MARQUES, 2005:20.

14 MARQUES, 2005:212.

15 HOLDSWORTH, 2006.

16 LIP, 1995:62.

17 LIP, 1995.

18 BRAZINHA, 1989:401.

19 HOLDSWORTH, 2006.

20 «1 – O Livro das Mutações contém um quádruplo Tau dos santos sábios. Ao falar guie-se por seus julgamentos; ao agir guie-se por suas mudanças; ao fazer objetos guie-se por suas imagens; ao indagar o oráculo, guie-se por seus pronunciamentos», (WILHELM, 1992:240).

21 SANTA-RITA, 1995.

22 WONG, 1996:4.

23 EITEL, 1985.

24 CAMPADDELLO, 1998.

25 CAMPADDELLO, 1998.

26 CAMPADDELLO, 1998:36.

27 CHELALIER; GHEERBRANT, 1994:551.

28 LIP, 1986.

29 LÉVI-STRAUSS, 2012.

30 LÉVI-STRAUSS, 2012:146.

31 JING-NUAN, 1991.

32 JING-NUAN, 1991:vi.

33 JING-NUAN, 1991:vii.

34 «Where and what are the doors to this celestial dimension? In my first introduction I speculated about cracks and gaps in the fabric of

normal space-time. I also mentioned the *qi xue*, the energy holes used in acupuncture on the human body. In addition to the major energy holes, which are called acupuncture points, there can be additional or surplus *qi* holes. The multiple meanings of the word “qi” are important here. *Qi*, meaning “strange” and *qi* meaning “energy”, are different words in Chinese, but they are the same Romanization: *qi*.

The meaning of this “strange” *qi* includes two levels that are both important to us. The first is this *qi* ideogram, which means “strange, wonderful, rare, extraordinary in nature”. Its second meaning concerns a numerical value; it means, “odd, single, surplus, orphan”. The first *qi* is descriptive. We should look for something wonderful, beyond the ordinary. The second meaning gives clues about timing; *qi ri* means the odd days of the month, which by extension involves a mathematical meaning: it may point to a remainder. I see it embodied in the leap year, an oddity which does not fit neatly into the calendar year.

As acupuncture points, *qi xue* were not named. Why? They are of a transitory nature with no fixed abode. They come and go. They manifest with trauma. A punch to any place on the body produces this odd extra energy holes which is outside the normal count.

In Taoist practice there are secret practices to calculate and to enter the *qi men*, the “wondrous door” to the *dun jia*, the “hidden time”. Moreover, *dun jia* also means “simultaneous time”. Hidden and yet simultaneous. Perhaps this is an ancient acknowledgement of relative simultaneity which fits with modern physics.

“Wondrous” appears again in *san qi ling*, *The Three Wondrous Spirits*. The first spirit is assigned to the sun, the second to the moon, the third to the stars. The star spirit is the most powerful.

In their elaborate calculations to find the Wondrous Door, the twelve earthly branches and the ten celestial stems and their locked rotation give an answer. The shamans sought times of hiatus, *yin* times of non-action, times of mother and gestation. These unique openings to other dimensions manifest both in physical space and in time. Spatially, they occur naturally on the earth’s surface at intersections of *qi* energy lines to create nodes of power. Juxtaposition of an unusual moment of time opens the Wondrous Door.

At least two ways are available to pinpoint this physical space: 1. They may be found by *Feng-Shui*, the wind and water of geomancy to locate the dragon openings of the earth. Major physical points are well known: Mt Tai and other sacred mountains of China, the Pyramids and Stonehenge. Over time, these sites have become famous as places where miracles and wonders happen, and many have been endowed

with great spiritual significance. 2. A Wondrous Door may also be built. Churches, altars, shrines and temples an human attempts to make physical these nodes of energy. But the physical dimension is only the first level of three. The second level is timing. There has been a rhythm to time, which has been formalizes and agreed upon in certain times such as the Sabbath, Halloween, and the days of *jie qi* energy nodes. These are times when communication with other worlds is more possible. The third dimension is ritual. Whether dance, or song, whether incense or prayer, whether by water or by fire, ritual, like *de Yi Jing*, turns the lock of the Wondrous Door. The architecture of a Wondrous Door can follow the plans of a Taoist altar», (JING-NUAN, 1991:vi-vii).

35 ELIADE, 2000.

36 ELIADE, 2000:126.

37 «But Yu’s need was to influence the future – not to go with the current, but to make the floods recede, thus he counts backwards. This is supported by the *Yi Jing* in chapter three of the *Shuo Gua*, the Discussion of the Trigrams “the numbering of the past is flowing with the current, the knowledge of the future is countercurrent, this causes the *Yi* to count backwards”», (JING-NUAN, 1991:xiii).

38 ELIADE, 2000.

39 JING-NUAN, 1991:25.

40 JING-NUAN, 1991:27.

41 GONÇALVES, 2012.

42 LIP, 1995:61.

43 JING-NUAN, 1991:31.

44 CÍCERO, 2008: 226.

45 MARQUES, 2005.

46 HABRAKEN, 2005.

47 HEIDEGGER, 1958:188-189.

48 HEIDEGGER, 1959:189-190.

49 HEIDEGGER, 1958:214.

50 HOLDSWORTH, 2007.

51 SKINNER, 2008.

52 SKINNER, 2008:40.

53 LIP, 1986.

54 HEIDEGGER, 1992:3E.

55 FRAGOSO, 2001:21.

56 RODRIGUES, 1995.

57 SANTA-RITA, 1995.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

O templo cristão como tema dos Casos de Estudo, leva-nos ao reconhecimento do *genius locci*, ideia já desenvolvida no mestrado, que «a escolha do local passa pois, por um reconhecimento do “genius locci”, adaptando-o, de alguma forma aos objectivos do segmento de mercado considerado»¹ e, mais à frente, que «é necessário por isso, percorrer o local palmo a palmo e sentir o cheiro da vida presente». Este reconhecimento da energia usando-a dentro do seu carisma levou a uma metodologia que trouxesse à tona o que Jung² chamou de “sincronicidade” ou seja, os locais têm vivências simpáticas que tendem a repetir-se ao longo do tempo, o que a geomancia ajuda a identificar adaptando-as a novas identidades, garantindo assim o património, e uma sociedade psicologicamente e mentalmente saudáveis.

O Capítulo II analisa o espaço sagrado e o *genius locci*, a sua relação com o homem e o uso do espaço; depois o templo cristão estabelece uma metodologia geomântica do património, e por fim a numerologia surge como elo entre o ocidente e o oriente.

02.1 – Espaço Sagrado – *Genius locci*

A antropologia olha o homem que toma consciência do mundo à sua volta, mas antes ele perde consciência do que está à sua volta, separando-se do todo, a integração no meio ambiente fá-lo tomar consciência da sua relação com o universo. O mito da criação cria um *imago mundi* que aparece nos templos, nas cidades e nas casas, como cenário mítico do grande drama cósmico, na desconstrução do mito ele é trazido para o mundo profano. O homem tenta reproduzir na matéria a imagem sagrada, e ao usá-la, profana-a. O espaço profano onde realiza os seus rituais fica sacralizado num tempo diferente, o inverso da desconstrução.

O espaço aparece com inúmeras dimensões compreensíveis, uma delas é a forma de representá-lo. Essa representação corresponde a uma abstração, a esfericidade da visão impede a realidade. Panofsky³ diz ter o espaço uma relação psicofisiológica, a componente “actancial”⁴, sugerida pelo seu uso. Esta ambivalência do espaço vivido e do espaço medido é a ponte com o universo, o espaço esférico, um espaço mítico. A leitura tridimensional é um artifício da bidimensionalidade. Quando olhamos o universo, a sua esfericidade implica um deslocamento temporal, a concentração que equilibra a expansão inerente ao espaço, *yang* e *yin*, ou seja, são contrapartes da mesma energia. A triaxialidade dá-lhe uma rigidez ilusória e inexistente, a visão tecnológica aproximando-a da esfericidade dos antigos. Ao anular o conhecimento filosófico antigo, a ciência retrocedeu para depois “redescobrir” o que já estava na tradição. Será que no final a ciência não voltará a integrar-se na esfericidade da filosofia antiga e da magia? Para Bruno, o geomante não era considerado mago, mas antes «*funda-se na observação matemática*»⁵, não o incluindo na chamada ciência natural ou magia. A geomancia oriental usa cálculos muito elaborados e uma bússola; no entanto Eitel⁶ com a sua

afirmação reporta-a para uma ciência natural mágica. Bruno⁷ ao explicar-nos os vínculos da magia, deixa-nos perceber toda a essência da mutação. O mais curioso é a estrutura destes 20 vínculos que até ao 6º falam da ligação dos espíritos ao universo, os outros 14 refletem uma ordem social. Esta organização é semelhante à dos 64 hexagramas, o que nos leva a crer estarmos em presença de linguagens diferentes de uma mesma realidade.

A geomancia e a geografia sagrada são de certa forma análogas. A geografia sagrada obedece a um arquétipo celeste e envolve energias estelares exteriores ao planeta; a geomancia olha as energias ligadas ao telurismo, à forma inicial, à força criativa do cosmos, incluindo as alterações e manipulações energéticas do homem ao construir os seus habitats. Esta sacralização transmitiu também valores simbólicos aos lugares: a cidade, o *mandala* habitado, e a habitação com a mesma conotação, as quatro direções definem o *mandala* habitado pela criação. Aniela Jaffe explica esta relação do espaço e do tempo⁸, e a sua ligação ao mito⁹.

Ora o mito não passa da memória da origem, a recordação é a história do que se esquece¹⁰. A relação de inerência entre existência e vivência deve ser analisada, ou seja, a existência requer a sacralização enraizada na memória das colectividades, a vivência e a tradição traduzem esquecimento e transformação. A diferença está na capacidade transpessoal da memória do espaço cósmico que se transmite ao uso pessoal. No *I-ching* estes dois movimentos da memória, paradigma da mente humana, são também objeto do estudo da psiquiatria e da psicologia. Citando Eliade, «o ritual anula o tempo profano, cronológico, e recupera o tempo sagrado do mito»¹¹, o valor do mito torna-se capaz de conquistar o mundo, organiza o natural na paisagem cultural. A geomancia procura a integração no ritual cósmico, «o modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas»¹². Talvez por isso, regras e modelos, ao subtraírem-se deste fator, lutam com o perecimento do tempo histórico, ficando sujeitos às coincidências e frutos do acaso.

As patologias espaciais refletem o pulso humano, enquanto o ritmo sazonal, o pulso da natureza, em geomancia, os pulsos são decisivos no espaço vivencial e a medicina chinesa diz-nos: «*This is the natural law of yin and yang complementing each other; as one rises, the other descends. They thereby mirror the changes in the seasons*»¹³. E mais adiante, «*However, when the pulses fail to mirror the seasons, they have become pathological*».

Esta forma de olhar o espaço e o homem mostram a leitura que os arquitetos fizeram durante séculos como sendo o espaço a medida do homem. O renascimento ao voltar-se para os hipocráticos¹⁴, para os elementos que identificou no corpo humano, chamou-lhe de teoria dos humores; no entanto a medicina chinesa do terceiro milénio a.C. já se baseava nos elementos como característica do microcosmo, com uma correspondência emocional relacionada com a resposta biológica aplicando este conhecimento até aos nossos dias, o ocidente pegou nele

através da arqueologia do renascimento, olhando os humores como sendo exteriores e não fazendo parte da condição individual o que caiu totalmente em desuso.

O *genius locci* tradicional remete para um espírito do lugar, um espírito tutelar individual; porém, presentemente pode ser considerado um ramo da fenomenologia com um sentido de atmosfera do lugar. O *Feng-Shui* requer para um lugar natural um espírito tutelar, um *genius locci* natural mas ao trabalhar a orientação e a numerologia encontra um *genius locci* construído, cultural, com a visão fenomenológica de Norberg-Schultz¹⁵. Para o médico Jing-Nuan¹⁶ este ambiente especial inclui o lugar, o homem e o planeta.

No espaço existencial definido por Norberg-Schultz¹⁷ a relação com o exterior, o carácter dado pela função, a orientação e a identificação constituem o *genius locci*, ou o espírito do lugar. A sequência dos fenómenos tangíveis e intangíveis, definem o ambiente do lugar. Ao observar o espaço pretende-se não participar do fenómeno, no entanto a dissociação é difícil. O carácter liga o lugar a fatores qualitativos e quantitativos. A estrutura relaciona o espaço e o carácter. A arquitetura olha o espaço interior e exterior, enquanto a paisagem ordena a envolvente dos centros urbanos, limite da atividade vivencial. Em *Feng-Shui* a estrutura do lugar é a interação do céu e da terra. O seu carácter a capacidade de um conter a semente do outro. O *genius locci* dos gregos e dos romanos, um espírito guardião que os assistia desde que nasciam até à morte. A sua disposição dá a compreensão do mito, do céu e a inerente resposta da terra. A construção do homem serpenteia entre elas usando o imaginário colectivo, a sua ligação ao criador, que caracteriza o espaço existencial.

Jung, no seu prefácio do *I-ching*¹⁸, encara a causalidade dos fenómenos e a probabilidade de acontecerem. Esclarece sincronicidade como coincidência de eventos no *I-ching*. O tempo sincrónico é um tempo orgânico, cuja leitura se confunde com a causalidade. No entanto o *I-ching* é aleatório, e esse aspecto traduz um arquétipo mutante, a coincidência e a causalidade quase se confundem. Wilhelm¹⁹ diz serem os hexagramas imagens de fenómenos cujo padrão obedece às linhas que mudam entre o firme e o maleável, sendo essa a fenomenologia do universo. O aleatório é o impessoal do *I-ching* e aparece na geomancia oriental olhada como mais-valia aplicada ao quotidiano. A fenomenologia dos hexagramas e a intemporalidade do universo reúnem-se numa ciência natural, mágica, que levada aos seus limites abandona os valores filosóficos da sua origem. O homem está incluso no mundo dos fenómenos e procura a compreensão do Criativo e do Receptivo com resposta na fenomenologia. A imagem transmite a ideia da forma inicial, a transformação podendo inferir a inerente sucessão dos fenómenos. Esta visão não é um oráculo mas uma observação. O oráculo prevê um julgamento e uma decisão, uma atitude moralista. A geomancia prevê o estabelecimento do *Axis mundi*, as forças que o homem não domina, diretamente relacionadas com os elementos, o *ch'i* do homem, as modificações introduzidas no espaço vivencial, cultural e na estrutura perene dos lugares.

Perder um *genius locci* é perder a identidade do local. O desenho arquitectónico não é capaz de lhe restituir a personalidade, são antes necessárias atividades ligadas ao seu espírito. Costa²⁰ diz ser o *genius locci* uma expressão da identidade do lugar, no entanto, essa identidade parece antes a expressão dinâmica das atividades desenvolvidas que se desligaram das imagens e paisagens do passado, elas mudam inevitavelmente com o tempo, mesmo sob proteção elas não permanecem. Prevalece a interrogação, manter a imagem ou a essência. A essência do *genius locci* mantém o espaço como cânone celeste, sofrendo a imagem as inerentes adaptações à nova realidade, as atividades afins ao *genius locci* definidoras da personalidade do local deverão ser preservadas, não devendo nós vesti-lo mas antes despi-lo para que se possa continuar a ver. A imagem poética no seu aspecto ontológico²¹ não define o passado mas tem uma personalidade associada. Ao caracterizar um espaço a geomancia dá-lhe uma personalidade pertença de um *genius locci* que o acompanha sempre. O seu carisma relaciona-se com a sincronicidade dos fatos da sua história e a sua análise não deve favorecer a troca de identidades.

A geomancia trabalha o espaço exterior com o arquétipo do natural e o interior com o sonho humano, um espaço vivencial; aqui a matriz do exterior extravasa para o interior levando a adaptações. O somatório de pessoas e sonhos reconstruem um espaço interior no entanto esta construção humana tem a poética de quem lá vive, no exterior a referência à matriz do universo, e a sua mudança coberta com o manto estelar. Este aspecto cósmico do espaço é ilimitado no tempo e no espaço, o homem olha-o como a morada para além da sua dimensão. Apesar de tudo, o espaço do universo é real, e o espaço geomântico torna-o eternamente presente nas moradas dos homens, não sendo pois um espaço filosófico. Tal como os cofres a que geomancia atribui o duplo sentido de cofre e de túmulo, lugar onde se guardam coisas preciosas, os elementos não ativos são túmulos energéticos, energia em hibernação. Bachelard²² fala desses cofres que contém segredos que se mantêm no mais profundo sigilo, dos guardados que retêm o brilho da lembrança. Bachelard diz-nos que «*todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta são chaves do universo, do duplo universo do Cosmos e das profundezas da alma humana*»²³, uma chave para a precisão da linguagem e do significado. O geomante ao trabalhar o espaço retira das profundezas da sua alma a leitura precisa do lugar com a chamada “*postura dos imortais*” já referida. Não é uma poética nem uma filosofia, o simbolismo assumindo o valor de uma linguagem que traduz o que se deve calar, a essência da mutação, da metamorfose que começa nas profundezas da alma humana e acaba na integração com o universo, numa operação ímpar de união. A “*esfera*” de Parménides²⁴ assume uma imagem de perfeição difícil de ser rebatida: por um lado o ovo cósmico, a origem de todas as coisas, por outro, o ovo interior individual, o lugar para onde ele vai, que se identifica e se reintegra com o todo. É em simultâneo montanha e individualidade, o lugar onde o espaço perde a poesia, esquece a personalidade e também deixa de ser cósmico, passando a

integrar a sequência dos fenómenos. O espaço geomântico tem sempre presente estes dois aspetos, o exterior irradia constantemente o brilho estelar, no interior a mutação, a sequência dos fenómenos do interior do espaço e do interior do homem que habita o espaço, o motor de mudança, a dimensão do *genius locci* pessoal. A adaptação do interior à persona dá-lhe as condições de segurança e habitabilidade requeridas.

02.2 – Templo cristão

O templo cristão tem sido analisado ao longo de muito tempo deixando transparecer uma atmosfera simbólica muito própria. Lubicz²⁵ fala da relação entre a proporção do templo e do corpo humano da qual já falámos, no entanto, o quadrado mágico contém relações numéricas que também deverão corresponder à proporção no corpo humano; o espaço tem a proporção humana e o tempo regula a proporção divina.

Por outro lado no espaço sagrado, o mito transfere para o templo o retorno à origem na criação²⁶, a geomancia dá uma visão idêntica quando usa o *pa-k'ua* celeste nos exteriores, analisa o espaço na sua origem, e o novo uso reintegra-o numa nova envolvente carregando-o com a sua matriz energética. A transformação interior, com o *pa-k'ua* terrestre, confere-lhe a medida do homem. Ambas as leituras, exterior e interior respondem à magia do quadrado e da sua numerologia. Estes dados presentes na geomancia ocidental, olham o espaço como sendo a medida do homem, não só na métrica mas ainda na sua individualidade. O *I-ching* transmite ao espaço o mesmo carisma através do uso do *lo-p'an* e da sua cosmogonia. O espaço humano fica entre o céu e a terra, traduzindo um ponto intermédio, em que o ser humano é o *pivot* capaz de manipular o equilíbrio de ambas as energias na construção do seu habitat.

Ora, a arte cristã exprime a sua cosmogonia em conjunto com a função didática. O artista é apenas um instrumento sem importância, sendo a escolha do local o fator fundamental capaz de exprimir o carácter eterno da divindade através do ritual. Hani²⁷ diz-nos que o templo cristão obedece a um arquétipo celeste; a geomancia oriental olha este fator através do *pa-k'ua* celeste e a análise do lugar. Por outro lado Cristo insere-se no templo com a cabeça a leste e os pés a oeste como vimos anteriormente, a oeste a fonte de abluções e a pia baptismal sugerem a purificação, trigrama água a oeste, tem a conotação de purificação e de regeneração, aquele que entra no templo abandona o mundo e caminha para leste, anulando o ciclo solar e a sucessão dos dias e das noites. O altar a este, o lugar do fogo, do sol nascente, trigrama fogo, da pedra cúbica, do fogo sagrado genésico, da cabeça do Cristo, da santificação. A medicina chinesa diz ser a água a génese humana, e a cabeça o fogo criativo da mente. O baptismo da água na entrada e o do fogo no altar, contêm uma expressão cósmica e solar. O quadrado mágico transfere ao templo e ao lugar a beleza da matemática de Platão e de Pitágoras. O mesmo autor diz-nos obedecer o templo à difícil tarefa da quadratura do círculo, de que já falámos anteriormente²⁸. No entanto, quanto ao templo pagão, diz Vitruvius no livro IV que

«for the altars of the gods should look to the east»²⁹, afirmando ainda que o Deus deveria olhar o sol nascente.

Na verdade, a quadratura do círculo é fundamental para o estabelecimento de um edifício, pressupondo-se já feita a escolha do local. A bússola geomântica, o *lo-p'an*, mostra-nos a quadratura do círculo. O disco central define a ordem cósmica, as marcações traçam o quadrado. A “ordem cósmica” aparece no *pa-k'ua* celeste e a “ordem terrestre” no *pa-k'ua* terrestre. É lógico que o quadrado mágico, enquanto ordem da geometria celeste, fizesse parte dos conhecimentos de Vitruvius, sendo o número de ouro e a divina proporção conhecidos desse autor, no entanto esse aspecto ficou oculto ou o autor não o conheceu, ou ainda intencionalmente o ocultou. Este quadrado também conhecido como selo de Ghazali e atribuído a Balinas, Apolônio de Tiana³⁰. Este mago pagão e cristão dava amuletos aos doentes com os números deste quadrado. É de notar a lógica de todo o conjunto, lógica que aparece tanto no ocidente como no oriente com a mesma conotação. E ainda, «este último é a quadratura do círculo solar»³¹ o que coincide com a finalidade da geomancia: 1) escolha do local perante a envolvente; 2) estabelecimento da orientação da construção em relação à envolvente; 3) equilíbrio entre o espaço e o “Círculo Solar”, ou seja, a harmonia entre o espaço e o tempo, que conjuga a filosofia vertical e horizontal também presente na cruz.

A geomancia, como ferramenta atual, desconstrói o mito, e transfere à morada dos homens as características celestes, o traçado geomântico do espaço dá-lhe a energia do mundo celeste e do mundo terrestre, capaz de construir um espírito do local, um *genius locci* no espaço em metamorfose. Quando Hani³² fala na Jerusalém Celeste refletida no templo, a harmonia do eixo solar aparece com clareza. As colunas do templo de Salomão³³, e a relação com o homem³⁴, também presente nas torres, uma tradição solar tardia³⁵, são marcações solsticiais. Estas torres, a NW o trigrama montanha, e a SW o trigrama vento, são referidas por este autor como a montanha, a concentração e a dispersão no *pa-k'ua* celeste. É mais curioso ainda é a relação com o ciclo solar, a NW o trigrama pai e a SW o trigrama mãe no *pa-k'ua* terrestre, o Sol e a Lua das colunas do templo de Salomão. Para completar esta ideia Hani³⁶ fala no som dos sinos, NW o trigrama pai a energia do céu que desce ao *pa-k'ua* terrestre e ao ciclo solar, o elemento metal, o espelho refletor do céu. No *pa-k'ua* celeste a NW o trigrama montanha representa as águas primordiais, e o trigrama vento o elemento fogo fecundante, ficando sugerido que a gênese ocorre na montanha, o lugar de recolhimento e se dispersa com o vento, o fogo frio da criação. Assim, Hani fala-nos da proximidade das «águas da Gênese, em que o Espírito de Deus pairava para operar na criação»³⁷, verificando-se que os elementos do *pa-k'ua* celeste na sua sequência recriam o mito, a N o trigrama da mãe dá nascimento à criação (água), a montanha a NW, a gestação (água), o “Espírito de Deus” a W, com o trigrama água responde ao fogo frio que fecunda as primeiras águas, a SW o trigrama vento (fogo), dissemina a criação. Verificamos que no *pa-k'ua* celeste os elementos seguem o ritual cósmico

que aparece no templo e no lugar do templo cristão. Continuando o mito da criação, a S o trigramas pai, o reflexo do céu (metal, espelho, imagem), a SE o trigramas lago (metal), e depois das cristalizações, a expansão acende todas as luzes do céu, a E o trigramas fogo (madeira), e a NE o trigramas trovão (madeira), passando a palavra às moradas criadas. No fundo desta espiral, a terra, as habitações planetárias, resultam no *Axis mundi*, e os organismos vivos estão prontos para surgir em todos os lugares. Hani³⁸ traduz essa ideia como fator lumínico com a decomposição cromática, a diversidade nascente. Verificando o equilíbrio dos opostos, a W o fogo aquático da gênese contrapõe-se a E do fogo ardente das ideias divinas em concretização, o batismo da água e do fogo.

O mesmo autor continua com os equinócios e os solstícios, chamando-os de “*portas celestes*”³⁹, o que coincide com a visão geomântica oriental, as direções cardeais com a inerente descida da energia pura dos elementos (N água, S fogo, E madeira, W metal), como foi dito anteriormente. O mesmo autor, mais adiante, diz ser uma ligação entre o espaço das direções e o tempo das estações, confirmando a visão geomântica na busca do equilíbrio e da harmonia entre o espaço e o tempo. Também Burckardt nos diz «*est essentiellement un passage d'un monde à un autre, son modèle cosmique est d'ordre temporel et cyclique plutôt que d'ordre spatial: aussi les “portes célestes”, c'est à dire les portes solsticiales, sont-elles avant tout des portes dans le temple*»⁴⁰, mais uma vez as “*portas celestes*” que parecem sofrer de um desfasamento entre espaço e tempo, pois ao serem solsticiais não têm a orientação E/W, que são portas equinociais, no entanto a geomancia oriental o eixo equinocial é o eixo água fogo no *pa-k'ua* celeste, enquanto o eixo N/S no *pa-k'ua* terrestre corresponde realmente ao eixo solsticial, esta rotação energética corresponde à gravidez sinóptica de Jing-Nuan⁴¹, o hiato entre espaço e tempo, a sacralidade do lugar.

Nos cantos, os quatro animais sagrados, o nome divino “*YHWH*”, a correspondência com os quatro evangelistas, os “*ângulos*” ou “*pilares cósmicos*”, que suportam a cúpula, a «*passagem deste mundo para o outro*»⁴². A geomancia oriental diz, serem os ângulos, os túmulos ou a reserva energética do elemento não ativo na estação, também chamados “*Portões*”, capazes de comunicar com o mundo subtil. A NE o Portão dos Demónios, ou espíritos, com o signo de Aquário, o Homem, com o trigramas Montanha. Opondo-se a ele o Portão da Terra, no signo de Leão com o trigramas da Mãe, a gestação. O SE com o Portão dos Homens, no signo de Touro, com o trigramas vento, o zéfiro inspirador. Opondo-se a ele o Portão do Céu, no signo de Escorpião, a águia, que corresponde ao trigramas pai, sendo esta a leitura que aparece no *pa-k'ua* terrestre, o ciclo solar combina-se com as direções, pois é da esfera terrestre que se tenta escapar. Nas marcações cardeais a energia é elementar, nos ângulos essa energia oculta-se no cofre. Está-se pois em presença dum elemento essencial em geomancia, as chamadas 24 montanhas ou 24 *ch'i* que caracterizam também os 12 meses, com dois tipos de *ch'i*, correspondendo o segundo aos signos do zodíaco ocidental.

Os Labirintos⁴³, que têm expressão na antiguidade, nas culturas megalíticas, Grécia, Roma, na Idade Média que os usou na entrada dos templos, levam-nos a crer haver grande semelhança entre estes diagramas e a bússola de geomancia. Os de formato circular assemelham-se às bússolas mais recentes, e os quadrados e octogonais às antigas placas *shih*, gnómon que media as orientações dos locais (ver figura 19).



Figura 19 – «Amiens – O grande labirinto da nave», (HANI 1981, Capítulo XI: Labirintos).

A bússola de geomancia tem no centro o “Lago Celeste”, círculos concêntricos, e a divisão energética inerente à criação. No templo, o Labirinto assemelha-se a esta imagem, o crente ao entrar no templo segue o fio de Ariadne até ao altar, passando pelas estações da cruz, o caminho das almas purificadas. Hani⁴⁴ refere a semelhança do labirinto com a quadratura do círculo necessária à construção, aspeto a que já nos referimos, a repetição do rito cósmico e a sacralização do espaço. Ainda o mesmo autor fala do “quadrado mágico de Orléans-ville”⁴⁵, semelhante aos labirintos de Amiens e que se assemelha às antigas placas *shih* também já referido anteriormente. E na mesma página, observa a semelhança destes labirintos com os *mandalas* hindus constituindo um *imago mundi*, considerando haver correspondência na conotação destes diagramas e a imagem da Jerusalém Celeste, com paralelo nos jardins antigos, o local privilegiado de fresco, com orientação em cruz, como nas marcações da bússola de geomancia. Weiss diz-nos «Historically, the classic Chinese garden was deeply influenced by Taoism, the Philosophy of Lao-Tse. This thought reveals the essence of life as nature, and the essence of nature as sacred»⁴⁶, o que traduz bem o ritmo da alternância de opostos: a mentalidade ocidental que procura soluções com antídotos, o oriente que procura elementos síncronos, que respondem à integração no ritmo do universo. Ora isto pode ser olhado como ambientalismo: o homem tem 2 metades espelhadas, espelha o macrocosmo, busca no seu microcosmo a compreensão do todo, como os números negativos refletem os positivos.

O Claustro pode ainda ser olhado como o “Lago Celeste” do *lo-p’an*, com paralelo no fecho da abóbada, da rosa na cruz, do sagrado coração, o fim e o princípio. Este “Lago Celeste” tem inúmeras expressões no templo cristão, o lugar da escada que une o céu à terra, o *Axis mundi*. Ora, em geomancia, a força *yang* e a força *yin* materializam-se na Porta do Céu e na

Porta da Terra, passagens ocultas que a medicina chinesa diz serem a origem da saúde e do equilíbrio. O eixo terrestre à volta do qual se movimenta a urso maior e a estrela polar sugere o *Axis mundi* que regula o equilíbrio terrestre e as 4 estações. Continuando no templo, Hani⁴⁷ explica as várias pedras importantes, sendo a primeira a do “*canto nordeste*”. Neste canto temos o Portão dos Espíritos, local de recolhimento e de sombras com o trigramma Montanha, ou seja, onde começa a ordenação do caos, que a geomancia olha como energeticamente estabilizadora, e concretiza-se no Portão da Terra a SW com o trigramma Mãe, constituindo um eixo onde a energia corre com grande rapidez para a realização material, a gestação. O centro, ou *Axis mundi*, traduz a agregação, o poder do centro, do *tai-ch'i*, a cúpula e o fecho da abóbada, a escada, o poço, estando aqui associados. A cruz interpenetra as direções e o ciclo solar torna-a sólida. A “*quadratura do círculo*” é visível no *lo-p'an*, a sacralização do espaço vivencial.

Voltando ao espaço do templo, «*o tempo de forma estática e a liturgia de modo dinâmico, e ambos realizam uma prodigiosa integração espiritual do espaço e do tempo*»⁴⁸ interação evidente na quadratura do círculo, que a geomancia chama «*harmonizar o espaço e o tempo*»⁴⁹. Os vitrais seguem o ciclo solar, na parede norte o Antigo Testamento, a leste o nascimento de Cristo Jesus, e a Redenção no Altar, a sul os profetas, a ocidente a Pesuria e o futuro, a Jerusalém Celeste. Em geomancia o norte corresponde ao passado e à gestação, o leste ao ímpeto solar que divulga o sol de justiça ao universo, o sul ao futuro, aos profetas e ao messianismo, o ocidente no fim do ciclo, a entrada no ciclo celeste, alfa e ómega. A geomancia olha o ocidente como recompensa, mas também como reflexo do céu e da perfeição, a purificação, a passagem para além do tempo e do espaço, os ciclos do tempo, labirínticos e intestinais, mostram como o homem se perdeu da sua origem, tendo os espelhos partidos, as águas tenebrosas, uma leitura idêntica no ocidente e no oriente. Embora parecendo serem linguagens antagónicas, está presente uma sincronia análoga e intemporal. As festas cristãs e pagãs obedecem geralmente às 24 marcações energéticas do ano solar, sendo o espaço indissociável do tempo solar e ritual, constituindo o mistério do tempo, aqui a divindade solar e humana se fundem. O Sol de Justiça que Hani⁵⁰ diz ser a contagem progressiva no solstício de Inverno, ou meia-noite, e regressiva no solstício de Verão, ou meio-dia, aparece também em geomancia oriental. Esta alternância de ciclos lembra as duas metades do ovo que se fecundam⁵¹, constatando a proximidade da tradição oriental e judaico cristã. A árvore cósmica visível na nomenclatura de troncos celestes e ramos terrestres, é uma construção divina, com raízes celestes. A construção terrestre reporta-se à construção do mundo, a árvore da vida e da salvação. Hani⁵² fala desta árvore na tradição cristã, referindo-se à diversidade da natureza humana, e a árvore da Redenção e Salvação. O centro do *lo-p'an*, o “*Lago Celeste*” com anéis concêntricos, tem também uma qualificação inerente em Hani⁵³. As consonâncias são muitas,

não esquecendo que a China catalogou tudo com uma paciência que não se verificou no ocidente.

A característica antropológica da geomancia oriental, tem uma visão do objeto com distanciamento, e requer várias visões culturais; os antagonismos de Lévi-Strauss⁵⁴ surgem desde a antiguidade, e Heródoto já observava diferenças de polaridade entre egípcios e gregos, como acontece entre o Japão e o ocidente, ou seja, o homem focaliza-se em si próprio no ocidente, enquanto o Japão e o Egito se focalizam nos outros. O geomante ao usar a sua ferramenta de trabalho, olha o lugar e a envolvente, minimiza o carácter pessoal da leitura. Parece estranho, no entanto, e torna-nos capazes de plena integração do objecto no espaço respeitando o espírito do lugar. Esta visão externa do objeto levou Copérnico a abandonar a restrita visão geocêntrica – a científica custou-lhe a vida.

A metodologia do Estudo de Casos leva à formação de uma hipótese, observando-se fatos semelhantes; Carrilho⁵⁵ ao citar Pierce diz «*na abdução a consideração dos fatos sugerem a hipótese*», enquanto a indução observa a contiguidade de fatos. Propomos, por isso o que se usa em *Feng-Shui*, o estudo da história, desenvolvimento de atividades, elementos problemáticos, degradação e patologias vivenciais. A metodologia de trabalho obriga à visita ao local e identificação dos animais míticos⁵⁶, a entrada, a proteção, o centro com leitura no *pa-k'ua* celeste, (*ch'i* do homem, análise da estrutura), e problemas da propriedade, e no *pa-k'ua* terrestre, o construído ou existente.

É necessário Identificar o *genius locci*, como se manteve, e a sua proteção a homens e ambientes. A crescente racionalidade do homem é apenas um esforço mimético de criador e organizador do espaço, regras e modelos no entanto nem sempre resultam, sendo as orientações fundamentais no diálogo secreto com essas presenças ocultas, que sacralizam o espaço, e dão ao habitat do homem a resposta de integração no todo. A geomancia requer uma postura adequada para se poder sentir o espaço, obrigando a longas caminhadas, exercício físico, controlo da respiração, alimentação equilibrada e mente tranquila, ou seja, um desenvolvimento paralelo do ser humano como refere Wong, «... *and the exercises that he taught me were called the Postures of the Immortals*»⁵⁷.

Na sua tese de doutoramento, Abreu⁵⁸ propõe uma metodologia para o património que leva a entrar em empatia com o monumento, traduz uma percepção subconsciente do espaço que se aproxima da visão geomântica, requer uma faculdade não racional para a leitura da energia presente. Ao percorrer um local, o diálogo interior torna-se mais palpável que a visão do espaço. Este autor propõe: 1) o sentido do objecto; 2) o acolhimento; 3) ser único e insubstituível; 4) dar a todos essa leitura.

A paisagem natural e artificial, induz-nos ser o *genius locci* o grande definidor do lugar. O objectivo da geomancia no oriente é transformar todas as tipologias espaciais, construídas pelo criador ou pelo homem, em espaços cósmicos, onde interage a energia dos trigramas, a

linha de cima o *ch'i* do céu, a linha do meio o *ch'i* do homem, e a linha de baixo o *ch'i* da terra. Na paisagem cultural estes elementos estão sempre presentes. Norberg-Schultz⁵⁹ já transmite estas noções através dos fenómenos observados nos lugares, o tempo divino, o homem como ordenador do espaço à volta do *Axis mundi*, sendo o espaço exterior o caos, as brenhas do espaço vivencial.

Ao tentar coordenar as várias análises, o *Feng-Shui* como geomancia e o Património, propomos: 1) A procura do sentido do objecto, fazendo o reconhecimento do centro, definindo a estrutura, o *ch'i* do céu, que leva ao estudo da história, dos elementos naturais e artificiais, do tempo divino, e que responde ao primeiro objectivo proposto (reconhecimento do local e a sua geomancia); 2) O acolhimento a quem visita e usa o espaço. O quadrado e as direcções, o *ch'i* do homem e protecção do *genius locci*, a estrutura e o carácter da paisagem, sacralizando o espaço, tornando-o único e insubstituível, responde assim ao segundo objectivo proposto, (envolvente e património, espaço vivencial e estudo do *ch'i*); 3) o círculo, o ciclo solar, o *ch'i* da terra, o caos da imagem, a identidade, a desconstrução do mito, o património da comunidade dos homens, respondem ao terceiro objectivo, (encontro das tradições oriental e ocidental).

02.3 – Numerologia, o espelho

O pensamento ocidental e oriental reflete mentalidades muito diferentes; Mattoso⁶⁰ reforça que no ocidente há um sentido de falta, que lhe foi transferido pelos exageros religiosos do cristianismo, com um reflexo subconsciente que perdura no colectivo, que continua a manifestar-se como um estereótipo psíquico de massas, enquanto o oriente não olha o bem e o mal da mesma forma, mas como duas partes de um todo. Este autor ao dizer “*levantar o céu*” parece empurrá-lo para cima, para o inalcançável, no entanto a mentalidade do oriente procura justamente baixar o céu, ou seja, trazer à manifestação as qualidades superiores em benefício dos homens. O homem tornou-se participante na criação e capaz de provocar mutações no seu viver, isto é, as alterações ambientais são aceites desde que integradas no processo de mudança do universo. Mattoso quando diz «*como expressão de vida, esses gestos não são só símbolos, mas também, como poderíamos dizer, apropriando-se da sabedoria oriental, começo histórico de uma realidade que busca a harmonia universal, a ordem correcta das coisas, a vontade de Deus*»⁶¹, formula um pensamento que se aproxima do individualismo ocidental e que se contrapõe ao criador, enquanto no oriente o colectivismo integra o homem num universo, numa ordem natural que, apesar de tudo lhe pode dar vantagens.

Ao olhar o homem e o universo como um todo, o Imperador Amarelo diz: «*Heaven is measured by the rules of six, and earth and human being are governed by the rule of nine*»⁶². A importância do tempo e dos números presente nos triângulos entrelaçados do *pa-k'ua* celeste, a regra do seis, enquanto as 8 direcções, do terrestre ordenam o tempo e as estações, usando o *Axis mundi* como ordenador, a regra do nove. No terceiro milénio antes de Cristo, este

conhecimento une a natureza do homem à natureza do cosmos. Sempre que o incremento ocupa a deficiência, isso por si só explica a natureza da metamorfose. O espaço espelha o criador, tal como o homem e a linguagem o identificam, como explica o Imperador Amarelo⁶³, insistindo na compreensão do padrão e do ritmo da mutação⁶⁴.

A compreensão do *I*, a transformação, a metamorfose, a mudança, está presente no microcosmo assim como no macrocosmo, na terra e no céu, no espaço e no tempo, o homem é o reflexo desse excesso que invade a deficiência. Esta triplicidade é expressa por Eliade⁶⁵ nos três tipos de iniciação, sendo uma delas a iniciação das sociedades secretas, a iniciação mística ou xamanística. Estes três tempos da vida do homem, a juventude, a maturação e a decrepitude, aparecem em inúmeras culturas e também na geomancia oriental, que começou por se desenvolver em torno de imperadores xamãs, num círculo de iniciações místicas. Os ciclos do *I*, ou da mutação necessitam de um *imago mundi* e de um conjunto de mitos e ritos que contêm a matriz que, ao coabitar com o mundo dos fenómenos, impõe regras de carácter social, prevendo a capacidade da mutação, obedecendo a rituais de iniciação social, ou seja, o sagrado participa do profano.

O uso do quadrado mágico, como protótipo da geometria celeste, vai de encontro a Hani «Para Platão, os cinco poliedros regulares são os arquétipos da criação»⁶⁶, o que nos leva a confirmar estarem eles contidos neste quadrado. Este *mandala* contém o equilíbrio da *Tetractys*, soma 10 em todas as direções, no centro o número 5 retira-lhe a rigidez, o impulso vital dos organismos vivos e do homem. Em geomancia este número associa-se ao elemento terra e Hani⁶⁷ diz ser o 5, o “número do homem”, e o 8, o “número de Cristo”. No quadrado mágico, este aspecto estático aparece no *pa-k’ua* celeste, nos trigramas complementares. O 5 central invoca o homem, capaz de manter o equilíbrio dos opostos, percorrendo o pentagrama com a mesma conotação. Ao regenerarem-se, os elementos alimentam no círculo, e acompanham o ciclo solar, que aparece de forma simbólica no templo cristão, a metamorfose do 5 em 8 é pois uma sequência esférica. Hani⁶⁸ diz ser o 7 secreto, pois junta os 4 cardeais, zénite e nadir, formando 7 com o centro, este mistério do 7 também explica o 8, o octaedro de Platão, com 8 faces, contém a perfeição e liga-se ao infinito. O mesmo acontece em geomancia, e a forma como explica como o 4 se torna 8, e como o infinito se encontra no centro da bússola, onde a verticalidade do 8 se transforma na infinidade do ∞ , ao perpetuar na horizontal a cadência infinita do olhar cósmico. Hani⁶⁹ relaciona o 12 aos signos do zodíaco com os apóstolos à volta de Cristo. No *I-ching* fala-se de ramos terrestres da árvore que define o ciclo do tempo, as estações, e os dois *ch’i* do mês, sendo que a entrada no signo ocidental no chamado *ch’i yin* do mês, corresponde ao ciclo lunar e da noite. Hani⁷⁰ invoca Clemente de Alexandria que relaciona as direções com as letras do alfabeto grego, sugerindo uma ligação ao alfabeto latino e hebraico. Como se trata de uma visão cosmogónica, aparece forçosamente na

bússola de geomancia, não só pela geometria dos números, mas também pelas direções, a manifestação do infinito.

Após o significado ocidental ligado ao templo, podemos constatar que a numerologia chinesa não é muito diferente, no entanto só Jing-Nuan⁷¹ apresenta este tema de forma clara, enquanto outros autores se perdem nas inúmeras versões do texto de Confúcio. Jing-Nuan diz que o *lo-shu* «fala da geometria do céu e da terra»⁷², em que o hiato temporal do presente se assemelha a uma “gravidez sinóptica”. O desenvolvimento oculto resume o passado biológico, e prepara a mutação para o futuro não oculto, o *Tau*, o *pivot* do centro, o perfeito equilíbrio, reporta-se à energia do homem. Esclarece ainda ser a tradução de Wilhelm, do *I-ching* uma versão “neo-confucionista” de cunho moralizante e inexata, mascarando símbolos e imagens do texto original. Mostrando ser o *I-ching* ferramenta fundamental para a transformação do corpo e do espírito, que para além da sabedoria popular tem uma faceta ritual, oculta, transmitida a um círculo interno. Compara o carácter do *Tau* a um Grande Eixo, representado simbolicamente pela estrela polar, à volta da qual tudo gira, sendo uma referência ao aspecto astronómico do *I-ching*, e que se aproxima da tradição ocidental do *Axis mundi* e do *imago mundi*. A numerologia do 2, de onde tudo procede e do 4, *yang* grande e pequeno, e *yin* grande e pequeno. A formação dos 4 reflete o carácter aleatório do *I-ching*; sobre cada um dos dois iniciais coloca-se o mesmo e o outro. Os 8 trigramas surgem da mesma forma, e sobre cada um dos 4 coloca-se uma linha quebrada, *yin*, e depois uma linha inteira, *yang*. Os hexagramas surgem da mesma forma, sobre cada um, colocam-se cada um dos oito trigramas, num total de 64, mas pensa-se no entanto que este arranjo tenha sido progressivo, linha a linha. O estudo filológico deste autor refere as linhas como sendo uma escrita anterior aos ideogramas do alfabeto (sendo a contagem feita de baixo para cima, ao contrário de outras escritas, que se exprimiam de cima para baixo), uma linguagem ligada ao estudo do nível da água dos rios. Traduz os dois *pa-k’ua*, o espaço e as direções no celeste, o tempo e as estações no terrestre. Encara o *lo-shu* como relógio celeste, que no ocidente circula no sentido dos ponteiros do relógio, associando-se ao gnómon e a questões astronómicas. No ocidente os elementos estão em cruz e podem estar relacionados com o espaço.

Ao analisar o quadrado mágico, Skinner⁷³ diz que os números ímpares, *yang*, estão nos pontos cardeais, a descida de energia dos elementos puros ou arquétipos celestes, nos números pares, *yin*, nos pontos colaterais, a energia expande-se, a forma como a terra comunica com o céu. A relação com o *ho-t’u* é visível nas figuras 20 e 21. A antiguidade de ambos os quadrados surgiu perto de uma capital que viu 13 dinastias chinesas, onde aliás se desenvolveu muito o *Feng-Shui*, sendo conhecida como término da Rota da Seda. É uma configuração mais antiga que o *lo-shu*, reporta-se ao Imperador Fu Hsi (2852-2737 a.C.), e é considerado um diagrama matemático, tal como o *lo-shu*. Diz este autor, terem ambos os

arranjos matemáticos origem nesta capital, Hsi Na. Ainda em Skinner⁷⁴ há uma análise do esquema numerológico do *ho-t'u* (ver figura 22).

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Figura 20 – «Quadrado mágico – números ímpares nos pontos cardeais e números pares nos pontos colaterais», (SKINNER 2008:222).

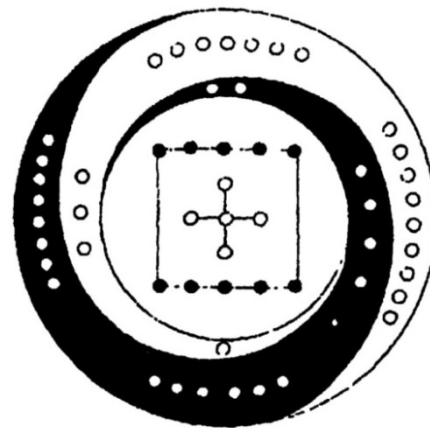


Figura 21 – «O T'ai ch'i, Ho T'u que mostra os números pares, yin, relacionados pela espiral negra, e os números ímpares yang relacionados pela espiral branca, in T'u Shu Pien Tu Shu Bian da dinastia Ming, 1613», (SKINNER 2008:222).

Na página seguinte, este autor continua, observando que a soma dos números 5 do centro sugere o quadrado mágico, *lo-shu*, que soma 15 em todas as direções, sugerindo com isso um outro esquema, no fundo da espiral da criação. Os números do quadrado central seguem o esquema elementar do *pa-k'ua* celeste, com a troca entre os elementos Fogo e Metal, e refere ser o *lo-shu* um “duplo” do *ho-t'u* (ver figura 23).

		7		
		2		
		5		
8	3	5	4	9
		5		
		1		
		6		

Figura 22 – «O Ho T'u», (SKINNER 2008:223).

			Fire			
			7			
			2			
Wood	8	3	4 9 2 3 5 7 8 1 6	4	9	Metal
			1			
			6			
			Water			

Figura 23 – «O *lo-shu* inserido num *ho-t'u* expandido. Os números são adjacentes em ambos os diagramas com 7-2 em Fogo, 4-9 em Metal, 8-3 em Madeira e 6-1 em Água, excepto para a troca entre Fogo/Metal», (SKINNER 2008:224).

A seu ver, o *Ho-t'u* relaciona-se com a constelação do Sul⁷⁵, e o *lo-shu* com a Ursa Maior, com o seu percurso à volta da Estrela Polar. O *lo-shu* já aparece na mais antiga placa *Shih*, (antigo *lo-p'an*), no entanto, não pensamos ser o mesmo aplicável ao *Ho-t'u*, em relação

ao sul. Pensamos antes, que este conjunto numerológico mostra a pressão energética do Cosmos. A leitura em relação ao duplo quadrado da criação já foi abordada várias vezes, ou seja ser o *ho-t'u* um arquétipo celeste, do qual o *lo-shu* é um espelho. Este carisma numerológico, no ocidente aparece em vários sistemas simbólicos, relacionados com os números 15, 10 e 5, que nos vem desde o Egito Antigo, passando pela Escola Pitagórica, etc. Braizinha⁷⁶ apresenta o quadrado mágico ligado ao esquema da tripartição, relacionado com a «primeira tradução de Vitruvius, impressa em italiano», não se percebendo se o quadrado mágico fazia parte desse texto.



Figura 24 – «A geração dos 12 Troncos Terrestres do *lo-shu*. Os últimos caracteres são os 8 trigramas. A “corda de nós” representa os números do *lo-shu* (com as três linhas familiares em cima – 4-9-2 – e, em baixo – 8-1-6 – que os chineses repetem com os numerais chineses. Os Troncos Terrestres aparecem no anel mais interno, tendo sido gerados dois em cada ponto do canto e um em cada ponto cardeal», (ilustrações de Wang Ch'i, San Tsai Tu Hui, 1609, como representado em Smith 1991:60, in SKINNER 2008:226).

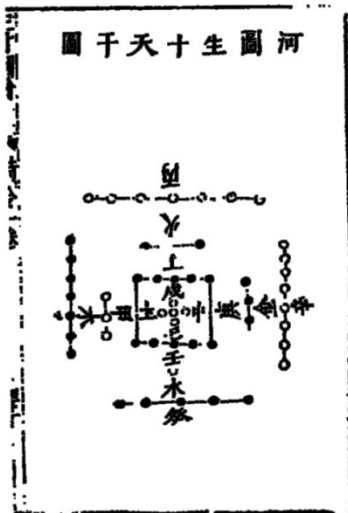


Figura 25 – «A geração dos 10 Troncos Celestes do *ho-t'u*. A “corda de nós” representa os números do *ho-t'u*. Os caracteres dos 4 Elementos são mostrados por dentro dos pontos com o Fogo (S) e em cima, a Terra no centro, Metal (W) à direita, Madeira (E) à esquerda, e Água (N) em baixo. Os dois Troncos Celestes são gerados de cada um dos 5 Elementos, nos Pontos Cardeais por exemplo, os dois troncos de fogo estão em cima (S) e os dois troncos de água em baixo (N)», (ilustrações de Wang Ch'i, San Tsai Tu Hui, 1609, como representado em Smith 1991:60, in SKINNER 2008:226).

O duplo quadrado da criação não aparece explícito em *Feng-Shui*, no entanto Skinner⁷⁷ refere uma obra datada de 1609 que explica o surgimento dos 10 Troncos Celestes no *Ho-t'u*, mais antigo, e 12 Ramos Terrestres ao *lo-shu*, a concretização dos Elementos. Não podemos deixar observar o simbolismo da árvore no ocidente, a árvore da vida. Os troncos chegam à terra, sendo as raízes a energia do arquétipo, e os ramos a inerente materialização, no plano das vivências planetárias (ver figuras 24 e 25).

Sendo que a energia das direções desce com os Troncos, enquanto nos Portões a energia é mista e sobe. Mais adiante, Skinner⁷⁸ mostra-nos os 12 hexagramas princípios, identificando-os com a subida da energia, e a descida da energia nos 12 Ramos Terrestres, os animais que aparecem na estrutura do *lo-p'an*. A sua grande antiguidade remonta a 1247, e mantém-se até hoje como base explicativa da disposição dos hexagramas (ver figura 26).

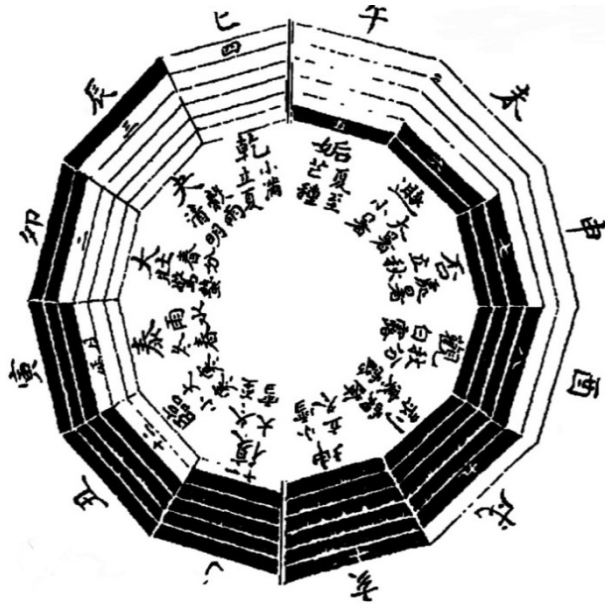


Figura 26 – «As flutuações de yin e de yang mostradas na sequência dos 12 hexagramas pa-k'ua (com barras negras representando as linhas yin e abertas representando as linhas yang). O ciclo começa em Tzu (na posição das 7 horas) e progride na direção horária para Wu (na posição da 1 hora) e depois de volta a Tzu. Os anéis são: as 24 Mini Estações (com pares de caracteres), os nomes dos 12 hexagramas pa-k'ua em si. Os 12 Ramos Terrestres estão escritos por fora dos hexagramas. A numeração do mês está por dentro do hexagrama que começa em Li Ch'un (começo da primavera) com o Ramo yin (na posição das 8 horas)», (de Chou Yi Ch'i Chuan, da dinastia Yuan 1247, in SKINNER 2008:338).

O termo *Feng-Shui* começou a ser usado com o mestre Kuo P'u (276-324)⁷⁹, sendo os termos mais antigos, *k'an yu* ou cálculo do tempo, *ti li*, localização e formas envolventes, e *li ch'i*, estudo das direções, que se usavam entre o 5º e o 3º milénio a.C., a antiga placa era astronómica. A sua origem misteriosa associa-se a Fu Hsi (2852-2737 a.C.)⁸⁰, inventor dos oito trigramas, sendo o Imperador Amarelo Huang Ti (2697-2597 a.C.) quem delineou o instrumento, *lo-p'an*. O Imperador Yu (2205-2197 a.C.) descobriu o *lo-shu*. Durante a dinastia Hsia (2150-1557 a.C.) começou a usar-se o calendário solar.

O chamado «*Tratado que harmoniza o tempo e distingue as direções*» (1741), do Monge Jo Kuan Tao Jem, Skinner⁸¹ comenta a escola das 8 Mansões, anterior ao séc. XVII, explica a harmonia entre o espaço, definido pelas direções, e o tempo regulado pelo ciclo solar anual, mensal e diário. Braizinha diz-nos: «as leis da harmonia simples eram consideradas universais, definiam as relações e intercâmbios entre movimentos temporais e os acontecimentos do céu, a ordem espacial e o desenvolvimento da terra»⁸², ou seja, a arte de harmonizar o espaço e o tempo, o espaço bidimensional, o círculo horizontal que define o lugar, e o tempo, a vara de sombra, o *Axis mundi*, que o liga às leis do céu, o círculo vertical. E mais adiante, «a prática da geometria era uma aproximação ao modo pelo qual o universo era ordenado e sentido», aqui o mito manifesta-se no espaço profano, a finalidade da geomancia. Na sua visão, o espaço «é formado por dois pares de elementos lineares e opostos, perfeitamente iguais, formando ângulos retos e preenchendo graficamente a descrição da natureza universal que se encontra

nos taoístas e nos filósofos antigos»⁸³, remetendo o estudo geomântico ao taoísmo, e deixando de lado a visão confucionista com o seu sistema de crenças. Ainda Braizinha diz que «a possibilidade genética está necessariamente contida na natureza do que separa o homogéneo; constitui o Tempo»⁸⁴, no entanto o tempo não é desagregador, mas agregador do espaço, da própria génese, que ao fechar o círculo, volta ao tempo original, o arquétipo do espaço, sendo que esta definição de tempo genético também aparece no *I-ching*, através do número de hexagramas que por si só definem a genética do espaço e do tempo; nos *lo-p'an* antigos usavam-se os 64 hexagramas e 365 partições do ciclo anual, completando a linguagem do DNA, com complementaridade e antiparalelismo.

O quadrado mágico, ou *lo-shu*, do Imperador Yu (2205-2197 a.C.)⁸⁵ é também conhecido no Ocidente como Quadrado de Saturno, e ligado ao planeta Terra, o que coincide com a versão de Chevalier, Gheerbrant⁸⁶. Ambos os trabalhos falam do aspecto numerológico e simbólico dos símbolos sem, no entanto, dar uma explicação sobre o assunto. Pensa-se que os dois quadrados de números, estivessem ligados a cálculos astronómicos relativos à constelação da Ursa Maior e à Estrela Polar⁸⁷. Dando um passo mais longe, estes cálculos poderão estar ligados a espirais logarítmicas, com significado cosmológico bem definido. Estes arranjos numerológicos favorecem, no *ho-t'u*, os 5 elementos e os Troncos Celestes, com a terra ao centro, onde nasce o *lo-shu*, a vida nos mundos, os 12 Ramos Terrestres. A numerologia do *I-ching* referida por Wilhelm⁸⁸, olha os símbolos yin (— —) e yang (—) dando-lhes uma conotação fálica, representando a fecundação do universo, com correspondência no número 10, a imagem ⊕ no ocidente. Aplicando os princípios do 2, 4 e 8 do *I-ching*, e combinando-os de forma aleatória, teremos o esquema da figura 27.

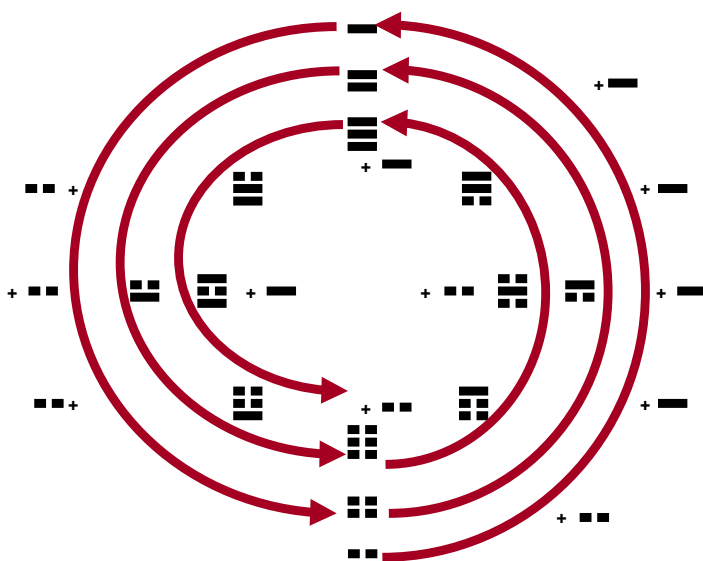


Figura 27 – Surgimento dos trigramas a partir das linhas.

O carácter complementar do *lo-shu*⁸⁹, explicita as energias presentes. Os números ímpares, energia *yang*, do céu, arquétipos celestes, e os pares, energia *yin*, que pensamos ser

a forma como a terra comunica com o céu. A complementaridade energética tem paralelos com os sólidos platônicos, a Década pitagórica, e a Tetractis da tradição ocidental.

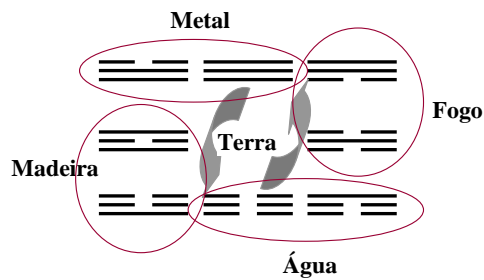


Figura 28 – Sequência dos elementos do *pa-k'ua* celeste.

Os elementos são vistos por Wilhelm⁹⁰ como tendo uma nomenclatura errônea, pensando-se haver confusão, entre os estados de mutação e as energias elementares. No entanto, analisando a sequência numerológica do *ho t'u*, o *I-ching* diz-nos serem os números ímpares *yang*, e os pares *yin*, ou seja, representam o céu e a terra respectivamente. Ora, o sentido do arquétipo nesta sequência de números, faz-nos crer haver um complemento para cada número ímpar manifestando assim o ímpeto criativo. Por outras palavras, cada par de números energeticamente complementares, parece referir-se a diferentes ciclos da criação do universo, com 5 estados de mutação ou elementos, traduzindo ainda os momentos cíclicos da criação, os dias bíblicos da criação, reservando o sexto para os organismos vivos, nas moradas planetárias. A combinação complementar dos trigramas opostos (linhas quebradas num são inteiras no outro) da figura 28 delimita o campo de ação dos fenómenos, começando-se com a água.

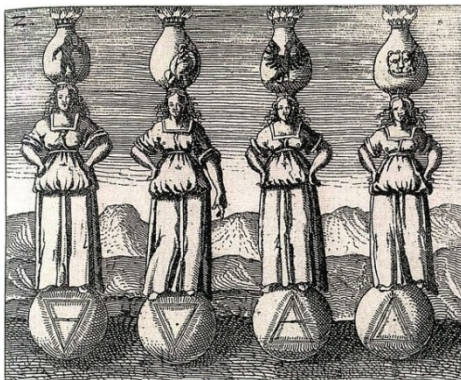


Figura 29 – «Os quatro elementos (da esquerda para a direita: a Terra, a Água, o Ar e o Fogo) correspondem a quatro fases da obra e a quatro graus do fogo», (D. Stolcius v. Stolcenberg, *Viridarium chymicum*, Frankfurt, 1624, in ROOB, 2006:29).

A imagem dos quatro elementos (figura 29), evidencia a semelhança com o *I-ching*, o triângulo Água no *pa-k'ua* celeste com o triângulo feminino, o triângulo de fogo com o triângulo masculino, também explícito na figura 30, e presente nas quatro imagens. A força do céu, *yang*, desce e constrói elementos *yin*, a força *yin* sobe da terra, e constrói elementos *yang*. O fato de uma força construir a outra, gera confusão na compreensão do *ch'i*, sendo necessário grande reflexão no olhar, confirmando-se na figura 30, que evidencia o equilíbrio masculino e feminino.



Figura 30 – «O lápis ∇ imperecível é produzido pela rotação dos elementos, na unificação do superior e do inferior, do fogo Δ e da água ∇ é a imagem celestial do ouro terreno, aqui representado como Apolo no mundo subterrâneo rodeado pelas seis Musas ou metais», (Museum Hermeticum, Frankfurt, 1749, in ROOB, 2006:31).

Voltando a Jing-Nuan⁹¹ como sendo um dos poucos autores a estudar o carácter numerológico do *I-ching*, a sequência dos trigramas, vemos que analisa o valor dos 6 primeiros números e o seu significado, o que nos parece importante⁹².

O número 3 introduz o homem como produto entre o céu e a terra; o 4 delimita o espaço de manifestação; o 5, a consequência das resultantes do universo; o 6, o espaço 4 direções cardeais, zénite e nadir. Transparece pois uma conotação geométrica idêntica à visão ocidental, podendo ser traduzida através da matemática, e da geometria platónica e pitagórica. As operações básicas, subtração, adição, divisão eram usadas por um círculo interno. O carácter divinatório refletia um dia de 50 horas, 28,3 minutos do nosso tempo. No tempo da clepsidra, 1 hora são 2 horas atuais. Este número introduz as 50 varas de mil-fólio do oráculo, e operações matemáticas fazem surgir números específicos⁹³.

Aqui é difícil a ligação ao ocidente, mas o número seis fica evidenciado no hexagrama e na estrela de seis pontas, a rigidez dos dois triângulos reflete o céu, sugere ao homem comum a mudança inevitável, o sete escapa-se do binário e ilumina a nova via, o oito o espaço simbólico, e o nove faz escapar o mutante do quadrado mágico. Por outro lado, Braizinha diz que «compreender os números era equivalente a ordená-los com a ordem do mundo real, uma poderosa forma de magia»⁹⁴. Pensamos que os números são um sistema matemático, a linguagem que traduz o universo em número, ciência e não magia, e usar a chave numerológica do universo no mundo terrestre e ilusório, é tentar manifestar a própria voz do criador - e isso é geomancia. O surgimento da realidade virtual, deixa-nos compreender a precisão da ciência por trás da virtualidade, tal como a precisão da criação está por trás da realidade material.

Um outro autor classifica os hexagramas, em complementaridade e antiparalelismo, com o mesmo significado da biologia molecular e da genética humana⁹⁵. A complementaridade está relacionada com as linhas ou seja, as linhas inteiras num são quebradas no outro, e o antiparalelismo dá, ao outro trígama, um giro de 180°. Analisando os quatro podemos criar triângulos complementares (ver figura 31).

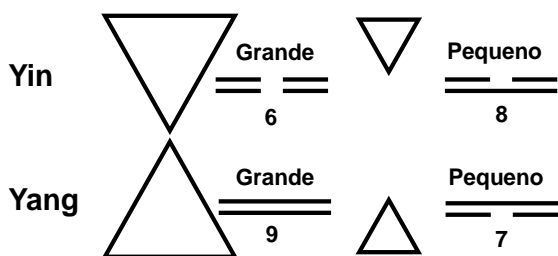


Figura 31 – O pequeno e o grande, os triângulos respeitam a polaridade dos filhos e filhas no quadrado mágico.

Os triângulos *yin* (▼) e *yang* (▲) no *pa-k'ua* celeste, respeitam o carisma numerológico associado. A construção dos trigramas acrescenta 1 linha em cima dos 4 emblemas. Quanto ao padrão da mutação, pensamos haver uma ligação com a transferência de energia no *pa-k'ua* celeste, aqui os trigramas opostos são complementares e somam 10 no quadrado mágico. A mutação no *lo-p'an* (figura 32), segue o sentido da sequência, é (1) + (2), cada Palácio, (número do quadrado mágico), desta sequência, constrói os 64 hexagramas.

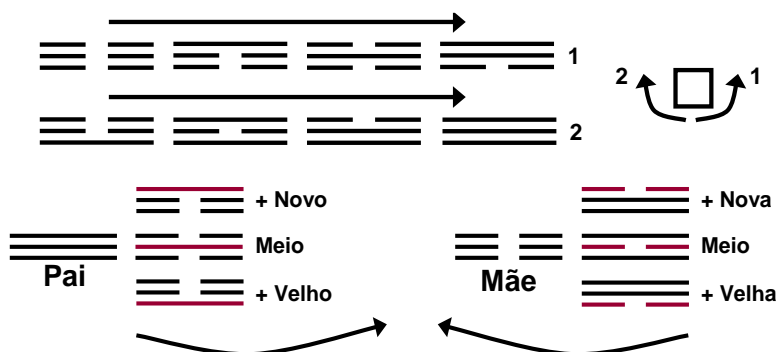


Figura 32 – Padrão da mutação no quadrado mágico segue o sentido das setas (1) e (2).

Figura 33 – Derivação familiar do gênero dos membros da família.

O texto da 8ª Asa, Wu⁹⁶ explica a família dos trigramas: os filhos saem do pai para a mãe, e as filhas, da mãe para o pai, (ver figura 33). Mais adiante, na 9ª Asa, explica ainda que «*depois de todas as coisas surgiu o homem e a mulher*»⁹⁷, a partir do hexagrama nº 32. Os hexagramas, do nº 1 ao nº 32 mostram a criação de todas as coisas, e do nº 32 ao nº 64 são criação do homem e da mulher, a mutação social e o ciclo terrestre. Incluem-se, assim, todos os elementos do mundo arquetípico e do mundo fenomenológico.

Voltando ainda ao ocidente, Hermes/Thot, «*o três vezes altíssimo*»⁹⁸, o “*psicopompos*” garante a ligação entre vários mundos. Estamos em presença da Tetractis, “*a divina diversidade*”⁹⁹, que parece ser o fundamento do quadrado mágico, ou seja, subtraindo o 5 central, temos o perfeito equilíbrio de opostos, a diversidade do universo e das habitações planetárias, sendo a soma circular 60, o ciclo temporal, síncrono com o solar. Torna-se pois evidente, que esta relação numerológica contém uma cosmogonia, e pode ser entendida como duplo quadrado da criação; relaciona os dois *pa-k'ua*, onde a manifestação celeste do $2^3 = 8$ é seguida pela terrestre do $2^3 = 8$, indo pois ao encontro da numerologia do *I-ching*, que olha estas duas trindades como dupla manifestação que, ao multiplicar-se, perfaz os 64 expressos em dois ciclos de 30.

A Tetractis dos Pitagóricos, presente no quadrado mágico, e a inerente complementaridade no *pa-k'ua* celeste, não está presente no *pa-k'ua* terrestre, que segue o

ciclo da Ursa Maior à volta do polo, com as marcações sazonais do ano astronómico. Pensamos que este quadrado encerra em si a explicação da linguagem platónica e pitagórica, o Número de Ouro e a divina proporção, que Koelliker¹⁰⁰ ao estudar analisa na sua versatilidade análoga à essência da manifestação. A sua explicação baseia-se na analogia e na inversão, podendo esta ser entendida como antiparalelismo, ambas também presentes no *I-ching*, não desfazendo os seus princípios, que estão na origem deste conhecimento científico, sofrendo as necessárias metamorfoses, mutações, e atualizações requeridas pelo tempo. A métrica egípcia é analisada na sua relação com várias pirâmides e a interpretação de uma cosmogonia. Essa proporção pensa-se presente na numerologia do quadrado mágico, fazendo-nos pensar ter ele sido conhecido e usado pelos egípcios nas suas obras. Apresentamos várias relações numerológicas do quadrado, com as medidas base, usadas pelos egípcios. Não faremos uma interpretação do exposto, por nos parecer fora do âmbito deste trabalho.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

$$(1/\varphi \times \sqrt{2}) + 1/\varphi - 1 = 0,492 \rightarrow \text{Linha de cima.}$$

$$1/\varphi \sqrt{3} = 0,357 \rightarrow \text{Linha do meio.}$$

$$\sqrt{3-\varphi} + 1/\sqrt{3} - 1 = 0,753 \leftarrow \text{Linha do meio.}$$

$$1/\varphi = 0,618 \leftarrow \text{Linha de baixo.}$$

$$1/\varphi \sqrt{5} = 0,276 \downarrow \text{Coluna da direita.}$$

$$\sqrt{\varphi} - 1/\varphi = 0,654 \nwarrow \text{Diagonal da direita.}$$

$$\sqrt{\varphi+2} \times 1/2 = 0,951 \downarrow \text{Coluna do meio.}$$

$$\sqrt{3} + \varphi/\sqrt{\varphi} = 0,456 \searrow \text{Diagonal da}$$

$$2 + \sqrt{3-\varphi}/\sqrt{3} - 1 = 0,834 \uparrow \text{Coluna da direita.}$$

esquerda.

$$1/\sqrt{3} \sqrt{5} = 0,258 \swarrow \text{Diagonal da}$$

esquerda.

Analisemos os triângulos dos dois hexagramas.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

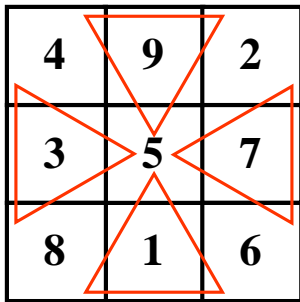
$$\left[\sqrt{3-\varphi} \times (1 + \sqrt{\varphi+2}) \right] - 3 = 0,412 \nabla \text{ Triângulo de cima.}$$

$$\left[(\sqrt{\varphi+2}) \times \sqrt{2} \right] = 0,698, \text{ ou } \sqrt{\varphi+3} \times 1/\varphi - 1 = 0,698 \triangle \text{ Triângulo de baixo.}$$

$$1/\varphi \times \sqrt{2} = 0,874 \triangleright \text{ Triângulo da esquerda.}$$

$$\sqrt{5} - 2 = 0,236 \text{ ou } 1/\varphi^3 \triangleleft \text{ Triângulo da direita.}$$

Os triângulos que convergem para o número 5.



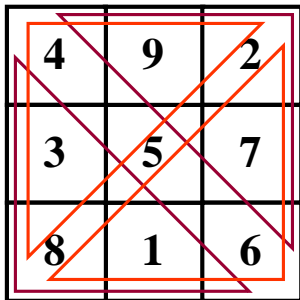
$$\sqrt{3-\phi} - \phi/\sqrt{\phi} = 0,452 \quad \nabla \text{ Triângulo de cima.}$$

$$1/\sqrt{3-\phi} \times 1/\phi = 0,526 \quad \triangleleft \text{ Triângulo da direita.}$$

$$\sqrt{\phi} \times 1/\sqrt{5} = 0,568 \quad \triangle \text{ Triângulo de baixo.}$$

$$\sqrt{5} - 1/\phi^2 - 1 = 0,854 \quad \triangleright \text{ Triângulo da esquerda.}$$

E os triângulos rectângulos do quadrado.



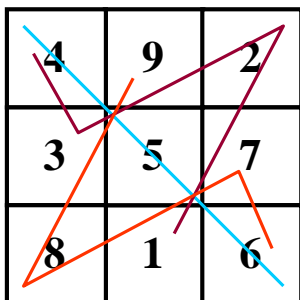
$$\sqrt{4-\phi} \times \phi/\sqrt{5} = 0,426 \quad \nabla \text{ Triângulo Direita Cima.}$$

$$\sqrt{2} - 1/\phi = 0,628 \quad \triangle \text{ Triângulo Direita Baixo.}$$

$$\sqrt{\phi} \times 1/\phi^2 = 0,486 \quad \triangleleft \text{ Triângulo Esquerda Baixo.}$$

$$\sqrt{\phi+2} - \phi = 0,284 \quad \triangleright \text{ Triângulo Esquerda Cima.}$$

A dança de Yu (2205-2197 a.C.)¹⁰¹, também referido por Jing-Nuan¹⁰² ao trabalhar o *lo-shu*, desenhou um conjunto de movimentos, na progressão dos números do quadrado mágico, que constituíam uma dança do ritual taoista. É interessante notar a relação numerológica desta progressão.



$$\sqrt{\phi} + 1/\sqrt{3-\phi} - 2 = 0,123 \quad \text{– Três primeiros passos.}$$

$$\sqrt{3} + \phi/\sqrt{5} - 2 = 0,456 \quad \text{– Diagonal.}$$

$$\sqrt{5} - 1/\sqrt{5} - 1 = 0,789 \quad \text{– Três últimos passos.}$$

O movimento acima e abaixo da diagonal é igual, sendo um o inverso simétrico do outro, e são antiparalelos: nos três primeiros movimentos anda-se para a frente, nos três últimos anda-se para trás. O *pa-k'ua* celeste reflete, com exatidão, a matriz cósmica da Tetractis, o 10, parecendo o número 5 estar num nível inferior. Por outro lado, e como já referido, a progressão dos elementos parece ligada aos ciclos da criação, ficando os dois trigramas definidos nas duas trindades analógicas, uma em cima e outra em baixo, e refletem em si a plenitude do 8. A matriz terrestre retrata esse equilíbrio, juntando-lhe o poder do centro, o 5, o homem, a mobilidade do nono número.

Parece-nos claro, que este quadrado possa ser obra, tanto do oriente como do ocidente. No entanto, Patnaik¹⁰³ dá-nos uma informação importante: a medicina védica era conhecida no Egito, no Médio Oriente e na China, durante 3º milénio antes de Cristo, sendo o fato provado com a arqueologia, não nos custa pois pensar, que a geomancia e a numerologia, tivessem também seguido a mesma rota, acentuando que no 1º milénio antes de Cristo houve nova vaga

de transmissão deste conhecimento com as caravanas. Em épocas tão recuadas, tudo pode ter acontecido; todavia, as confirmações podem ser procuradas e encontradas.

1 MARQUES, 2005:63.

2 JUNG, 1995:211.

3 PANOFSKY, 1993.

4 SANTA-RITA, 1995

5 BRUNO, 2007:36.

6 EITEL, 1986:23.

7 BRUNO, 2007:89-91.

8 «Na arquitetura a mandala também ocupa um lugar relevante – embora às vezes passe despercebida. Constitui o plano básico das construções seculares e sagradas de quase todas as civilizações; figura no traçado das cidades antigas, medievais e mesmo modernas. Um exemplo clássico aparece no relato de Plutarco sobre a fundação de Roma. De acordo com Plutarco, Rômulo mandou buscar arquitetos na Etrúria que lhe ensinaram costumes sacros e leis a respeito das cerimônias a serem observadas – do mesmo modo que nos “mistérios”. Primeiro cavaram um buraco redondo – onde se ergue agora o Comitium, ou Congresso – e dentro dele jogaram oferendas simbólicas de frutos da terra. Depois cada homem tomou um pouco de terra do lugar onde nascera e jogou-a dentro da cova feita. A esta cova deu-se o nome de mundus (que também significava o cosmos). Ao seu redor Rômulo com uma charrua puxada por um touro e uma vaca, traçou os limites da cidade em círculo. Nos lugares planejados para as portas retirava-se a relha do arado e carregava-se a charrua.

A cidade fundada sob esta cerimônia solene tinha forma circular. No entanto, a velha e famosa descrição de Roma refere-se à urbs quadrata, a cidade quadrada. De acordo com uma teoria que tenta explicar esta contradição a palavra quadrata deve ser entendida como quadripartita, isto é, a cidade circular dividida em quatro partes por duas artérias principais que corriam de norte a sul e de leste a oeste. O ponto de intersecção coincidia com o mundus mencionado por Plutarco.

De acordo com outra teoria, a contradição pode ser compreendida como um símbolo, isto é, como a representação visual do problema matematicamente insolúvel da quadratura do círculo, que tanto preocupava os gregos e que deveria ocupar um lugar tão significativo na alquimia. Estranhamente, também Plutarco, antes de descrever a cerimônia do traçado do círculo por Rômulo, refere-se a Roma como Roma quadrata. Para ele, Roma era, a um tempo, um círculo e um quadrado.

Em cada uma destas teorias está sempre envolvida a mandala verdadeira, e isto condiz com a declaração de Plutarco de que a fundação da cidade foi ensinada a Rômulo pelos etruscos, “como nos mistérios”, como um rito secreto. Era mais do que uma simples forma exterior. Por sua planta em forma de mandala a cidade, com seus habitantes, é exaltada acima do domínio puramente temporal. E isto é ainda acentuado pelo fato de a cidade ter um centro, o mundus, que estabelece a sua relação com “outro” reino, a morada dos espíritos ancestrais. (O mundus era coberto com uma grande pedra, chamada a

“pedra da alma”. Em certas ocasiões a pedra era removida e, dizia-se, os espíritos dos mortos saíam da cova)», (JUNG, 1995:242-244).

9 «A planta baixa em forma de mandala nunca foi, tanto na arquitetura clássica quanto na primitiva, ditada por considerações estéticas ou econômicas. Era a transformação da cidade em uma imagem ordenada do cosmos, um lugar sagrado ligado pelo seu centro ao “outro” mundo. E esta transformação estava conforme os sentimentos e necessidades vitais do homem religioso», (JUNG, 1995:242-244).

10 ELIADE, 1989.

11 ELIADE, 1989:120.

12 ELIADE, 1989:120.

13 IMPERADOR AMARELO, 1995:65.

14 SOUSA, 2013:24.

15 NORBERG-SHCHULZ, 1986.

16 JING-NUAN, 1991:vii.

17 NORBERG-SCHULTZ, 1986.

18 WILHEM, 1982:17.

19 WILHELM, 1982:222.

20 COSTA, 1999:144.

21 BACHELARD, 2003.

22 BACHELARD, 2003:97.

23 BACHELARD, 2003:203.

24 BACHELARD, 2003:237.

25 LUBICZ, 1963.

26 ELIADE, 1989.

27 HANI, 1981:25.

28 «Toda a arquitetura sagrada se concentra, na verdade, na operação da “quadratura” do círculo ou transformação do círculo em quadrado. A fundação do edifício começa pela orientação, que é já de certo modo um rito, porque estabelece uma relação entre a ordem cósmica e a ordem terrestre, ou ainda entre a ordem divina e a ordem humana. O processo tradicional e, pode dizer-se universal, porquanto se encontra em toda a parte onde existe uma arquitetura sagrada, foi descrito por Vitruvius e praticado no Ocidente até ao final da Idade Média...», (HANI, 1981:32).

29 VITRÚVIO, 1995:23.

30 CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994:551.

31 HANI, 1981:32.

32 HANI, 1981.

33 CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994:213.

34 ROOB, 2006:258 e 334.

35 HANI, 1981:73.

36 HANI, 1981:75.

37 HANI, 1981:81.

38 HANI, 1981:82.

39 HANI, 1981:87.

40 BURCKARDT, 1987:109.

41 JING-NUAN, 1991.

42 HANI, 1981:92.

- 43 HANI, 1981:96.
- 44 HANI, 1981:98.
- 45 HANI, 1981:99.
- 46 WEISS, 1995:12.
- 47 HANI, 1981:109.
- 48 HANI, 1981:131.
- 49 SKINNER, 2008:122.
- 50 HANI, 1981:146.
- 51 HANI, 1981:164.
- 52 HANI, 1981:170.
- 53 HANI, 1981:171.
- 54 LÉVI-STRAUSS, 2012.
- 55 CARRILHO, 1989:94.
- 56 WALTERS, 1995.
- 57 WONG, 1996:4.
- 58 ABREU, 2007.
- 59 NORBERG-SCHULTZ, 1986.
- 60 MATTOSO, 2012.
- 61 MATTOSO, 2012:15.
- 62 IMPERADOR AMARELO, 1995:37.
- 63 «Cold, summer heat, dryness, dampness, wind, and fire represent the yin and the yang of the heavens. They correspond to the three yin and the three yang. Wood, fire, metal, earth, and water represent the yin and the yang of the earth. They correspond to the changes of the universe. Heaven came from the birth of yang. The sustenance of yin. In nature the yang can be destructive while the yin is protective. If you truly want to know about the yin, and the yang of heaven and earth, you must understand how the six atmospheric influences interact with the five elemental phases. This interaction brings about changes in weather, nature, disease and healing», (IMPERADOR AMARELO, 1995:239).
- 64 «The five elemental phases and the six atmospheric influences have a definite pattern and rhythm. This knowledge is very profound. If one grasps it, one can know the changes that will transpire in the natural world. One who masters this science can enjoy eternal health. One who neglects to learn this will suffer danger, injury, and even death by having violated the natural rhythms and patterns of the universe. Please learn, understand, and apply this knowledge carefully», (IMPERADOR AMARELO, 1995:240).
- 65 ELIADE, 1989:138.
- 66 HANI, 1981:40.
- 67 HANI, 1981:59.
- 68 HANI, 1981:50.
- 69 HANI, 1981:67.
- 70 HANI, 1981:52.
- 71 JING-NUAN, 1991.
- 72 JING-NUAN, 1991:xiv.
- 73 SKINNER, 2008.
- 74 SKINNER, 2008:223.
- 75 SKINNER, 2008:224.
- 76 BRAZINHA, 1989:299-300.
- 77 SKINNER, 2008:226.
- 78 SKINNER, 2008:338.
- 79 SKINNER, 2008:34.
- 80 SKINNER, 2008:107.
- 81 SKINNER, 2008:122.
- 82 BRAZINHA, 1989:394.
- 83 BRAZINHA, 1989:401.
- 84 BRAZINHA, 1989:411.
- 85 SKINNER, 2008:221.
- 86 CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994:551.
- 87 SKINNER, 2008:224.
- 88 WILHEM, 1982:9.
- 89 WILHELM, 1982:237.
- 90 WILHELM (1982:236),
- 91 «The sequence of trigrams according to Fu Xi or King Wen, the sixty-four hexagrams, The Yellow River Map and the Luo River Writing, form the nonverbal base for the Yi Jing. This base arises from numbers and geometry, and is modified by the music of rhythm and time, to embrace the global resonance of our worlds», (JING-NUAN, 1991:33).
- 92 «In Chinese culture, simple numbers and what they represent may help us to more fully interpret the use of numbers in the Yi Jing.
1. The Tao, Unity.
 2. Yin and yang.
 3. The triad of heaven, man and earth.
 4. The four seasons or the four xiang.
 5. Wu Xing, the Five Dynamic Forces of wood, fire, earth, metal and water.
 6. The six directions: east, south, west, north, zenith and nadir.
- The four seasons, also named the four xiang, define a time continuum or predictable, wavelike action. Numbers are thus an integral code in the space and time of the Yi Jing», (JING-NUAN, 1991:33).
- 93 «From the manipulations of the yarrow stalks which leave us with remainders, substitutions' and totals, we arrive at the numbers,
6. major yin, equal to a changing line — —
 7. minor yang, equal to a unchanging line ———
 8. minor yin, equal to a unchanging line — —
 9. major yang, equal to a changing line ———
- which create the character of the individual yao lines and subsequently the character of the total hexagram», (JING-NUAN, 1991:45).
- 94 BRAZINHA (1989:34)
- 95 (WU, 2003:xiii)
- 96 (WU, 2003:97)
- 97 (WU, 2003:500),
- 98 (ROOB, 2006:8)
- 99 (ROOB, 2006:90),
- 100 KOELLIKER (1984),
- 101 (SKINNER, 2008:107)
- 102 JING-NUAN (1991:xiii)
- 103 PATNAIK (1993:11)

CAPÍTULO III – CASOS DE ESTUDO

Este capítulo desenvolve o templo cristão, com peças emblemáticas do nosso património. Faz-se depois uma análise sucinta do *Feng-Shui* de cada uma delas incidindo sobre a polaridade, este/oeste, da orientação do templo, e o centro. No final, uma apreciação comparativa permite algumas conclusões. As peças analisadas são a Igreja de Santa Maria em Sintra; a Igreja do Convento de S. Vicente de Fora; a Sé de Lisboa ou Igreja de Santa Maria Maior; a Igreja da Memória e a Ermida de Santo Amaro, estando o estudo geomântico completo em anexo I¹.

3.1 – Igreja de Santa Maria (Sintra)

A Igreja de Santa Maria, (ver figura 34), tem vários momentos de construção e beneficiação, sendo em 1147 uma ermida pequena que se manteve até ao final do séc. XIII, demolida para dar lugar à construção gótica existente. No séc. XVI surgem elementos manuelinos, o coro alto, as pias baptismais e a sacristia, e no séc. XVIII, após o terramoto, a reconstrução dos remates da fachada e da torre.



Figura 34 – Igreja Santa Maria, Sintra – fachada principal, (www.monumentos.pt).

A tomada de Lisboa em 1147 levou D. Afonso Henriques a Sintra, que tomou sem luta. Originalmente a Igreja de Santa Maria seria apenas uma ermida, no entanto, um dos priores, Martim Dade, no final do séc. XIII, mandou demolir a ermida para erigir uma igreja com características arquitectónicas da época gótica que respondesse ao movimento paroquial. O padroado da Igreja de Santa Maria de Sintra pertencia há muito às rainhas, sendo a última, D. Isabel, esposa de D. Afonso V, que a doou depois à Ordem de Cristo. Mais tarde, a comenda foi extinta e voltou para à casa das Rainhas já com D. Catarina, esposa de D. João III, e aí permaneceu com priorados de grande prestígio.

O terramoto de 1755 levou à reconstrução das partes decaídas, remodelando-se a fachada principal com elementos barrocos, permanecendo o portal da antiga igreja gótico. A torre data da altura da remodelação da fachada, e o sino do séc. XV, 1468. A sacristia é posterior à construção gótica, com porta modificada no século XVI. A abside é voltada a oriente e manteve-se intacta.

A abordagem geomântica começa por analisar o ano da construção, 1147.



Figura 35 – Igreja de Santa Maria – Zona protegida, no exterior, poente, (MARQUES 2014).



Figura 36 – Igreja de Santa Maria – Zona protegida, no interior, poente, (MARQUES 2014).

Construção – 1147 – 丁卯 火 –, *body element*, ou personalidade do local. Este *Lap Yang*, conhecido como *Furnace Fire*, define uma personalidade emotiva e relacionamentos calorosos. O *body element* é fogo intenso. O estudo *loshu*, para $1147 = 13 = 11 - 4 = 7$, um número masculino para os aspectos *yang* da vida. Significa recompensa, frutos, lazer, também sugere morte e fim de um ciclo.

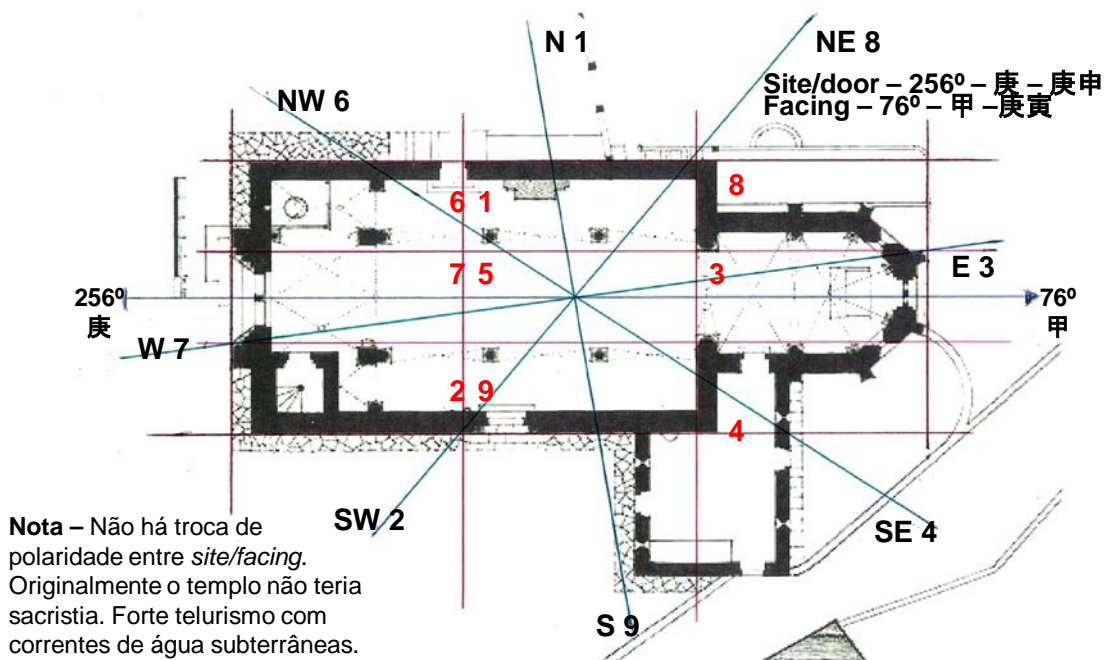


Figura 37 – Igreja de Santa Maria – Direções e orientações – planta, (www.monumentos.pt).

A análise da zona protegida/porta (ver figuras 35, 36 e 37), a saúde, neste caso a ocidente em – 庚 – no tronco e ramo – 庚申 – significa que parece forte mas quebra facilmente. A análise dos 72 dragões está num dragão vazio, o que transmite instabilidade ao local, retirando-lhe poder de realização. Os 120 *Fin Kam*, – 戊申 – dão instabilidade e tendência para viajar, estar sempre ausente. O *Kua* 7/1, corresponde ao hexagrama nº 29 – Abismo – sugere

que se deve caminhar com retidão e ensinar. A 1ª montanha corresponde ao *ch'i* da terra, dando pouca proteção ao local. A análise das *Kinship lines*, diz-nos para manter os princípios e não agir, a relação entre a zona protegida e a frente sugere cobrança constante de dinheiro. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior a estrela – 4 水 – *six evils*, uma estrela de água muito forte, que transmite instabilidade dada pelas emoções; no interior – 7 金 – *death*, estrela de metal que significa morte, fim de um ciclo, que leva à renovação. O *Yuen Hon*, o *ch'i* da terra, durante o destino 8 – 1995-2016, dá uma leitura que não é carismática. O *Loshu*, analisa os anos em curso; no entanto, há situações que acontecem todos os anos – 9 火 – 7 金 – que significam propensão a furtos e a fogo, porém esta situação tende a descer pela inclinação do terreno. O *Sam Hap*, o *ch'i* do céu, é uma leitura do exterior, nesta zona temos – 5 火 – *five ghosts*, e aparece duas vezes, uma estrela de fogo que sugere movimentos do oculto que transmitem instabilidade mental; o excesso de fogo sugere que se controlem os cinco fantasmas. O Palácio nesta zona, é *Mo Yuk*, que dá uma obsessão por coisas novas com muita irritabilidade. Os chamados *Flying Kua*, dão uma leitura da relação entre a zona protegida/frente, soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço; a *Missing Family* fala-nos sobre as pessoas que habitam o local ou os anos que estão ausentes – o ano de 2015=3, está ausente na zona protegida e no destino, estando também ausentes os conflitos existentes. Os elementos das estrelas revelam conflitos entre a zona protegida/destino, retirando a saúde a esta zona, e entre o destino/frente destrói a abundância material. No centro, no *tai ch'i*, não aparecem estes conflitos, o que sugere ser essa a situação que se transmite a todo o espaço; os *Lap Yang* mostram harmonia em madeira, em que a zona protegida e o destino alimentam o local.



Figura 38 – Igreja de Santa Maria – Frente, no exterior, nascente, (MARQUES 2014).



Figura 39 – Igreja de Santa Maria – Frente, no interior, nascente, (MARQUES 2014).



Figura 40 – Igreja de Santa Maria – vista nascente, (MARQUES 2014).



Figura 41 – Igreja de Santa Maria – vista nascente, (MARQUES 2014).



Figura 42 – Igreja de Santa Maria – vista nascente, (MARQUES 2014).

A análise da frente (ver figuras 38, 39, 40, 41 e 42), o futuro, está em – 甲 – com o tronco e ramo – 庚寅 – sugerindo pessoas confiáveis, com quem se pode contar. Os 72 dragões estão num dragão vazio, retirando ao local capacidade de realização, não sendo esta situação tão grave como na zona protegida. Os 120 *Fin Kam* em – 戊寅 –, parece forte mas é fraco, no entanto, suportam a zona protegida. O *Kua 3/1*, corresponde ao hexagrama nº 30 – Beleza Flamejante – sugere que se expanda e derrame iluminação em todas as direções. A 1ª montanha, corresponde ao *ch'i* da terra e dá pouca proteção ao local. Os *Kinship Lines* levam à aceitação do destino, não ação, sugerindo uma relação entre a zona protegida e a frente, com cobranças constantes de dinheiro. O *Ba Zhai* ou análise estrutural, o *ch'i* do homem dá-nos no exterior uma situação que não é carismática, e no interior também não sugere problemas. O *Yuen Hon* ou o *ch'i* da terra para o destino 8 – 1995-2016, sugere nesta zona – 8± – 8± – um excesso de terra, o que pode levar à estagnação. O *Loshu*, para o ano de 2014=4, pode provocar doenças, e o ano de 2015=3 dá uma energia boa para a comunicação, o ensino e para atividades pedagógicas de forma geral. O *Sam Hap*, corresponde ao *ch'i* do céu e diz respeito ao exterior; aqui a estrela – 4水 – *six evils*, sugere grande movimento emocional, transferindo instabilidade ao local, com uma estrela base – 3± – *disaster*, sugerindo acidentes, catástrofes, morte e decomposição. Estas duas estrelas têm um conflito de elementos, em que a terra controla a água aumentando a instabilidade. O Palácio *Sai*, significa morte, fim de um ciclo, dúvida e indecisão. Os *Flying Kua* apresentam aqui, no leste, conflitos de estrelas entre a zona protegida/destino, comprometendo a saúde, e entre o destino/frente manifestando falta de abundância. No *tai-ch'i* há equilíbrio, sugerindo ser essa a situação que se transmite a todo o espaço. De uma forma geral, verificam-se muitos conflitos que comprometem a saúde e que

devem ser olhados com cuidado; a *Missing Family*, diz neste caso respeito às pessoas que vivem no local, ou aos anos ausentes, estando o ano 2014=4 ausente na frente e no destino, e também ausentes os conflitos inerentes; os elementos *Lap Yang*, dizem-nos que o destino apoia o local.

A Escola da Forma mostra um Dragão numa zona mais baixa do terreno, retirando ao local a capacidade de organização e de liderança; o Tigre, é mais elevado, do lado sul, com o adro, e reforça a energia feminina, a necessidade de comunicação e de convívio que impera, não podendo nós esquecer que este monumento esteve sempre ligado à Casa das Rainhas. A zona protegida tem a rua, o que dá instabilidade energética, apesar do muro do outro lado que poderá de certa forma equilibrar esse fator. A Fénix, corresponde à elevação do outro lado de S. Pedro, compondo a vista. O *Ming Tang* ou centro, o vale com a vista a oriente, dá-lhe o carisma de templo cristão que olha o sol nascente, o sol da justiça. As Estrelas Imperiais do céu (IHS), são estrelas débeis e mutáveis, não dando proteção. A 1ª montanha, corresponde ao *ch'i* da terra, e acentua o telurismo no local, que apresenta inúmeras correntes de água subterrâneas o que dificultou muito a leitura com a bússola.

A Escola da Bússola começa por analisar os Fluxos de *ch'i* para o destino 8 – 1995-2016, com um equilíbrio relativo; no entanto, apresenta um conflito na zona protegida e na porta, mostrando haver pouco apoio. Na época da construção, 1147, durante o destino 1 – 1143-1161, o destino apoia a construção do templo. Todavia, mostra haver demasiada água e demasiadas emoções. O destino 9 – 2016-2043, está em conflito com o local, as realizações tendem a não se concretizarem; é de notar que o grande ímpeto de construção, no destino 1, é muito poderoso, aparecendo nos outros períodos do destino 1 ao longo da história – 1143-1161 / 1323-1341 / 1503-1521 / 1683-1701 / 1863-1881 / 2043-2061. No *Tai-ch'i* o centro, reflete a situação que se transmite a todo o espaço. A estrutura ou *ch'i* do homem analisa a relação entre a zona protegida e a porta e mostra no exterior – 4-4 – *six evils*, revelando haver demasiada água e demasiada instabilidade emocional; enquanto no interior – 7-7 – *death*, morte, fim de um ciclo, mostra que pode levar à renovação, à metamorfose. No *Yuen Hon*, a análise do *ch'i* da terra, olha a relação entre a zona protegida e a frente, e no destino 8 – 1995-2016, indica haver abundância material, oportunidades. Os *Flying Kua* dizem-nos que impera o destino 1, e que a relação entre a zona protegida/frente soma 10, mostrando equilíbrio em todo o espaço, o elemento madeira apoiando o destino, e o destino apoiando o local. O *Sam Hap* diz respeito ao *ch'i* do céu e mostra que a energia entra na propriedade em – 申 – numa *yang water form*, no palácio *Chang Sang*, que transmite longevidade, capacidade de realização, vitalidade e oportunidade. O *Loshu*, os anos de 2014=4 e 2015=3, anos madeira, estão em conflito com a zona protegida e podem trazer acidentes e doença. De notar, que em geral a zona protegida é

fraca; com o movimento constante da rua, não havendo proteção, a energia que sai do templo tende a escorrer morro abaixo, o espaço sugere a busca constante de mudança, morte e ressurreição, confirmando que o objectivo cristão, a frente, é forte e carismática, dando ao templo um sentido religioso, olhar o sol nascente, o sol de justiça. Não nos podemos esquecer tratar-se de um local especial: a agulha da bússola afunda a norte revelando-se grande instabilidade magnética, correntes de água subterrâneas e telurismo intenso.

Recomendamos atividades femininas no exterior, apoiadas pelo tigre mais alto, com convívio e socialização no adro, havendo grande tendência para atrair eventos sociais de carácter religioso, e também drenar a energia doente no interior do templo, com uso da cor branca e da música, retirando força ao excesso de terra presente. Não se verifica a inversão da polaridade do templo, havendo uma vista carismática a nascente, o sol de justiça, com um vale. O *Tai ch'i* no interior, é um agregador para a atividade religiosa, transmitindo o verdadeiro sentido do templo cristão, com a estrela metal 7, com a conotação de morte material e espelho do céu, ou seja morte e ressurreição. O grande telurismo com correntes de água subterrâneas altera a estabilidade magnética do local, não sendo recomendável viver aqui. Localização georreferenciada: WGS84, (lat.) X: 38.793825 – (long.) Y: -9.384801.

3.2 – Igreja Convento de S. Vicente de Fora

A primeira fase de construção terá sido à conquista de Lisboa, 1147, passando em 1173 a ser mosteiro e a albergar os restos de S. Vicente. No séc. XVI, D. João III, pensou fazer remodelações, não concretizadas. As obras só começam com os Filipes, 1582, sendo concluídas já no séc. XVIII, obedecendo a várias campanhas de obras (ver figura 43).



Figura 43 – Igreja e Convento de São Vicente de Fora, (ALMEIDA, BELO:2007:245).

S. Vicente de Fora tem origem muito antiga, datando da conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques que ali instalou o seu quartelamento, a oriente dos velhos muros da cerca Moura, em 1147. A ermida primitiva ainda do séc. XII, dedicada a Nossa Senhora da Enfermaria e ligada ao cemitério, sendo um voto do rei cristão para alcançar a vitória na conquista da cidade. Porém, fala-se também na consagração do campo santo, onde teriam sido enterrados os cavaleiros caídos nessa batalha.

D. Fernando, no séc. XIV, fez passar a cerca fernandina no limite do mosteiro. No séc. XVI, em 1527, D. João III pretendeu reformular o mosteiro, entregando-o aos frades Jerónimos liderados por Frei Brás de Barros. Este monarca, propôs em 1553 uma campanha de obras que nunca aconteceu. Em 1582, já sob Filipe II, passou a ser patriarcal entre 1773-1792. Em 1834 passa a pertencer ao património nacional. Mais tarde, instalou-se lá o Seminário Patriarcal e a Câmara Eclesiástica, sendo posteriormente incorporada nos Monumentos Nacionais em 1910.

A abordagem geomântica começa por analisar o ano da construção, 1147.



Figura 44 – Igreja de S. Vicente de Fora – Zona protegida, no exterior, nascente, (MARQUES 2014).



Figura 45 – Igreja de S. Vicente de Fora – Zona protegida, no interior, nascente, (MARQUES 2014).

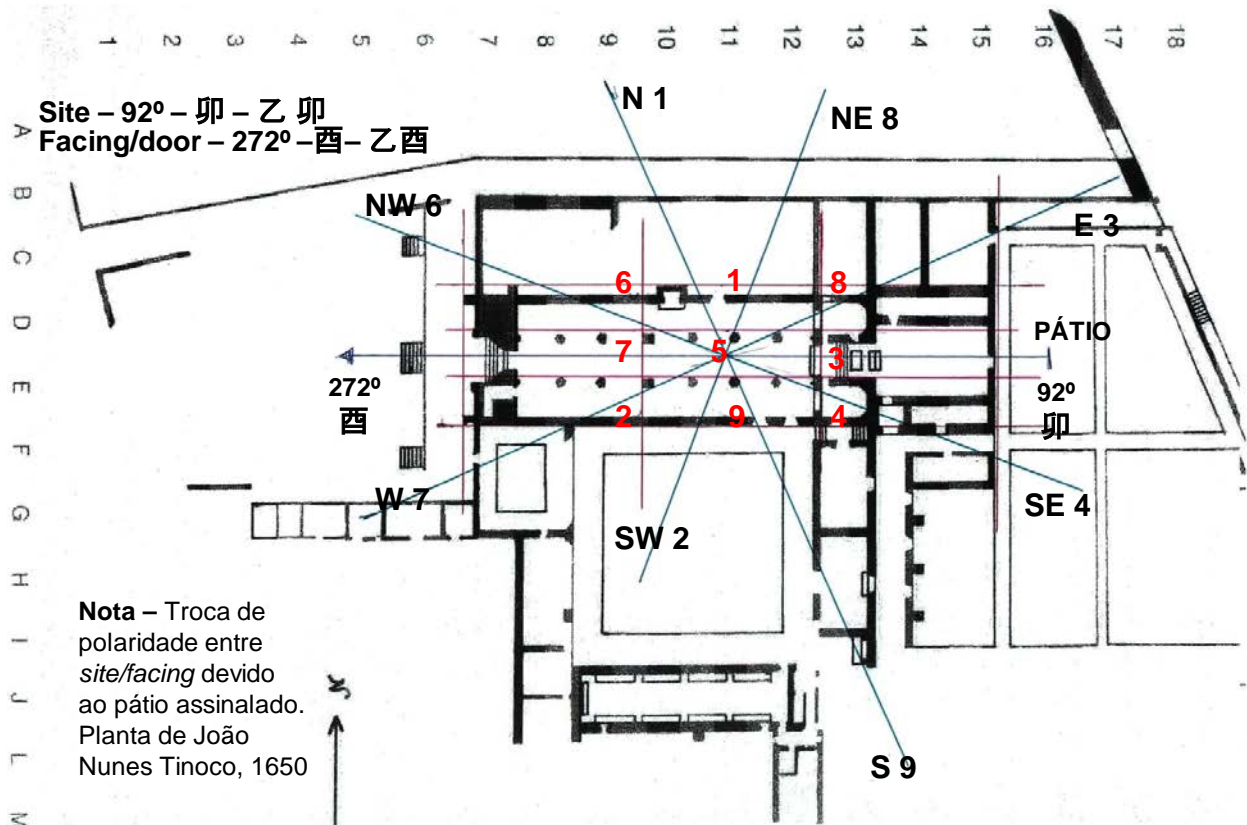


Figura 46 – Igreja de S. Vicente de Fora – Direções e orientações – 1650, (FERREIRA 1995:6).

Construção, – 1147 – 丁卯火 – *body element* ou personalidade do local. Este *Lap Yang*, conhecido como *Furnace Fire*, define uma personalidade emotiva e relacionamentos calorosos.

O *body element* é fogo intenso. O estudo *loshu*, para $1147 = 13 = 11 - 4 = 7$, um número masculino para os aspectos *yang* da vida. Significa recompensa, frutos, lazer, e também sugere morte, fim de um ciclo.

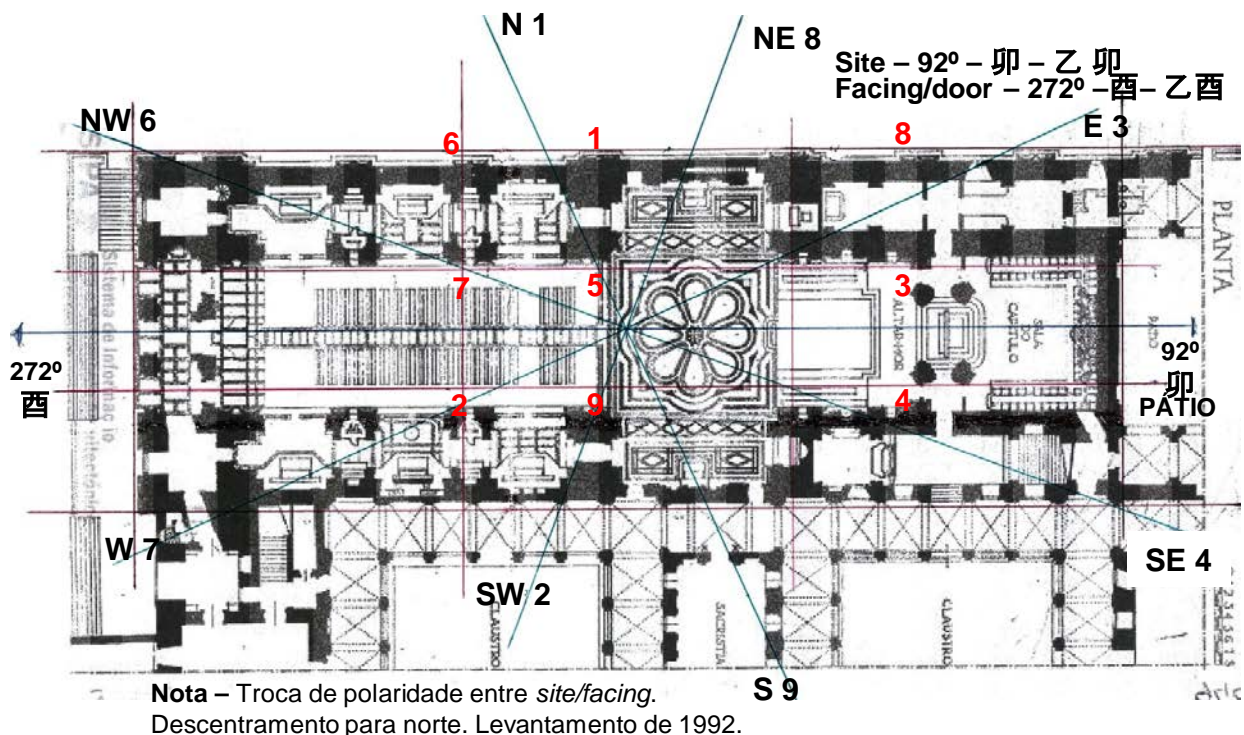


Figura 47 – Igreja de S. Vicente de Fora – Direções e orientações – 1992, (www.monumentos.pt).

A análise da zona protegida (ver figuras 44, 45, 46 e 47), a saúde, neste caso a oriente em – 卯 –, no tronco e ramo – 乙卯 –, significa que está sempre com pressa. A análise dos 72 dragões, temos – 辛卯 –, transmite apoio, pode-se confiar. Os 120 *Fin Kam*, temos aqui – 辛卯 –, também transmite estabilidade e segurança, apoia a frente. O *Kua* 1/4, corresponde ao hexagrama nº 19 – Aproximar –, sugere a necessidade de comunicar e ensinar, ser inexaurível. A 2ª montanha, corresponde ao *ch'i* do céu, dando grande poder ao local. A análise dos *Kinship lines*, diz-nos haver grande necessidade de comunicar, e a relação entre a zona protegida e a frente é de respeito. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior a estrela – 5火 –, *five ghosts*, de fogo, que transmite grande movimento do oculto e muita emotividade; no interior – 1木 –, *Vitality*, dá grande capacidade de realização e muita energia. O *Yuen Hon*, o *ch'i* da terra, durante o destino 8 – 1995-2016, dá-nos – 1水 – 4木 –, estrelas que dão apoio à carreira, ao estudo, ao desenvolvimento, bom para a educação, atividades pedagógicas, e ensino de forma geral. O *Loshu*, analisa os anos em curso, no entanto há situações que acontecem todos os anos – 1水 – 3木 – também uma estrela boa para o ensino,

aprendizagem e desenvolvimento de forma geral. O *Sam Hap*, o *ch'i* do céu, é uma leitura do exterior, e nesta zona temos – 4水 – *six evils*, que traz grande emotividade e muito movimento; a estrela base em – 5火 – *five ghosts*, sugere movimentos do oculto e muita imprevisibilidade. O Palácio nesta zona é *Chang Sang*, transmite grande capacidade de realização, muita energia e vitalidade. Os chamados *Flying Kua* dão uma leitura da relação entre a zona protegida/destino, que soma 15, expressando um retardamento nas questões de saúde, e entre a zona protegida/frente, que soma 15, dificultando o equilíbrio em todo o espaço. A *Missing Family* fala-nos sobre as pessoas que habitam o local ou os anos que estão ausentes. Os elementos das estrelas revelam bastantes conflitos entre a zona protegida/destino, significando saúde precária, mas esta pode ser influenciada pelo que aparece no *tai ch'i*, o centro, revelando conflitos entre a zona protegida/frente, e o destino não gosta do local, o que pode ser resolvido com atividades pedagógicas. Os *Lap Yang* mostram harmonia de forma geral, em que o local apoia e alimenta o destino.



Figura 48 – Igreja de S. Vicente de Fora – Frente, no exterior, poente, (MARQUES 2014).



Figura 49 – Igreja de S. Vicente de Fora – Frente, no interior, poente, (MARQUES 2014).

A análise da frente/porta, ver as figuras 48 e 49, o futuro, está em – 酉 – com o tronco e ramo – 乙卯 – dá uma energia refrescante para a mente, e sempre renovada. Os 72 dragões em – 丁酉 – tem muita energia, um vulcão. Os 120 *Fin Kam*, em – 辛酉 –, parece forte mas quebra facilmente. O *Kua* 9/4 corresponde ao hexagrama nº 33 – Retiro – e sugere manter a distância, não se zangar, escapar de situações difíceis. A 2ª montanha corresponde ao *ch'i* do céu e dá grande poder ao local. Os *Kinship Lines* sugerem manter a distância, preservando o respeito, ou então é preferível escapar. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior – 4水 – *six evils*, que transmitem grande emotividade e instabilidade; no interior temos – 7金 – *death*, o fim de um ciclo. O *Yuen Hon*, ou o *ch'i* da terra, para o destino 8 – 1995-2016, dá-nos – 8土 – 6金 – com muito poder financeiro, aparecendo duas vezes e por isso reforçado.

O *Loshu* não apresenta situações críticas ou difíceis para 2014=4 e 2015=3. O *Sam Hap* corresponde ao *ch'i* do céu e diz respeito ao exterior; aqui a estrela – 4水 – *six evils*, sugere grande movimento emocional, transferindo instabilidade ao local, com uma estrela base – 6金 – *Longevity*, o que dá muita proteção, muita energia; a estrela 6 controla a 4 estabilizando a situação. O Palácio *Bang* traz doença e corrupção física. Os *Flying Kua* apresentam a ocidente, entre a zona protegida/frente, a soma de 5. A energia é muito rápida e imprevisível, entre o destino/frente, também soma 5, e a energia de abundância que é rápida, também imprevisível. O que acontece no *tai ch'i* tem tendência a dominar o espaço interior, não mostrando haver conflitos entre estrelas. A *Missing Family*, no ano de 2015=3, significa que este ano está ausente, no destino e na frente, não sendo influenciado pelos conflitos presentes. Os elementos *Lap Yang*, do local apoiam o destino.

A Escola da Forma diz-nos que o Dragão está num plano mais baixo; o mosteiro, no entanto, equilibra o desnível presente, podendo-se pois considerar equilibrado, transmitindo organização, liderança e capacidade de realização; a subida do tigre sugere atividades pedagógicas, dadas pelo seminário que aqui funciona. O Tigre, no lado norte é mais elevado, com uma rua, e pode-se considerar fraco, devido à passagem de pessoas e veículos, as atividades do exterior estão ligadas à feira da Ladra e os vendedores chegam até aqui com as suas bancas. A zona protegida, numa área elevada do terreno, originalmente seria a frente, com vista para o rio, todavia, o pátio pequeno com edifício muito elevado do convento cortou a vista, invertendo a polaridade do templo. A Fénix, corresponde aos prédios do outro lado da rua Voz do Operário. O *Ming Tang*, ou centro, tem vista para o largo de S. Vicente de Fora. As Estrelas Imperiais do céu (IHS), são estrelas fortes, que dão muita proteção à frente e atrás.

A Escola da Bússola começa por analisar os Fluxos de *ch'i* para o destino 8 – 1995-2016, em que o local rejeita este destino. Na época da construção, 1147, durante o destino 1 – 1143-1161, o local apoia o que o destino lhe traz, não mostrando haver conflitos. O destino 9 – 2016-2043, também não apresenta conflitos; o local apoia o destino e o destino apoia o local. De notar que o destino 4 é muito poderoso, o que pode ser confirmado pela história – 1209-1233 / 1389-1413 / 1569-1593 / 1749-1773 / 1929-1953. O *tai-ch'i*, o centro, reflete a situação que se transmite a todo o espaço; na estrutura, ou *ch'i* do homem, analisa-se a relação entre a zona protegida e a porta, mostra no exterior – 5-4 – *five ghosts* e *six evils*, conflitos entre fogo e água, os fantasmas imaginam e os demónios concretizam, não é uma boa situação; e no interior – 1-7 – *vitality* e *death*, mostra conflitos de madeira e metal, com tendência para o crime organizado, atividades ilícitas, e não-aceitação do poder instituído. No *Yuen Hon*, a análise do *ch'i* da terra, olha a relação entre a zona protegida e a frente, e no destino 8 – 1995-2016, mostra haver muita abundância material, oportunidade. Os *Flying Kua* dizem-nos que impera o

destino 4 e que a relação entre o destino/frente, soma 15, mostrando uma energia lenta, com a abundância comprometida. Os elementos das estrelas e o destino, estão em conflito com o destino, e os elementos *Lap Yang*, do local, apoiam o destino. O *Sam Hap* diz respeito ao *chi* do céu, e mostra que a energia entra na propriedade em – 亥 – numa *yin wood form*, no Palácio *Dai Wong* que transmite prosperidade e abundância material. O *Loshu*, os anos de 2014=4, e 2015=3, anos madeira, são pouco conflituosos. De notar que em geral, a zona protegida é forte, a frente e a porta deixam a energia descer facilmente pela inclinação do terreno. Há tendência para a organização de grupos em conflito, que se organizam facilmente contra o poder instituído. O objetivo religioso tem dificuldade em concretizar-se, e a metamorfose, sugerida no centro tem tendência a desvirtuar o seu objetivo.

Recomendamos atividades femininas, apoiadas pelo tigre, já presente com o desenvolvimento do turismo, a feira da Ladra e atividades pedagógicas relacionadas com o seminário. As realizações espirituais e atividades religiosas, saem facilmente para o exterior, invadindo a urbe, devido ao desnível do terreno. A inversão da polaridade, entre a zona protegida e a frente com a construção do mosteiro, cortando a vista do sol nascente, retirou-lhe o carisma da ressurreição do templo original, este aspecto tratar-se com atividades de ensino, divulgação e comunicação espiritual, anulando o percurso do crente, ao entrar contra a corrente. O Nordeste, é o melhor local para o desenvolvimento da disciplina e para atividades de comando, a estrela 2, de prosperidade, com a estrela 6, de longevidade, para desenvolvimento de atividades pedagógica e ensino de forma geral, o *tai ch'i*, deve ser mantido livre, pois a passagem constante de pessoas dispersa a energia, favorecendo o desenvolvimento da comunicação religiosa, resolvendo o carisma negativo da zona, dado pela estrela 1, vitalidade, e 7, morte, uma estrela fraca de metal, incapaz de destruir a vitalidade da estrela 1, dispersa o seu carisma negativo. Localização georreferenciada: WGS84, (lat.) X: 38.714607 – (long.) Y: -9.127565.

3.3 – Sé de Lisboa ou Igreja de Santa Maria Maior

Santa Maria Maior (ver figura 50), começou a sua construção à conquista da cidade, em 1147. Segue o românico até ao reinado de D. Dinis, que continuou a obra sob o gótico. D. Afonso IV, com reconstruções sucessivas devido a terramotos, começa já o deambulatório, que tem expressão máxima no reinado de D. João I.

Ao tempo da reconquista, Lisboa era uma cidade muçulmana de grande tolerância religiosa, pelo que judeus e cristãos tinham nela a sua expressão sem incómodo. D. Afonso Henriques mandou construir em 1147 o templo que seria depois a Sé de Lisboa, aparecendo, segundo a fonte mais antiga de Osberno, sobre «*uma mesquita de cinco naves*»². Porém, a arqueologia não prova esse fato, aparecendo antes vestígios dos períodos paleocristão,

visigótico em inúmeras pedras encontrada. Ao que parece, a Sé é um edifício religioso, construído com essa finalidade, desenvolvendo-se do românico para o gótico, durante alguns séculos, não mostrando adaptações, o que nos leva a crer, haver preexistências arrasadas que lhe terão dado lugar. O bispado de Lisboa foi instituído logo em 1150, tendo um sacerdote inglês ocupado o lugar, funcionando então já no espaço deste antigo templo, que se encontrava no interior da Cerca Moura.



Figura 50 – Sé de Lisboa – fachada principal, (ALMEIDA, BELO:2007:252).

A abordagem geomântica começa por analisar o ano da construção, 1147.



Figura 51 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa – Zona protegida, no exterior, poentes, (MARQUES 2014).

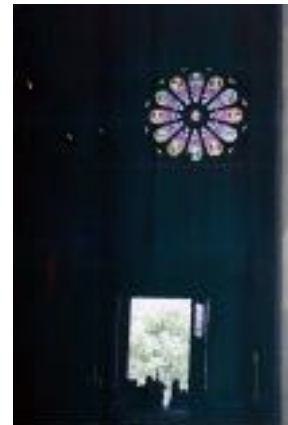


Figura 52 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa – Zona protegida, no interior, poente, (MARQUES 2014).

Construção, – 1147 – 丁卯 火 – *body element*, ou personalidade do local. Este *Lap Yang*, conhecido como *Furnace Fire*, define uma personalidade emotiva e relacionamentos calorosos. O *body element* é fogo intenso. O estudo *Loshu*, para $1147 = 13 = 11 - 4 = 7$, um número masculino para os aspectos *yang* da vida. Significa recompensa, frutos, lazer, e também sugere morte, fim de um ciclo.

A análise da zona protegida (ver figuras 51, 52, 53 e 54), a saúde, neste caso a ocidente em – 酉 – no tronco e ramo – 乙酉 – significa uma mente sempre refrescante, renovação. Na análise dos 72 dragões, temos – 丁酉 – o vulcão com muita energia. Quanto aos 120 *Fin Kam*, temos aqui – 辛酉 – parece forte, mas quebra facilmente, é apoiado pela frente. O *Kua* 9/4 corresponde ao hexagrama nº 33 – Retiro – necessidade de se retirar dos conflitos do mundo. A

2ª montanha, corresponde ao *ch'i* do céu, dando grande poder ao local. A análise *dos Kinship lines* diz-nos haver desejo de retirada, de escapar ao conflito, e a relação entre a zona protegida e a frente é de respeito. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior a estrela – 4水 – *six evils*, transmite grande emotividade e instabilidade; no interior – 7金 – *death*, o fim de um ciclo, sugere renovação.

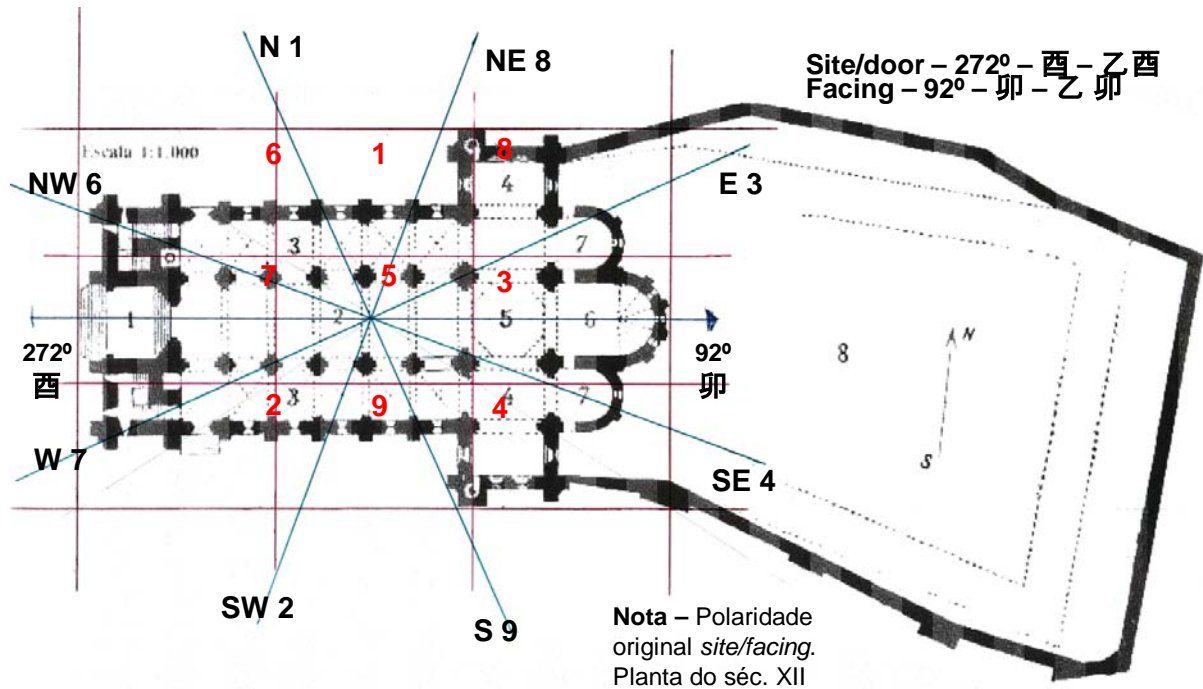


Figura 53 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa – Direções e orientações – séc. XII, (SUMMAVIELLE 1986:8).

O *Yuen Hon*, o *ch'i* da terra, durante o destino 8 – 1995-2016, dá-nos – 6金-8土 – dá grande poder financeiro ao local. O *Loshu* analisa os anos em curso, no entanto há situações que acontecem todos os anos – 7金 – 9火 – favorecem furtos, roubos e fogo, sendo necessária vigilância neste local. O *Sam Hap*, o *ch'i* do céu, é uma leitura do exterior, nesta zona temos – 1木 – *vitality*, protege a saúde e dá muita energia, a estrela base em – 6金 – *longevity*, sugere um conflito entre metal e madeira, principalmente por serem estrelas muito poderosas. O Palácio nesta zona é *Lum Kum*, bom para a educação, o ensino e atividades pedagógicas. Os chamados *Flying Kua* dão uma leitura da relação entre a zona protegida/destino, soma 15, expressando um retardamento nas questões de saúde, e entre a zona protegida/frente, soma 10, revelando-se um espaço equilibrado.

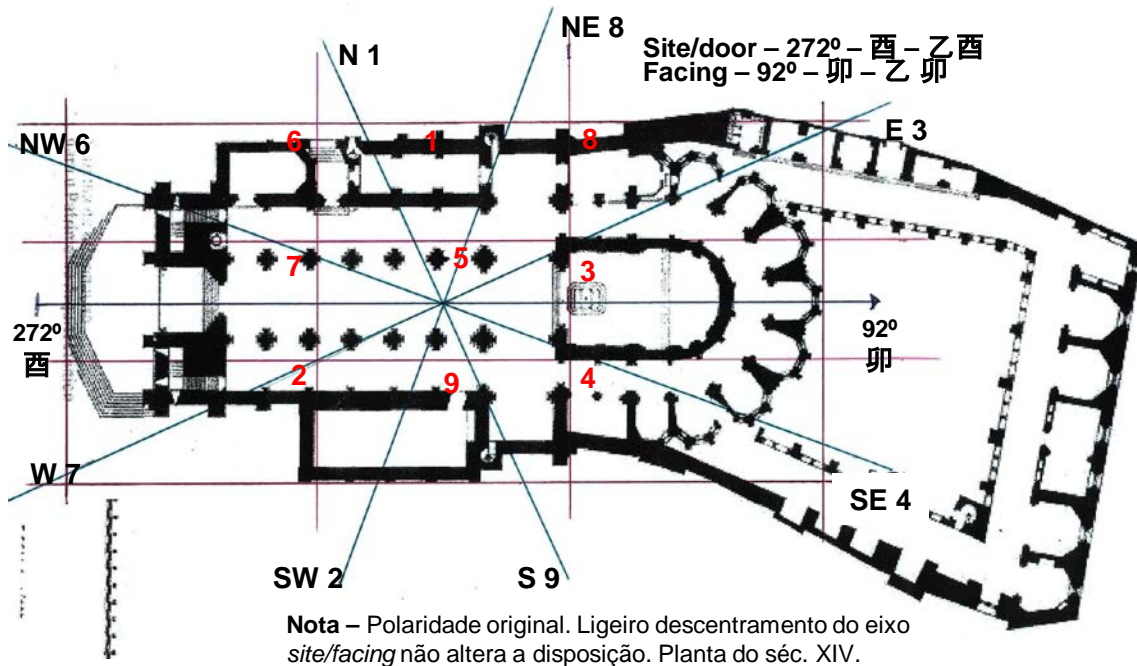


Figura 54 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa – Direções e orientações – séc. XIV, (SUMMAVIELLE 1986:8).

A *Missing Family* fala-nos sobre as pessoas que habitam o local e os anos ausentes; os elementos das estrelas, revelam conflito entre a zona protegida/destino, significando saúde precária, havendo tendência dos conflitos que aparecem no *tai ch'i*, o centro, entre a zona protegida/destino e destino/frente, a alastrar por todo o espaço. Os *Lap Yang* mostram harmonia de forma geral, em que o local apoia o destino.



Figura 55 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa – Frente, no exterior, nascente, (MARQUES 2014).



Figura 56 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa – Frente, no interior, nascente, (MARQUES 2014).

A análise da frente (ver figuras 55 e 56), o futuro, está em – 卯 – com o tronco e ramo – 乙卯 – dão uma energia de estar sempre com pressa. Os 72 dragões em – 辛卯 – são personalidades confiáveis, com quem se pode contar, um apoio. Os 120 *Fin Kam*, em – 辛卯 – são personalidades confiáveis, com quem se pode contar, um apoio. O *Kua* 1/4 corresponde

ao hexagrama nº 19 – Aproximar – necessita de comunicar e ensinar de forma inexaurível. A 2ª montanha, corresponde ao *ch'i* do céu e dá grande poder ao local. Os *Kinship Lines* sugerem um futuro brilhante, ideais elevados e respeito, têm a confiança dos superiores. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior – 4水 – *six evils*, que transmitem grande emotividade e instabilidade; no interior temos – 7金 – *death*, o fim de um ciclo. O *Yuen Hon* ou o *ch'i* da terra, para o destino 8 – 1995-2016 dá-nos – 1水 – 3木 – mostra ser um bom local para a educação, ensino e atividades pedagógicas. O *Loshu* apresenta um conflito estrutural que aparece todos os anos – 5-3 – que favorece a formação de grupos contra a autoridade instituída, e crime organizado. O *Sam Hap* corresponde ao *ch'i* do céu e diz respeito ao exterior; aqui a estrela – 1木 – *vitality*, dá muita energia, é boa para realizações e para a saúde, com uma estrela base – 5火 – *five ghosts*, sugerindo movimentos do oculto. O Palácio *Chua*, morte e fim sem esperança, vai da morte para o túmulo. Os *Flying Kua* apresentam, a oriente, entre a zona protegida/frente soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço; o que acontece do *tai ch'i* tem tendência a dominar todo o espaço. Os conflitos de estrelas, entre destino/frente, comprometem a abundância, conflito que é reforçado pelo *tai ch'i*. A *Missing Family* diz respeito a pessoas que vivam no local, não apresentando situações críticas. Nos elementos *Lap Yang*, a frente apoia o destino.

A Escola da Forma diz-nos que o Dragão é muito alto e domina todo o espaço, transmitindo organização, comando e liderança, dada pela presença do patriarcado e do cabido. O Tigre, a sul, é mais baixo e segue o comando do dragão. A zona protegida está na descida do terreno e tem pouca estabilidade; na altura da construção, a muralha da cidade, a Cerca Moura junto à Porta de Ferro, daria mais apoio ao local. A Fénix, os prédios no final do claustro, dão estabilidade à zona. O *Ming Tang* ou centro, está sobre o claustro que deveria ser ajardinado. As Estrelas Imperiais do céu (IHS), estrelas fortes de grande poder, dão muita proteção ao local.

A Escola da Bússola começa por analisar os Fluxos de *ch'i* para o destino 8 – 1995-2016, em que o local rejeita este destino. Na época da construção, 1147, durante o destino 1 – 1143-1161, há metal e água em harmonia, não mostrando haver conflitos; o destino 9 – 2016-2043, apresenta um excesso de metal, mas sem conflitos, a energia pode ficar estagnada, cristalizada; de notar que o destino 4, é muito poderoso neste local, o que pode ser confirmado pela história – 1209-1233 / 1389-1413 / 1569-1593 / 1749-1773 / 1929-1953. No *Tai-ch'i*, o centro, reflete a situação que se transmite a todo o espaço; a estrutura, ou *ch'i* do homem, analisa a relação entre a zona protegida e a porta, e mostra no exterior – 4-4 – *six evils*, com demasiada água, muita instabilidade dada pelas emoções; e no interior – 7-7 – *death*, há um

excesso de metal, e esta estrela sugere o fim de um ciclo e metamorfose. O *Yuen Hon*, a análise do *ch'i* da terra, olha a relação entre a zona protegida e a frente, e no destino 8 – 1995-2016, e mostra haver muita abundância material, oportunidade. Os *Flying Kua* dizem-nos que impera o destino 4 e que a relação, zona protegida/destino, soma 15, retardando os aspectos positivos do restabelecimento da saúde, entre zona protegida/frente, soma 10, que mostra ser um espaço equilibrado; os elementos das estrelas, estão em conflito, madeira metal, entre zona protegida/destino/frente, o que tem tendência a influenciar todo o espaço interior. Os elementos *Lap Yang* do local apoiam o destino. O *Sam Hap* diz respeito ao *ch'i* do céu e mostra que a energia entra na propriedade em – 子 – numa *yin water form*, no Palácio *Chang Sang*, que transmite uma grande fonte de energia, harmonia, saúde, vitalidade e capacidade de realização. O *Loshu*, do ano de 2014=4, com as estrelas 7-4, no *tai-ch'i*, sugere atividades ilícitas com grande necessidade financeira. De notar que em geral, a zona protegida é fraca, com uma rampa, e a frente é forte. As maldições na porta de entrada são uma situação difícil, havendo necessidade do comando e da disciplina do dragão para estabilizar esse aspecto. Sugere a transformação interior, induzindo a pessoa a entrar, a retirar-se, e a realizar a morte e ressurreição, a relação das linhas dos hexagramas, indicando o mesmo respeito.

Recomendamos no exterior, favorecer atividades como o estar público, a sul, o lado do tigre, que favorece atividades femininas. A descida na entrada, a zona protegida, na porta principal, faz com que as maldições e a energia desqualificada acumulada, tenham tendência a escorrer morro abaixo. O templo conseguiu manter a forma original; o cristão ao voltar-se para o altar, olha o sol nascente, o sol de justiça, a sua filiação divina pede identificação. O Noroeste, no interior do edifício, é um bom local para o estudo e aprendizado, para recuperação da saúde do corpo e do espírito, com a presença da estrela 2 de terra, prosperidade, e a estrela 6 de metal, longevidade. A sul, também no interior, deve ser uma zona de grande observação, pois o excesso de fogo aqui, pode resultar num excesso de comunicação com o oculto, dado pela presença tripla da estrela 5, ou cinco fantasmas, podendo estabilizar-se esta energia com o elemento terra, e a cor branca. Para evitar a maldição na porta de entrada, ou seja, a zona protegida, está na mesma família da porta principal, em *kun*, a linha do hexagrama que transmite o carácter de autoridade, prevendo-se problemas a este nível, com o uso desta porta. Sugere-se pois usar a porta da esquerda, na entrada principal, com uma orientação melhor, em – 甲子 –, transmitindo grande ímpeto de realização, não estando na mesma *missing family*, da porta principal. A porta à direita da entrada principal, tem o mesmo problema da porta principal, sendo por isso melhor mantê-la fechada. Localização georreferenciada: WGS84, (lat.) X: 38.709868 – (long.) Y: -9.132916.

3.4 – Igreja da Memória

A Igreja da Memória (ver figura 57) tem apenas uma época de construção, começada em 1760 e concluída em 1788. Esta igreja, responde a uma promessa do rei D. José, ao escapar a um atentado em 1759. O Duque de Aveiro é acusado, construindo-se o pelourinho do Chão Salgado, e tendo os Távoras caído em desgraça, foram perseguidos e eliminados num episódio histórico trágico.



Figura 57 – Igreja da Memória, (ALMEIDA, BELO:2007:266).

A Igreja foi dedicada a Nossa Senhora do Livramento e a São José, obedecendo ao projeto de Giovanni Bibiena, datado de 1760. Em 1762, as obras são interrompidas devido a dificuldades económicas e retomadas mais tarde sob a direção de Mateus Vicente de Oliveira, terminando em 1788. Em 1923 são trasladados para aqui os restos mortais do Marquês de Pombal. Apesar da orientação obedecer ao eixo E/W, existem diferenças de localização, havendo certamente alteração no ambiente urbano à volta, com disposição do templo diversa da original.

A abordagem geomântica começa por analisar o ano da construção, 1760.



Figura 58 – Igreja da Memória – Zona protegida, no exterior, nascente, (MARQUES 2014).



Figura 59 – Igreja da Memória – Zona protegida, no interior, nascente, (MARQUES 2014).

Construção, – 1760 – 庚辰 金 – *body element* ou personalidade do local. Este *Lap Yang*, conhecido como *white wax metal*, define uma personalidade fraca, metal que derrete facilmente. O *body element* é metal fraco. O estudo *Loshu*, para 1760 = 14 = 11 – 5 = 6, um número masculino para os aspectos *yang* da vida. Significa concentração e filantropia.

A análise da zona protegida (ver figuras 58, 59 e 60), a saúde, neste caso a oriente, em – 乙 – no tronco e ramo – 丁卯 – significa muita emoção e calor humano. Na análise dos 72

dragões, temos – 乙卯 – sempre com pressa, sempre a correr. Nos 120 *Fin Kam*, temos aqui – 丁卯 – com muita emotividade e calor humano, é apoiado pela frente. O *Kua* 6/9 corresponde ao hexagrama nº 41 – Declínio – a zanga e a irritação, que devem ser controladas com a paciência. A 3ª montanha corresponde ao *ch'i* do homem, dá abundância material.

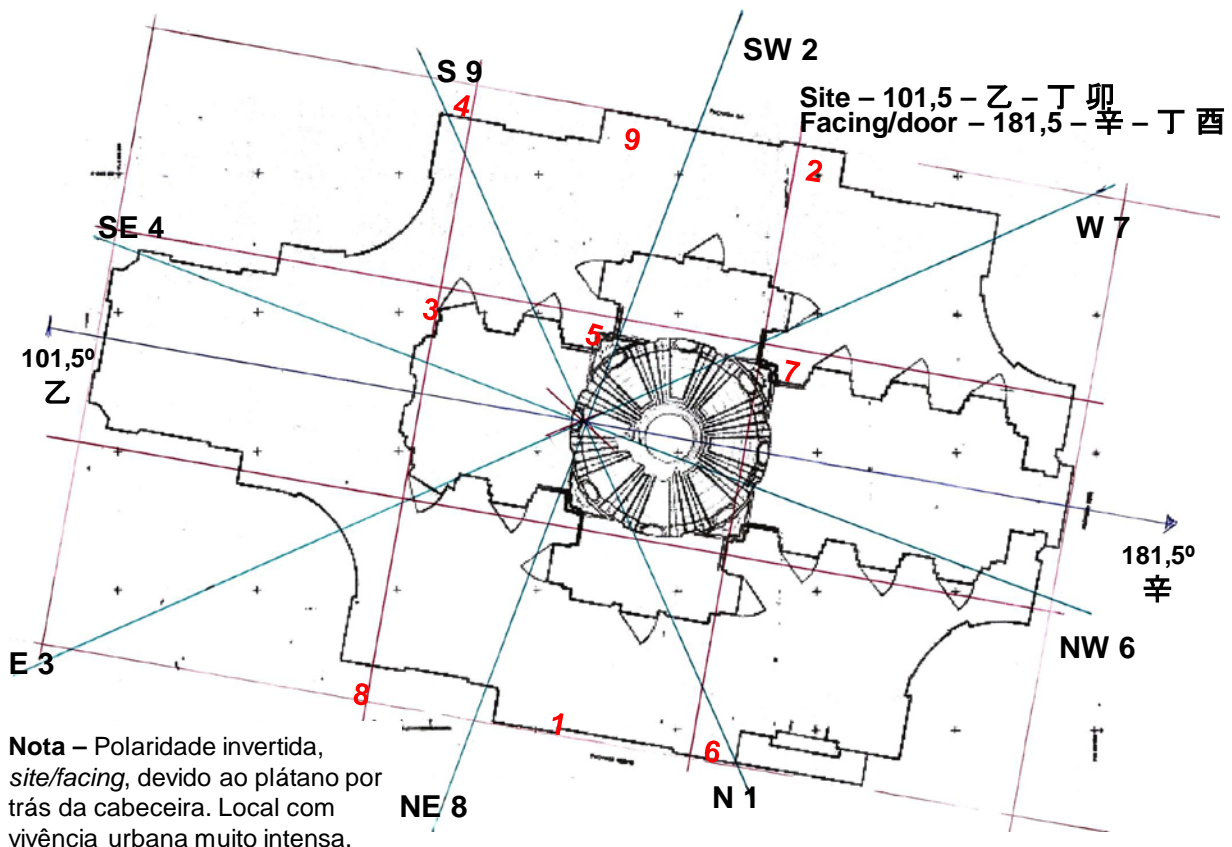


Figura 60 – Igreja da Memória – Zona protegida, no interior – Direções e orientações – planta, (www.monumetos.pt).

A análise dos *Kinship lines* diz-nos haver fragilidade; contudo, a relação entre a zona protegida e a frente, favorece a saúde e a vida longa. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior a estrela – 5火 – *five ghosts*, com os inerentes movimentos do oculto; no interior – 1木 – *vitality*, reforça a saúde, e muita energia de realização. O *Yuen Hon*, o *ch'i* da terra, durante o destino 8 – 1995-2016, dá-nos – 1水 – 4木 – é bom para a carreira e para a transmissão de conhecimento, dando grande proteção durante este destino. O *Loshu* analisa os anos em curso, no entanto há situações que acontecem todos os anos – 1水 – 3木 – bom para o ensino e atividades pedagógicas. O *Sam Hap*, o *ch'i* do céu, é uma leitura do exterior; nesta zona temos – 4水 – *six evils*, muita instabilidade provocada pelas emoções; o plátano, nesta zona, ajuda a estabilizar essa energia, a estrela base em – 8木 – *site of life*, é

fraca e dominada pela estrela 4. O Palácio é *Chang Sang*, com muita energia e capacidade de realização. Os chamados *Flying Kua* dão uma leitura da relação entre a zona protegida/frente, soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço. A *Missing Family*, diz-nos sobre as pessoas que habitam o local, estando o ano de 2014=4, ausente na zona protegida e no destino, anulando, nesse ano, os conflitos e aspectos positivos; os elementos das estrelas não têm conflitos, imperando o que aparece no *tai ch'i*. Os *Lap Yang* mostram que o local protege o destino em curso.



Figura 61 – Igreja da Memória – Frente, no exterior, poente, (MARQUES 2014).



Figura 62 – Igreja da Memória – Frente, no interior, poente, (MARQUES 2014).

A análise da frente/porta (ver figuras 61 e 62), o futuro, está em – 辛 – com o tronco e ramo – 丁酉 – dão uma energia explosiva, um vulcão. Os 72 dragões em – 辛酉 – parece forte mas quebra facilmente. Os 120 *Fin Kam*, em – 丁酉 – reforçam a energia explosiva do vulcão, a frente e a porta apoiando a zona protegida. O *Kua* 4/9 corresponde ao hexagrama nº 31 – Atração – e dá uma tendência a concretizar algo de muito poderoso. A 3ª montanha, corresponde ao *ch'i* do homem e dá grande abundância material. Os *Kinship Lines* sugerem também a concretização de algo muito poderoso, o local traduz saúde e vida longa. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior – 4水 – *six evils*, transmite grande emotividade e instabilidade; no interior temos – 7金 – *death*, o fim de um ciclo. O *Yuen Hon*, ou o *ch'i* da terra, para o destino 8 – 1995-2016, dá-nos – 8土 – 6金 – dão grande poder financeiro. O *Loshu* aqui não é estrutural nem complicado. O *Sam Hap* corresponde ao *ch'i* do céu e diz respeito ao exterior; aqui a estrela – 4水 – *six evils*, dá grande emotividade com instabilidade, que é drenada pela descida da colina, com uma estrela base – 6金 – *longevity*, estrela que controla os aspectos negativos da 4. O Palácio *Bang* transmite doença. Os *Flying Kua* apresentam a ocidente a relação entre zona protegida/frente, soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço, o que acontece no *tai ch'i* tem tendência a dominar no interior; os conflitos de estrelas, entre a zona protegida/destino, comprometem a saúde. A *Missing Family* diz respeito a

pessoas que vivam no local; aqui o ano de 2015=3 está ausente no destino. Os elementos *Lap Yang*, o lugar apoia o destino e o destino apoia o lugar.

A Escola da Forma diz-nos que o Dragão é mais baixo que o tigre, havendo tendência para atividades femininas, dificuldade na organização, na liderança e na disciplina. O Tigre, a norte, é mais forte, transmitindo uma apetência pelo convívio e atividades de socialização. A zona protegida está estabilizada por um grande plátano. A Fénix, os prédios do outro lado do largo, com ruas e movimento, indica que o *ch'i* que deve ser mantido em circulação. O *Ming Tang* ou centro, é o Largo da Memória, com bastante tráfego. As Estrelas Imperiais do céu (IHS), são estrelas fortes e dão proteção ao local.

A Escola da Bússola começa por analisar os Fluxos de *ch'i*, para o destino 8 – 1995-2016, em que o local rejeita este destino. Na época da construção, em 1760, durante o destino 4 – 1749-1773, há muito metal com poder financeiro, que apoia o destino; este destino também pode ser forte com acontecimentos históricos; o destino 9 – 2016-2043 apresenta também um excesso de metal, sem conflitos, com tendência à estagnação; este destino é muito poderoso, o que pode ser confirmado pela história – 1836-1863 / 2016-2043. No *Tai-ch'i*, o centro, reflete a situação que se transmite a todo o espaço; a estrutura, ou *ch'i* do homem, analisa a relação entre a zona protegida e a porta, e mostra no exterior – 5-4 – *five ghosts* e *six evils*, com tendência a conflitos invisíveis, que geram instabilidade emocional; e no interior – 1-7 – *vitality*, e *death*, fomentam a organização de grupos contra o poder instituído, crime organizado, conspirações. O *Yuen Hon*, a análise do *ch'i* da terra, olha a relação entre a zona protegida e a frente, e no destino 8 – 1995-2016 e mostra haver muita abundância material, oportunidade. Os *Flying Kua* dizem-nos que impera o destino 9, e que a relação entre a zona protegida/frente, soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço, e entre destino/frente, soma 10, espaço com tendência a manifestar abundância material; os elementos das estrelas não têm conflitos. Os elementos *Lap Yang* do local são apoiados pelo destino. O *Sam Hap* diz respeito ao *ch'i* do céu, e mostra que a energia entra na propriedade em – 亥 – numa *yin wood form*, no Palácio *Dai Wong*, que transmite grande prosperidade e capacidade de realização. O *Loshu*, para o ano de 2014=4 e 2015=3, dá uma boa situação de apoio e equilíbrio de elementos. De notar que, de forma geral, a zona protegida é fraca e a frente é forte. O local induz, e provoca uma atividade constante. Mostra poder financeiro forte, porém com fraca organização, podendo haver propensão para desvirtuar atividades de socialização, que se transformam facilmente em conflitos, banditismo e crime organizado. A porta de entrada, sugere o fim de um ciclo para quem a transpõe. Assim, a organização de atividades no interior do templo deveria induzir a transformação, levando a cabo o objectivo religioso.

Recomendamos no exterior, o estar público, favorecer atividades, com um mínimo de percursos, e uma boa iluminação noturna, num ponto alto central, panóptico, e o desenvolvimento de atividades de lazer, que já estão presentes sendo esse um atrativo do local. A árvore na zona protegida, de certa forma, estabiliza a energia no exterior e no interior do templo. No interior, recomendam-se atividades de natureza espiritual, para neutralizar a configuração das estrelas 4 de água, os seis demónios, e 5 de fogo, os cinco fantasmas, que dão grande instabilidade emocional, devido ao conflito entre água e fogo, que provoca agravos. Pensa-se que a vista principal fosse para oriente na altura da construção do templo, mas o crescimento da cidade e o grande plátano da cabeceira inverteram a polaridade entre a zona protegida e a frente passando a vista a ser para ocidente e para o Largo da Memória. Esta situação certamente aconteceu em inúmeros templos cristãos. Localização georreferenciada: WGS84, (lat.) X: 38.703 – (long.) Y: -9.202068.

3.5 – Ermida de Santo Amaro

A ermida de Santo Amaro (ver figuras 63) dispõe de uma única época de construção no séc. XVI. Pensa-se ter havido preexistências, sugeridas pelo próprio topónimo (Santo Amaro, santo do séc. IV), no entanto, foram demolidas para dar lugar à atual construção.



Figura 63 – Ermida de Santo Amaro, (ALMEIDA, BELO:2007:279).

A ermida de Santo Amaro, foi construída em 1549 sobre uma outra preexistente, mais pequena, para responder à devoção dos frades da Ordem de Cristo. Sendo um local fora dos muros da cidade, tido como milagreiro, recebia votos e peregrinações. A sua construção, data do séc. XVI, sendo a decoração acrescentada, em diversas épocas, e respondendo a diversos estilos. Sofre com o abandono dos frades, em 1836. De planta centrada, com galilé semicircular, consegue responder ao afluxo das romarias que aí se dirigiam.

A abordagem geomântica começa por analisar o ano da construção, 1549.

Construção – 1549, – 己酉土 – *body element* ou personalidade do local. Este *Lap Yang*, conhecido como *road way earth*, define uma personalidade de grande teimosia; no entanto, pode-se contar com ela, são previsíveis. O *body element* é terra forte. O estudo *Loshu*, para 1549 = 19 = 11 – 10 = 1, um número masculino, para os aspectos *yang* da vida. Significa profundidade, filosofia, gestação, origem.



Figura 64 – Ermida de Santo Amaro – Zona protegida, no exterior, poentes, (MARQUES 2014).



Figura 65 – Ermida de Santo Amaro – Zona protegida, no interior, poentes, (MARQUES 2014).

A análise da zona protegida (ver figuras 64, 65, 66 e 67), a saúde, neste caso a ocidente, em – 辛 – no tronco e ramo – 丁酉 – significa muita energia, um vulcão. Na análise dos 72 dragões, temos – 辛酉 – parece forte mas quebra facilmente. Nos 120 *Fin Kam*, temos aqui – 乙酉 – sempre refrescante com ideias novas. O *Kua* 4/9 corresponde ao hexagrama nº 31 – Atração – deve dar instrução e comunicar. A 3ª montanha corresponde ao *ch'i* do homem, dá abundância material.

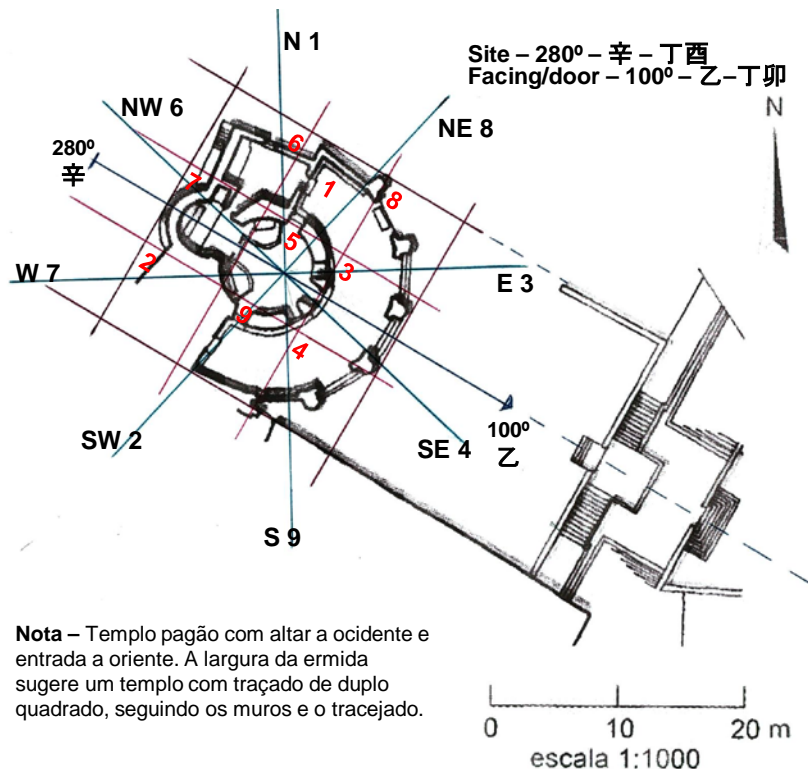


Figura 66 – Ermida de Santo Amaro – Direções e orientações – planta, (ALMEIDA, BELO 2007:278).

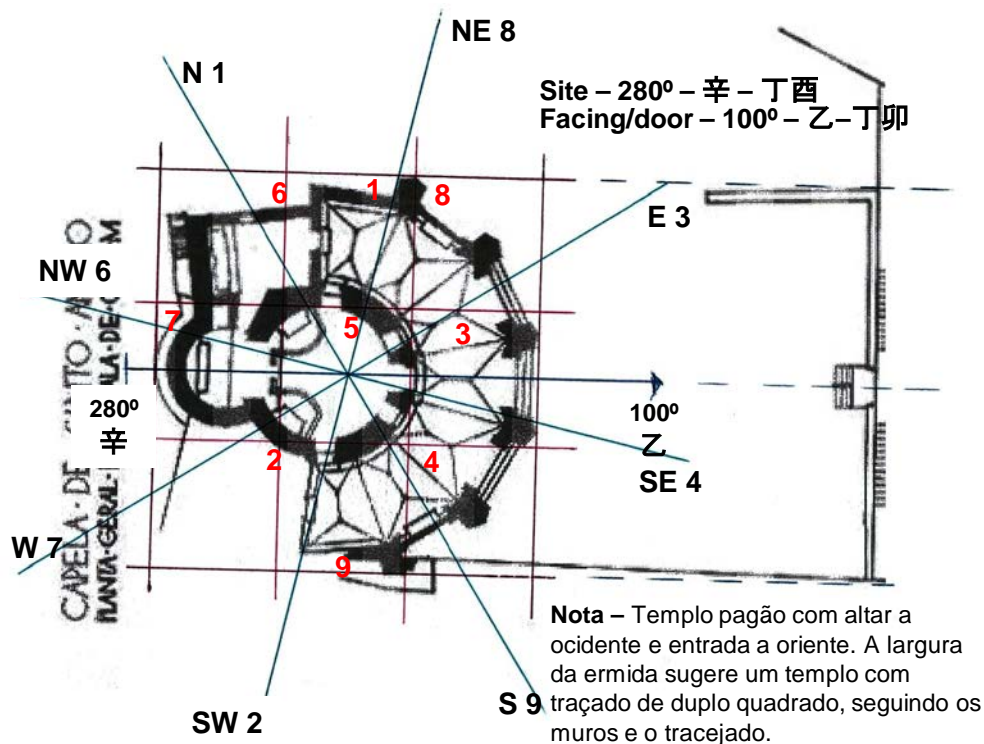


Figura 67 – Ermida de Santo Amaro – Direções e orientações – planta, (www.monumentos.pt).

A análise das *Kinship lines*, revela necessidade de controlo sobre a personalidade; no entanto, a relação entre a zona protegida e a frente, mostra conflitos entre irmãos e problemas legais. O *Ba Zhai*, ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior a estrela – 4水 – *six evils*, com instabilidade dada pelas emoções; no interior – 7金 – *death*, sugere morte e fim de um ciclo. O *Yuen Hon*, o *ch'i* da terra, durante o destino 8 – 1995-2016, – 8土 – 6金 – com poder financeiro. O *Loshu* analisa os anos em curso; porém, há situações que acontecem todos os anos – 9火 – 7金 – sugerindo furtos, roubos e fogo, energia muito corrompida. O *Sam Hap*, o *ch'i* do céu, é uma leitura do exterior, nesta zona temos – 1木 – *vitality*, com grande energia e poder de realização, a estrela base em – 2土 – *health and wealth*, traz abundância material e saúde, apesar do conflito madeira terra, com duas estrelas muito fortes. O Palácio nesta zona é *Chua*, o que sugere morte e decomposição física. Os chamados *Flying Kua* dão uma leitura da relação, entre a zona protegida/frente, soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço. A *Missing Family* diz-nos sobre as pessoas que habitam o local, estando o ano de 2014=4 ausente na frente, anulando nesse ano os conflitos; os elementos das estrelas, mostram conflito entre destino/frente, comprometendo a abundância, no entanto, o *tai ch'i*, é soberano em todo o espaço. Os *Lap Yang* mostram que o local protege o destino em curso.



Figura 68 – Ermita de Santo Amaro – Frente, no exterior, nascente, (MARQUES 2014).



Figura 69 – Ermita de Santo Amaro – Frente, no interior, nascente, (MARQUES 2014).

A análise da frente/porta (ver figuras 68 e 69), o futuro, está em – 乙 – com o tronco e ramo – 丁卯 – traduzindo grande emotividade e calor humano. Os 72 dragões em – 乙卯 – sempre com pressa, sempre a correr. Os 120 *Fin Kam*, em – 乙卯 –, transmitem pressa, urgência, embora a frente apoie a zona protegida. O *Kua* 6/9 corresponde ao hexagrama nº 41 – Declínio – desejo de plenitude, leva à zanga. A 3ª montanha, que corresponde ao *ch'i* do homem, dá grande abundância material. As *Kinship Lines* sugerem ajudar os outros e manter a dignidade; a relação zona protegida/frente traduz conflitos legais entre irmãos. O *Ba Zhai* ou análise estrutural, o *ch'i* do homem, dá-nos no exterior – 5火 – *five ghosts*, sugerindo grandes movimentos ocultos; no interior temos – 1木 – *vitality*, dando muita energia e vitalidade, sendo bom para a saúde. O *Yuen Hon* ou o *ch'i* da terra, para o destino 8 – 1995-2016, dá-nos – 4木 – 1水 – muito bom para o ensino, atividades pedagógicas, e desenvolvimento da carreira, e – 1水 – 3木 – estrela forte de comunicação, ensino e educação. O *Loshu*, no ano de 2014=4, dá excesso de terra com tendência à doença, e no ano de 2015=3, uma grande energia de realização e desenvolvimento, especialmente boa para a educação. O *Sam Hap* corresponde ao *ch'i* do céu e diz respeito ao exterior; aqui a estrela – 1木 – *vitality*, dá muita energia e capacidade de realização, com uma estrela base – 8木 – *site of life*, estrela fraca que reforça a estrela 1. O Palácio *Lum Kum*, o momento da fama, do sucesso, do reconhecimento público e realização. Os *Flying Kua* apresentam a oriente a relação entre zona protegida/frente, soma 10, transmitindo equilíbrio a todo o espaço, o que sucede no *tai ch'i*, que tem tendência a dominar no interior. Os conflitos de estrelas entre a zona destino/frente, comprometem a abundância. A

Missing Family diz respeito a pessoas que vivam no local, podendo os anos estar ausentes. Os elementos *Lap Yang* apoiam-se: o lugar apoia o destino e o destino apoia o lugar.

A Escola da Forma diz-nos que o Dragão é ligeiramente mais alto, estando numa situação de equilíbrio. O Tigre tem vista para o rio e uma força muito grande. A zona protegida tem construções à volta, estabilizando a energia. A Fénix tem vista para a ponte 25 de Abril, e para prédios ao longe. O *Ming Tang* ou centro, o adro em frente com vista sobre o rio, sugere um templo pagão: a divindade olha a vista, o sol nascente; o crente apenas vê o seu reflexo, na estátua. As Estrelas Imperiais do céu (IHS), são estrelas de grande poder, que dão muita proteção ao local. De notar a disposição quase perfeita, com grande equilíbrio, sugerindo uma preexistência pagã, com aproveitamento da disposição inicial.

A Escola da Bússola começa por analisar os Fluxos de *ch'i* para o destino 8 – 1995-2016, em que o local está em conflito com o destino. Na época da construção, em 1549, durante o destino 3 – 1545-1569, o local está em conflito com o destino. O destino 9 – 2016-2043, não mostra conflitos, tem grande poder acumulado de metal; este destino é muito poderoso, o que pode ser confirmado pela história – 1656-1683 / 1836-1863 / 2016-2043. O *Tai-ch'i*, o centro, reflete a situação que se transmite a todo o espaço; a estrutura, ou *ch'i* do homem, analisa a relação, entre a zona protegida e a porta, e mostra no exterior – 4-5 – *six evils* e *five ghosts*, com tendência a conflitos invisíveis, que geram instabilidade emocional; e no interior – 7-1 – *death* e *vitality*, fomentam a organização de grupos contra o poder instituído, crime organizado, conspirações. O *Yuen Hon*, a análise do *ch'i* da terra, olha a relação entre a zona protegida e a frente, e no destino 8 – 1995-2016 mostra haver muita abundância material, oportunidade. Os *Flying Kua* dizem-nos que impera o destino 9, e que a relação entre a zona protegida/destino, soma 10, dá saúde, e entre a zona protegida/frente, soma 10, transmite equilíbrio a todo o espaço; os elementos das estrelas não têm conflitos. Os elementos *Lap Yang*, do destino, apoiam o local. O *Sam Hap* diz respeito ao *ch'i* do céu e mostra que a energia entra na propriedade em – 午 – numa *yin fire form*, no Palácio *Chang Sang*, que dá grande energia, vitalidade e capacidade de realização. O *Loshu* para o ano de 2014=4 e 2015=3, revela conflitos entre metal e madeira, podendo atrair acidentes físicos. De notar que no geral, a disposição do local é quase perfeita, havendo muita tendência para movimentos do oculto, que degeneram em instabilidade emocional, e para conflitos entre pessoas, que podem ser corrigidos com atividade religiosa e pedagógica, sendo as romarias e peregrinações do passado uma boa solução no presente.

Recomendamos no exterior, atividades religiosas e pedagógicas, o espaço tende à degradação social. Os conflitos devem ser drenados no exterior, introduzindo-se elementos de água e vegetação, o que já existe; as estrelas 4, de água, seis demónios, e 5 de fogo, cinco

fantasmas, requerem a estabilização com o elemento madeira, ou seja, a água alimenta a madeira, que alimenta o fogo, tornando o ciclo mais estável. Trata-se de um templo pagão; a divindade olha o sol nascente e a vista, o crente olha apenas o seu reflexo. O *Tai chi* tem tendência a espalhar os conflitos a todo o espaço no interior, ou seja, a estrela 1 madeira, vitalidade, e 7, metal, morte, pode ser arrastada pela estrela 1, e disseminar o aspeto morte. Requer-se aqui o elemento água para estabilizar o ciclo de alimento, como já foi acima referido. A atividade devocional é um bom transformador da discórdia humana, podendo também recorrer-se a atividades pedagógicas, ao pequeno desporto, e a atividades que promovam a saúde; todavia, é necessário ter cuidado com a tendência à deterioração e degradação social existente, como já foi referido acima. Localização georreferenciada: WGS84, (lat.) X: 38.702112 – (long.) Y: -9.182679.

3.6 – Análise de dados

Iremos agora passar à análise dos dados obtidos. Achou-se mais legível a comparação dos vários elementos, presentes no quadro 01, e que ora passamos a analisar.

Quanto aos objectivos do trabalho, temos em primeiro lugar o *Feng-Shui* e o trabalho do arquiteto, o património, a tradição oriental e a ocidental, o que nos faz pensar haver uma geomancia estudada com relevância nos templos mais antigos. Assim, tanto em Santa Maria como em São Vicente e Sé, devem ter sido levados em conta estudos geomânticos, apesar de não da mesma forma como os olhamos presentemente. Na igreja da Memória, este fator não deve ter sido considerado, e em Santo Amaro a sabedoria pagã antiga é tão relevante que este fator não só deve ter sido considerado, como sugere a presença de uma proporção, no espaço interior e exterior, e uma disposição geomântica, quase perfeitas, algo que nos leva a concluir tratar-se de um ponto magnético.

A orientação do templo mostra, que todos eles respeitam o eixo este/oeste, embora com diferenças. Santa Maria, com 256° ocidente, tem a orientação cristã com vista para o oriente e para o sol nascente. S. Vicente, com 272° ocidente, inverteu a sua disposição inicial ou seja, a vista a oriente foi cortada pela construção de um pequeno pátio e dos edifícios do convento a oriente, passando a vista principal a estar virada para ocidente, o que denominamos de inversão de polaridade. A Sé, com 272° ocidente, tem vista para oriente sobre o espaço livre do claustro. De notar que, sendo templos contemporâneos, seria de esperar que todos tivessem 272° ocidente; porém, pensa-se que o forte telurismo da serra de Sintra tenha causado perturbações na orientação, deixando-nos pensar ter sido usado um objecto magnético. O *lo-p'an* usado acusou medições que foram de 250° a 262 graus ocidente, escolhendo-se a leitura que apareceu com mais frequência. A igreja da Memória, com 281,5° ocidente, mostra inversão de polaridade, com vista para ocidente, o grande plátano por trás da cabeceira cortou a vista do sol nascente. Santo Amaro, com 280° ocidente, tem uma orientação próxima da igreja da

Memória mas com o altar a ocidente, mostrando assim uma disposição pagã; aqui o crente ao olhar o altar ou a estátua do Deus, olha o reflexo do sol nascente; a divindade do altar é quem olha o sol nascente, negando ao crente a sua filiação divina. Esta orientação, sendo muito antiga, sugere o uso de uma vara e não de um objecto magnético.

As extremidades do eixo este/oeste mostram a leitura dada pelas estrelas e pelos hexagramas. O *kua* contém um hexagrama, sendo o sector subdividido em seis partes correspondentes às linhas. Pareceu-nos mais importante compreender o espírito que o local infunde no visitante, e a reação da fé cristã, já que se trata de espaços geralmente não habitados. Os extremos deste eixo no interior e no exterior, já foram abordados atrás com registo visual: figuras 35, 36, 38, 39, 40, 41 e 42 para a igreja de Santa Maria, figuras 44, 45, 48 e 49 para S. Vicente, figuras 51, 52, 55 e 56 para a Sé, figuras 58, 59, 61 e 62 para a igreja da Memória e figuras 64, 65, 68 e 69 para a ermida de Santo Amaro. Passamos agora a analisar as estrelas – 4, água – e – 5, fogo –, levam-nos a pensar estarmos em presença da polaridade do templo, água a ocidente, a pia baptismal e o fogo no altar. As igrejas cristãs mostram uma predominância de água, a emoção devocional, mas Santo Amaro, com uma orientação pagã, mostra uma predominância de fogo; a igreja da Memória está numa polaridade metal/madeira, um conflito muito intenso, algo de perturbador, mostrando o local grande energia capaz de provocar morte e degradação social.

Ao estudarmos a relação Dragão/Tigre, o Dragão, os aspetos masculinos e o Tigre os femininos. Santa Maria apresenta o Dragão na descida e o Tigre na subida para o castelo dos mouros, fortíssimo, e a história diz ter pertencido quase sempre à Casa das Rainhas. S. Vicente, ao construir o mosteiro inverteu a polaridade do templo, fazendo uma bela construção a sul, o Dragão, que ficou bastante elevado o que lhe deu equilíbrio, o Tigre do lado mais alto, tem uma rua com passagem no limite do espaço, não sendo muito forte. Imperam atividades femininas ligadas ao ensino, o que se mantém até hoje. A Sé, com a rampa do castelo e os prédios muito altos desse lado, dão grande poder ao Dragão, o Tigre tem um espaço frágil e livre no exterior, é mais fraco. O poder patriarcal, a organização e a liderança, respondem a esse fator. A igreja da Memória tem um Dragão na descida e o Tigre na subida, o que lhe dá uma apetência pelo convívio social, uma atividade feminina, verificada nas inúmeras atividades organizadas no exterior. Santo Amaro tem uma disposição quase perfeita, com o Dragão ligeiramente mais alto que o Tigre, equilíbrio que sugere um estudo geomântico cuidado, um espaço religioso usado talvez desde a antiguidade (ver figuras 70 e 71), o que a arqueologia poderia confirmar com preexistência romana, e talvez outras ainda mais antigas.

O chamado body element ou personalidade do local, é dado pelo ano da construção do templo. Santa Maria, S. Vicente e Sé são do mesmo ano, 1147, que transmite grande emotividade, calor humano e fervor religioso, sendo esse o espírito da época, a personalidade

calorosa e envolvente também relacionada com o rei português, um grande líder, capaz de arrastar exércitos. A igreja da Memória, do ano de 1760, mostra uma personalidade fraca, um metal que derrete facilmente, com pouca consistência, o que não anda muito longe de D. José. O poder financeiro chegava ao fim, sendo o Marquês de Pombal a personagem dominante. Santo Amaro é um lugar teimoso. Ora, um espaço com estas características, é geralmente um espaço com que se pode contar: se por um lado reflete o espírito da Ordem de Cristo, que conservou a regra do Templo, por outro a disposição pagã mantém-se até aos nossos dias, deixando antever cultos muito antigos de influência milagrosa, que ainda se manifestam através de festas e romarias até ao presente.



Figura 70 e 71 – Ermida de Santo Amaro – Por trás da cabeceira nota-se um aparelho de pedra anterior, por baixo um afloramento rochoso, (MARQUES 2014).

No centro, no *tai-ch'i*, os templos cristãos de Santa Maria e Sé, acentuam o aspeto da emotividade religiosa no exterior, e no interior, morte e ressurreição. Os templos que inverteram a sua polaridade, S. Vicente e a igreja da Memória, mostram haver no exterior uma apetência por movimentos do oculto, com grande emotividade e instabilidade, e no interior, facilmente se organizam grupos contra o poder instituído, intrigas, conspirações. No entanto, a igreja da Memória com um Dragão fraco tem tendência a desvirtuar o uso religioso e, apesar de entregue ao exército, a organização tende a ser frágil. Santo Amaro tem uma disposição semelhante, que equilibra com a força de organização do Dragão, capaz de controlar estes aspetos negativos através do espírito religioso, que também cura e equilibra a energia do local, funcionando como transformador energético.

A entrada de energia, fica caracterizada pelo palácio por onde entra na propriedade. Aqui temos uma situação curiosa: os templos cristãos de orientação original, com vista para leste, têm uma energia enorme, grande longevidade, vitalidade e organização, como é o caso de Santa Maria e da Sé. S. Vicente e a Memória, com a inversão de polaridade, também têm grande capacidade de realização, mas são mais fracos na liderança, ganhando para os

aspectos ligados ao ensino e transmissão de conhecimento. Santo Amaro, com uma disposição quase ideal, apresenta o mesmo ímpeto que o templo cristão carismático.

A relação do eixo este/oeste é bastante equilibrada em todos os casos. Contudo, terrenos muito inclinados na entrada – o que aparece nos templos mais antigos de Santa Maria, S. Vicente e Sé – isolam o templo visto do exterior; este permanece no seu pedestal, saindo e dispersando facilmente a energia que se transformou no interior. A igreja da Memória, não estando tão elevada como os outros templos, leva a uma retenção de energia no interior, com tendência a ficar estagnada, o que neste espaço não é aconselhável, a atividade religiosa, com entrada e saída de pessoas, pode facilmente resolver esse problema energético. Santo Amaro está sobre uma plataforma que retém facilmente a energia, e a vista do rio é tão poderosa que equilibra e transforma os aspectos negativos de todo o espaço.

As recomendações refletem o espírito dos diferentes templos. Santa Maria tem alguns problemas de estagnação de energia, podendo ser resolvidos com atividades religiosas e de convívio social, bem como reforçando os aspectos femininos existentes; porém, o templo permanece fechado o que dificulta essa terapia. S. Vicente e a Sé são espaços de grande movimento, e a atividade religiosa é um bom transformador. Na Sé as zonas críticas são a sul, no interior, pois o oculto estimula facilmente a imaginação neste ponto, mas nada que a atividade do templo não possa sanar. A igreja da Memória tem grande tendência à estagnação energética, estando quase sempre fechada; presentemente mantém culto religioso diário, o que ajuda no equilíbrio da má configuração do interior. O exterior deste templo deve ser mantido bem iluminado durante a noite, pois há tendência a degradação social, uma luz forte no centro, um organizador do espaço noturno, faz lembrar o sistema panóptico. Santo Amaro, apesar de tudo não é muito problemático, pois a vista para o rio é por si só transformadora de energia; no entanto à noite uma boa iluminação pode mitigar grandemente a tendência à degradação social.

Quadro 01 – Estudo comparativo do comportamento dos Casos de Estudo.

ESPAÇO	Orientação templo	Zona protegida	Frete	Porta	Dragão /Tibre exterior	Body element, personalidade do local, estrela do ano	Tai ch'i transmite-se a todo o espaço	Entrada energia na propriedade	Elementos importantes
Igreja de Santa Maria – Sintra Caso Prático 01 Objetivos 1, 2 e 3.	Proteção – 256° 庚 – Frente – 76° 甲 – 1ª montanha ch'i terra, não há proteção – templo sem inversão	– 4 – six evils 水 – nº 29 – Abismo	– 5 – five ghosts 火 – nº 30 – Beleza Flamejante	– 4 – six evils 水 – nº 29 – Abismo	Dragão – mais baixo, retira organização e liderança. Tigre – mais alto, adro, apetência por convívio – Casa das Rainhas.	1147 = 7 – 丁卯火 – furnace fire – muita emotividade, relacionamentos calorosos 7 – recompensa, frutos, lazer, morte, fim de um ciclo.	Exterior – 4-4 – muita emotividade e instabilidade Interior – 7-7 – morte, fim de um ciclo, renovação. Destino 8 – poder financeiro e oportunidade.	Entra – 申 – em yang water, em Chang Sang – longevidade, grande energia, capacidade de realização.	Boa relação zona protegida / frente, com equilíbrio. Zona protegida fraca, energia negativa sai facilmente pela porta, purifica o espaço. Predominância dos destinos 1-6 e 3-8.
	Recomendações – no exterior favorece atividades sociais de carácter religioso e protegidas pelo tigre – no interior é necessário drenar o espaço com cor branca e música, para equilibrar o excesso de terra.				Observações – zona protegida fraca com frente forte, energia tende a escoar-se pela porta e pela inclinação do terreno. Telurismo fortíssimo com correntes de água subterrâneas. Destino 1 muito forte sugere transformações histórias – 1143-1161 / 1323-1341 / 1503-1521 / 1683-1701 / 1863-1881 / 2043-2061 –, quem entra procura confirmação, quem está caminha à beira do abismo.				
Igreja Mosteiro de S. Vicente de Fora Caso Prático 02 Objetivos 1, 2 e 3.	Proteção – 92° 卯 – Frente – 272° 酉 – 2ª montanha ch'i do céu, dá poder – inversão polaridade do templo	– 5 – five ghosts 火 – nº 19 – Aproximar	– 4 – six evils 水 – nº 33 – Retiro	– 4 – six evils 水 – nº 33 – Retiro	Dragão – mais baixo, aqui equilibrado pelo mosteiro a sul – Seminários e escolas Tigre – mais alto, a rua enfraquece.	1147 = 7 – 丁卯火 – furnace fire – muita emotividade, relacionamentos calorosos 7 – recompensa, frutos, lazer, morte, fim de um ciclo.	Exterior – 5-4 – conflitos invisíveis, grande emoção Interior – 1-7 – grupos, crime organizado Destino 8 – Poder financeiro e oportunidade.	Entra – 亥 – em yin wood, em Dai Wong – ímpeto de realização.	Relação razoável protegida / frente, e destino / frente. Descida na porta escoam os aspectos negativos do interior. Predominância dos destinos 1-6 e 4-9.
	Recomendações – no exterior atividades já existentes, turismo e a feira da ladra – no interior comunicação e divulgação espiritual, o centro deve estar livre.				Observações – Equilíbrio zona protegida/frente, no entanto, a energia sai rapidamente pela porta. Destino 4 muito poderoso – 1209-1233 / 1389-1413 / 1569-1593 / 1749-1773 / 1929-1953 –, quem está deve comunicar e ensinar, ser inexaurível, quem entra procura retiro do mundo, infunde respeito.				
Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa Caso Prático 03 Objetivos 1, 2 e 3	Proteção – 272° 酉 – Frente – 92° 卯 – 2ª montanha ch'i do céu, dá poder – templo sem inversão	– 4 – six evils 水 – nº 33 – Retiro	– 5 – five ghosts 火 – nº 19 – Aproximar	– 4 – six evils 水 – nº 33 – Retiro	Dragão – forte transmite comando e organização – organização episcopal. Tigre – fraco.	1147 = 7 – 丁卯火 – furnace fire – muita emotividade, relacionamentos calorosos 7 – recompensa, frutos, lazer, morte, fim de um ciclo.	Exterior – 4-4 – instabilidade dada pela emoção Interior – 7-7 – morte, fim de um ciclo, renovação. Destino 8 – Poder financeiro e oportunidade	Entra – 子 – em yin water, em Chang Sang – vitalidade, muita energia de realização.	Boa relação protegida / destino e protegida / frente. Descida na entrada a ocidente drena a energia da maldição. Predominância dos destinos 1-6 e 4-9.
	Recomendações – no exterior estar público a sul – no interior, NW atividades pedagógicas, bom para recuperar a saúde de corpo e espírito, S elementos terra para estabilizar, o oculto é aqui muito forte.				Observações – Zona protegida fraca com maldições, frente forte – destino 4 muito poderoso sugere transformações históricas – 1209-1233 / 1389-1413 / 1569-1593 / 1749-1773 / 1929-1953 –, quem está procura a fuga ao mundo, a transcendência, quem entra procura valores mais elevados, o espaço infunde respeito.				

Quadro 01 – Estudo comparativo do comportamento dos Casos de Estudo (continuação).

ESPAÇO	Orientação templo	Zona protegida	Frente	Porta	Dragão /Tibre exterior	Body element, personalidade do local, estrela do ano	Tai ch'i transmite-se a todo o espaço	Entrada energia na propriedade	Elementos importantes
Igreja da Memória Caso Prático 04 Objetivos 1, 2 e 3	Proteção – 101,5° 乙– Frente – 281,5° 辛– 3ª montanha <i>ch'i</i> do homem, dá poder material – inversão polaridade do templo	– 1 – vitality 木 – nº 41 – Declínio.	– 7 – death 金 – nº 31 – Atração	– 7 – death 金 – nº 31 – Atração	Dragão – fraco retira organização. Tigre – forte dá tendência a atividades femininas e convívio.	1760 = 6 –庚辰金– white wax metal – metal fraco derrete facilmente. 6 – filantropia e concentração.	Exterior – 4-5 – conflitos invisíveis e emotividade Interior – 1-7– grupos, crime organizado, não admira o rei ter aqui sofrido um atentado. Destino 8 – poder financeiro e oportunidade.	Entra –亥– em <i>yin wood</i> , em <i>Dai Wong</i> – ímpeto de realização.	Boa relação protegida / destino e protegida / frente. A árvore estabiliza a energia da zona protegida. Predominância dos destinos 1-6 e 4-9.
	Recomendações – no exterior a sul, estar e lazer público com boa iluminação, sem percursos – no interior atividades religiosas que neutralizem a configuração negativa do espaço.				Observações – Zona protegida fraca, frente forte, o local provoca atividade constante no exterior, e no interior, havendo tendência à deterioração social em geral – destino 9 com poder e muita estagnação – 1836-1863 / 2016-2043 –, podendo ter o destino 4 transformações histórias – quem está tem tendência à falta de paciência, quem entra procura instrução e informação.				
Ermida de Santo Amaro Caso Prático 05 Objetivos 1, 2 e 3	Proteção – 280° 辛– Frente – 100° 乙– 3ª montanha <i>ch'i</i> do homem, dá poder material – templo pagão	– 4 – six evils 水– nº 31 – Atração	– 5 – five ghosts 火 – nº 41 – Declínio	– 5 – five ghosts 火 – nº 41 – Declínio	Dragão e Tigre em equilíbrio. Disposição quase perfeita reflete a sabedoria pagã antiga, que teimou na sua orientação.	1549 = 1 –己酉土– roadway earth – teimosia, pode-se contar com elas, são previsíveis. 1 – profundidade, filosofia, geração, origem.	Exterior – 4-5 – conflitos invisíveis e emotividade Interior – 7-1 – grupos, crime organizado Destino 8 – poder financeiro e oportunidade.	Entra –午– em <i>yin fire</i> , em <i>Chang Sang</i> – grande energia, vitalidade e capacidade de realização.	Boa relação protegida / frente. A vista do rio dá grande poder ao local. Predominância dos destinos 1-6 e 4-9.
	Recomendações – o exterior atrai pelo panorama, deve-se aproveitar como espaço de convívio com boa iluminação – no interior leva à busca da realização religiosa, de ensinamentos e instrução de forma geral.				Observações – há uma boa relação entre a zona protegida e a frente, a energia fica retida no adro em frente dando poder ao local. Atrai pessoas em conflito umas com as outras, no entanto, todas buscam a plenitude e realização espiritual, confirmado pelas romarias e peregrinações do passado – destino 9 tem poder e alguma estagnação – 1656-1673 / 1836-1863 / 2016-2043 –, o ímpeto de construção no destino 3 pode sugerir transformações históricas –, quem está tem tendência a dar instrução e informação, quem entra procura a plenitude espiritual com tendência à zanga e falta de paciência.				

Passamos agora analisar os períodos do destino, que apresentamos no quadro 02.

Quadro 02 – Períodos do destino no sistema *Yuen Hon*.

Destino 1	1143-1161	1323-1341	1503-1521	1683-1701	1863-1881	2043-2061
Destino 2	1161-1185	1341-1365	1521-1545	1701-1725	1881-1905	2061-2085
Destino 3	1185-1209	1365-1389	1545-1569	1725-1749	1905-1929	2085-2109
Destino 4	1209-1233	1389-1413	1569-1593	1749-1773	1929-1953	2109-2133
Destino 6	1233-1254	1413-1434	1593-1614	1773-1794	1953-1974	2133-2154
Destino 7	1254-1275	1434-1455	1614-1635	1794-1815	1974-1995	2154-2175
Destino 8	1275-1296	1455-1476	1635-1656	1815-1836	1995-2016	2175-2196
Destino 9	1296-1323	1476-1503	1656-1683	1836-1863	2016-2043	2196-2223

Santa Maria –, durante o destino 1, período da sua construção, mostra ser muito forte, o destino apoia o local, situação que se repete no destino 6. O destino 3 e o destino 8 também são fortes, e o local apoia esses destinos, sendo esta uma situação melhor que a anterior. Passamos agora a analisar de forma sucinta o que se passou nesses períodos, baseando o estudo na cronologia do site monumentos³.

Destino 1 – 1143-1161 –, construção da igreja e criação da paróquia.

Destino 6 – 1233-1254 –, contenda entre várias paróquias.

Destino 7 – 1254-1275 –, começa a construção da igreja nova, nesta época o local está em conflito com o destino.

Destino 7 – 1434-1455 –, obras na capela-mor – pertence à Casa das Rainhas.

Destino 1 – 1503-1521 –, D. João Lopo grava as armas das rainhas – faz novas obras no interior, no portal principal – é criado o coro alto.

Destino 6 – 1593-1614 –, constroem-se vários túmulos no interior.

Destino 8 – 1635-1656 –, revestimento de azulejo de tapete no interior.

Destino 2 – 1701-1725 –, inscrição na porta principal (1711).

Destino 4 – 1749-1773 –, terramoto obriga a obras de recuperação durante este período, o destino está em conflito com o lugar.

Destino 3 – 1905-1929 –, é reconhecido como Monumento Nacional.

Destino 4 – 1929-1953 –, define-se uma zona de proteção.

Destino 7 – 1974-1995 –, obras da fossa no adro – são encontrados sarcófagos tardo medievais.

Destino 8 – 1995-2016 –, é estabelecida zona de proteção incluída na Área Protegida de Sintra.

O grande fluxo de obras é durante o destino 1, sendo o destino 7 também muito ativo, o conflito água e fogo em direção ao destino não é muito forte. Os momentos de proteção são durante o destino 3 e o destino 8.

S. Vicente –, apresenta grande força durante o destino 1, na época da sua construção, o local apoia o destino, situação idêntica aparece no destino 6, não mostrando haver conflitos. Os

destinos 4 e 9 são poderosos, o destino apoia o local e o local o destino, no entanto o excesso de metal pode levar à estagnação. Passamos agora a analisar o que se passou em cada um dos períodos de destino:

Destino 1 – 1143-1161 –, construção da ermida e fundação do convento.

Destino 2 – 1161-1182 –, construção do convento.

Destino 6 – 1413-1436 –, dádivas reais de relicários de prata.

Destino 2 – 1521-1545 –, estabelecimento da regra. O local tem um grande conflito com o destino.

Destino 4 – 1569-1593 –, demolição da velha igreja e projeto de Filipe Terzi.

Destino 6 – 1593-1614 –, retábulo do coro e reconstrução da igreja.

Destino 7 – 1614-1635 –, primeira missa, é oferecido o cofre da eucaristia, o destino está em conflito com o local.

Destino 2 – 1701-1725 –, pintura mural do tecto – conclusão da sacristia.

Destino 4 – 1749-1773 –, terramoto – construção das capelas dos santos – obras do muro da clausura.

Destino 6 – 1773-1794 –, patriarcal passa para o convento, onde ficou durante 20 anos (1773-1793).

Destino 7 – 1794-1815 –, restauro das pinturas do tecto da portaria.

Destino 8 – 1815-1836 –, transformação em paço episcopal, expulsão das ordens religiosas – o local está em conflito com o destino.

Destino 2 – 1881-1905 –, obras de restauro e reconstrução do zimbório – liceu Gil Vicente ocupa parte do convento.

Destino 3 – 1905-1929 –, Monumento Nacional, o local está em conflito com o destino.

Destino 4 – 1929-1953 –, adaptação do Capítulo a Panteão dos Patriarcas – é incluída na zona de proteção do castelo de S. Jorge.

Destino 8 – 1995-2016 –, incluída na zona de proteção de Lisboa, baixa, castelo e cercas.

Concluimos que, os períodos de maior atividade foram durante o destino 1, com o ímpeto inicial, e o destino 4, com obras de demolição, remodelação. O destino 6 está virado para a decoração, e os destinos conflituosos, 2 e 7, rejeitam o local, a resposta do lugar começa com o estabelecimento da regra, a primeira missa, e pinturas do tecto num esforço de sacralização do espaço.

A Sé –, também é templo construído durante o destino 1, sendo um período de grande força em que o lugar apoia o destino, o mesmo acontecendo durante o destino 6. O destino 4 e 9 também são muito fortes, não apresentando conflitos, no entanto a predominância do elemento

metal pode levar à estagnação, apesar do destino apoiar o lugar. Passamos agora a analisar, sucintamente, o que se passa nesses períodos:

Destino 1 – 1143-1161 –, construção do templo.

Destino 8 – 1275-1296 –, construção da capela de Nossa Senhora da Piedade.

Destino 9 – 1296-1323 –, construção do claustro e capelas de S. Sebastião, Santo Estêvão e capela Funerária.

Destino 1 – 1323-1341 –, obras de recuperação devido a terremotos – construção da capela de S. Bartolomeu.

Destino 2 – 1341-1365 –, capela de Nossa Senhora na charola.

Destino 4 – 1389-1413 –, passou a arcebispado – sismos, um raio cai sobre a abside obriga a novas obras de recuperação.

Destino 6 – 1413-1434 –, restauro da abside.

Destino 7 – 1434-1455 –, capela de S. Vicente, destino em conflito com o lugar e o lugar em conflito com o destino.

Destino 8 – 1455-1476 –, retábulo gótico da capela-mor.

Destino 9 – 1476-1503 –, capela do Corpo de Deus – restauro dos painéis de S. Vicente – obras de talha no interior.

Destino 1 – 1503-1521 –, chegada da imagem de Nossa Senhora Grande.

Destino 2 – 1521-1545 –, terremotos, danos nas torres, instalação do coro dos cônegos – pintura do retábulo de S. Bartolomeu.

Destino 3 – 1545-1569 –, retábulo do Santíssimo – douramento do sacrário.

Destino 4 – 1569-1593 –, frontaria da capela de S. Pedro – repintar o retábulo da capela de Santa Ana.

Destino 6 – 1593-1614 –, pintura de S. Miguel – pintura do espaldar do cadeiral.

Destino 7 – 1614-1635 –, retábulo da capela de Nossa Senhora de Belém.

Destino 8 – 1635-1656 –, obras na capela do Santíssimo – retábulo da capela de S. João Evangelista – capelas de Nossa Senhora da Tocha e de Santo António – talha da capela do Santíssimo.

Destino 9 – 1656-1683 –, Frontal do Santíssimo em prata – obras na capela da Terra Solta – retábulo de Nossa Senhora a Grande.

Destino 1 – 1683-1701 –, retábulo da capela do Salvador do Mundo – retábulo da capela de Nossa Senhora da Piedade – anjos de prata do Santíssimo – lâmpadas de prata do Santíssimo – vitrais da abside – covais da capela da Terra Solta – novo retábulo de S. Vicente – pintura nas

colunas da capela do Santíssimo – truncou-se a capela de S. Bartolomeu para rasgar uma porta – retábulo de Santo Idelfonso.

Destino 2 – 1761-1725 –, novo retábulo da capela-mor – revestimento a azulejo da capela do Santíssimo – anexação da capela do Santíssimo e de Nossa Senhora da Luz – imagem de Santa Rosa de Viterbo – novo retábulo da capela do Santíssimo.

Destino 3 – 1725-1749 –, abolição do título de Sé – dado o título de Basílica – novo cadeiral – reparação das torres – relógio na torre sul.

Destino 4 – 1749-1773 –, terramoto – reconstrução da capela do Santíssimo – obras nas capelas reais – lanternas de prata para a irmandade do Senhor Jesus da Boa Sentença – imagem de Santo Amaro – obras de vulto e reconstrução – pintura da capela de Santo Idelfonso.

Destino 6 – 1773-1794 –, túmulos reais – pintura do tecto da sacristia – ossadas reais vão para novos túmulos – douramento do retábulo do Santíssimo – reforma da frontaria da capela do Bom Jesus da Boa Sentença – execução das caixas dos órgãos – pintura do esquife e encarnação do Senhor Morto – talha das tribunas reais – tocheiros do Santíssimo – banquetas do altar do Senhor Jesus da Boa Sentença.

Destino 7 – 1794-1815 –, retiraram-se as grades da capela do Senhor Jesus da Boa Sentença.

Destino 8 – 1815-1836 –, imagem da capela do Santíssimo – imagem de Nossa Senhora da Conceição – criação do cabido.

Destino 9 – 1836-1863 –, capelas passam a arrecadações – presépio de Machado de Castro – anulação do título de basílica e atribuição de Patriarcal – desenvolve-se a irmandade dos calafates.

Destino 2 – 1881-1905 –, junta da paróquia funciona na capela de S. Bartolomeu – restauro da fachada por João Neponucemo – obras de Fuschini – vitrais da capela de S. Bartolomeu – transformação da capela de S. Bartolomeu em Baptistério.

Destino 3 – 1905 – 1929 –, trabalhos de restauro – Monumento Nacional.

Destino 4 – 1929-1953 –, Raul Lino opõe-se à cabeceira gótica – construção do coro dos órgãos.

Destino 6 – 1953-1974 –, execução dos órgãos – danos no claustro provocados pelo sismo.

Destino 8 – 1995-2016 –, ligação à Direção Geral de Cultura.

Este monumento, passada a primeira grande campanha de obras de construção, durante o destino 1, mais tarde as grandes campanhas de obras de restauro e reconstrução foram durante o destino 4 e 9. O destino 6 ficou mais ligado a decorações, e composição do interior. Os destinos conflituosos mostraram obras ligadas a sismos, como o destino 2 e o destino 3; as remodelações

estão ligadas ao título, que deixa de ser Sé para se tornar Basílica, e o destino 8 institui o cabido, órgão de gestão. A volta do título de Patriarcal no destino 9, reforça o poder do Dragão com o trigramma pai, que rege este destino.

A igreja da Memória –, construída durante o destino 4, tem demasiado metal, o que pode levar à estagnação e se verificou com o atraso da construção, até ao final deste período, apesar de não haver conflitos, a situação repete-se no destino 9, o lugar apoia o destino e o destino apoia o lugar. No destino 1 e 6, o lugar apoia o destino, sendo uma situação sem conflitos, e uma resolução energética mais equilibrada e também mais poderosa. Passamos agora a analisar de forma sucinta o que se passa nestes períodos:

Destino 4 – 1749-1773 –, altura da construção e lançamento da primeira pedra, estagnação da construção.

Destino 6 – 1773-1794 –, rei encomenda a obra à mulher e à filha – conclusão das obras – sagração dos sinos.

Destino 9 – 1836-1863 –, encerra ao público – usada como armazém.

Destino 3 – 1905-1929 –, transladação do túmulo do Marquês de Pombal.

Destino 4 – 1929-1953 –, jardim envolvente – igreja volta ao culto e ao público – sede da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém – ligação ao exército – Monumento Nacional.

Destino 6 – 1953-1974 –, construção do altar de madeira – recuperação para resolver o problema das infiltrações.

Destino 7 – 1974-1995 –, encerramento devido á queda de um raio – levantamento do imóvel – o destino está em conflito com o lugar.

A igreja da Memória deixa-nos ver, que os grandes períodos de construção são durante o destino 4 e 6, e o destino 9 com a inerente estagnação, fez dele um armazém. Os desafios surgem no destino 3, a presença eterna do Marquês de Pombal, e no destino 7, a queda de um raio, anos em que o destino está em conflito com o lugar.

A ermida de Santo Amaro –, é construída durante o destino 3, o local está em conflito com o destino, o ímpeto construtivo é por isso um pouco forçado, sendo o grande poder dado pelo destino 1 e 6, sem conflitos, em que o lugar apoia o destino, com um bom fluxo energético. O destino 4 e o 9 não mostram conflitos, mas o excesso de metal dá tendência à estagnação. Passamos agora a analisar de forma sucinta o que se passa nestes períodos:

Destino 3 – 1545-1569 –, construção – instituição da romaria, o lugar está em conflito com o destino.

Destino 9 – 1656-1683 –, decoração de azulejos no nártex.

Destino 1 – 1683-1701 –, continuação da decoração de azulejos – pintura do milagre de Santo Amaro.

Destino 3 – 1905-1929 –, deixada ao abandono – reinício do culto – Monumento Nacional.

Notamos em Santo Amaro, que os destinos mais ativos são o 3, o lugar em conflito com o destino impõe-se, o destino 9 e 1 são períodos de decoração e de embelezamento.

Ao analisarmos os períodos de destino, verificámos que os lugares de culto têm apetência pelo destino 1, ligado à mãe e à fonte da vida, ao destino 6, o filho mais velho, o trovão, com um grande ímpeto de realização, depois o destino 4 a filha mais nova, o lago que espelha o céu, e o destino 9 o pai que reflete o poder criador. Isto acontece devido à orientação oriente ocidente, no entanto, Santa Maria, devido ao enorme telurismo da serra de Sintra apresenta um desvio magnético mostrando apetência pelo destino 3, a filha do meio, o fogo e o destino 8 o filho mais novo, a montanha. Podemos também concluir, que os desvios de orientação dão distorções nos espaços e nas atividades desenvolvidas, não se recomendando desvios maiores de 5 graus em relação às direções cardeais. Estas orientações são predominantes, não só nos hexagramas, como nos trigramas de direção, pois eles recebem essa caracterização energética que tão bem define a mentalidade do templo cristão. Por outro lado, nos três templos de 1147, pode ter sido usado um instrumento magnético, com a distorção imprimida pelo telurismo da serra de Sintra. Em Santo Amaro, a orientação do templo pagão deve ter sido feita com uma vara, e a leitura vai para 280°, muito próximo da leitura da igreja da Memória. Não devemos, no entanto, esquecer que ao longo do tempo as alterações astronómicas e magnéticas também podem causar diferenças nas leituras, o que se faz hoje é uma leitura atual, que inclui o magnetismo e as inerentes mutações, que o tempo lhe imprimiu.

1 MARQUES, 2014.

3 (www.monumentos.pt)

2 SUMMAVIELLE, 1986:6.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO

As leis do universo traduzem-se em todos os sistemas de conhecimento, até mesmo na crença, que a Roma de Cícero já reconhece: «... *Nem haverá uma lei em Roma, outra em Atenas, uma agora, outra no futuro, mas uma lei única, sempiterna e imutável abarcará todas as nações e em todos os tempos e existirá como que um guia e imperador como a todos, deus*»¹, integrando todos os seres no pulso do universo, tornando os homens ambientalistas, senhores do mundo. Constrói-se o sonho, que une o ideal e o desejo profundo, a fragilidade do homem olha a obra da criação e cria um dilema que o espreme até à exsudação, e vítima do seu descontrolo procura a integração num universo. A ciência não explica tudo, e deixa lagos de magia que alimentam a fantasia, a busca incessante de “*animus*” e “*anima*”, “*Eterno Masculino*” e “*Eterno Feminino*”², o ativo e o receptivo, *yang* e *yin*, a manifestação, a ponte que liga o que está em cima e o que está em baixo, o sonho, a finalidade, aquilo que torna o homem divino. A geomancia integra e diz-nos que «*The most important element in clinical diagnosis is to know the relationship between heaven, earth and human kind*»³ incluindo assim a biologia humana, as condições atmosféricas, as formações montanhosas e a humanidade.

A magia do universo é antiga. Yates⁴ refere-se a Bruno como mago da tradição hermética, no entanto, a importância fica com a necessidade de explicar os fenómenos da natureza que Campanella, Ficino, etc. tal como ele, estudaram no séc. XVI. A ciência quer fatos, mas a magia e a ciência não estão divorciadas, e a ciência ao utilizar a magia poderia antes explicá-la. As leis do universo não se alteram com nomenclaturas, sendo o fantástico um paradigma do macrocosmo e do microcosmo, confundindo no homem, objecto e sujeito. Não sendo um divórcio, é antes uma união indissolúvel que procura a verdade, através da manifestação do inexplicável e do fenómeno. Causas não compreendidas são fantasiosas. A medicina olhada como magia das formas simpáticas, é o espelho e a manifestação; um é a escassez, *yin*, e o outro o excesso, *yang*. O diálogo está presente entre o espaço e o homem, macrocosmo e microcosmo, esclarecendo a autora ser a memória mágica, com origem na hermética egípcia divulgada pelos romanos. O renascimento olhou-a como magia, procurando a geomancia, repor a memória dos lugares, com uma conotação ritual. A psicologia e a psiquiatria investem no seu estudo enquanto causa de distúrbios. Por um lado a geomancia concilia o aspecto “*mágico*” do ser humano, ligado à memória ancestral dos lugares e de si próprio, adapta circunstâncias, burila “*memórias*”, aprende a viver em harmonia com o seu espaço vivencial, sincroniza-se com ele, torna a sua vida uma viagem no “*tempo*”, e usa a geometria como linguagem da terra. Ao estudar o projeto clássico em arquitetura, Braizinha diz que «*A geometria é a primeira determinação do lugar*» e depois que «*o geómetra*

define o lugar segundo a medida no sentido de entidade, e não de quantidade, como número e não como algarismo»⁵. Este sentido do lugar é geomântico. A geomancia que traduz o todo, ao usar a geometria celeste, plasma na terra a matriz através da entidade, o número, que no oriente reconhecemos como estrela, a personalidade, cor, elemento e identidade, o *genius locci*. Este autor ao analisar o projeto clássico dialoga entre símbolo, geometria e mito, e no oriente isso é geomancia. Estes valores que relacionam o lugar ao todo, continuam a ser objeto da arquitetura, e hoje, como antigamente, o arquiteto é um geomante ao inserir o homem no universo e no ambiente. A «*geometria significa medida da Terra. No Egito, as inundações sucessivas e anuais das terras cultiváveis pelas águas, implicou o apuramento de uma técnica, que permitisse repor as primitivas marcas, anteriores à inundação anual*»⁶. Igualmente a China se viu a braços com o grave problema das inundações do rio Amarelo, estudou a forma da paisagem para perceber para que lado se desenvolveriam as inundações anuais, baseando o estudo geomântico na resolução urgente de um problema de hidráulica. Por que razão a geometria do Egito seria a medida da terra, o elemento, e para o *Feng-Shui* vento e água, as condições de salubridade que referiam o mesmo problema, ou seja, e transformar o natural indomável numa forma organizada, o habitat humano. Por outro lado a geometria, a medida do elemento terra, «*a geometria do céu e da terra*»⁷ do quadrado mágico, como cânon celeste, e Braizinha diz ser «*esta atividade de medição da terra tornou-se a base da lei da ciência natural, tal como foi corporizada nas formas arquetípicas, do círculo, do quadrado e do triângulo*»⁸, não esquecendo que a geomancia é uma ciência matemática, como afirmava Bruno⁹, a magia mistura-se com o sobrenatural, com um sistema de crenças. Esta é a importância da geomancia como estudo do homem de terra, síncrono com todas as terras cristalizadas no universo, «*o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro de vida...*»¹⁰.

Analisando os objectivos do nosso trabalho:

1) A geomancia, o *Feng-Shui* e o trabalho do arquiteto, está presente na análise do eixo este/oeste e do *Axis mundi* no templo cristão; o arquiteto geomante traça no solo, o espaço, o tempo terrestre e o tempo celeste. Reconhecemos aqui a necessidade de integração do homem no seu habitat. O espaço sagrado é finalidade, e o geomante responde com a quadratura do círculo, o sagrado que toma conta do profano, e o homem serpenteia entre os dois enquanto espelho do universo, constrói um espaço espelho de si próprio, e o *Axis mundi* torna-o mutante enquanto esteio do vazio. O templo cristão responde à metamorfose do homem incutida por um génio mutante. O espaço profano, ao sacralizar-se responde ao mesmo paradigma. O *Feng-Shui* e o *genius locci* ficam definidos pelo poder do centro, como espírito tutelar, e como atmosfera do lugar,

o *tai-ch'i*, sempre presentes no trabalho do arquiteto. A numerologia e os traçados respondem ao indizível, sacralizando-se assim o espaço profano, ao ritmo do espaço e do tempo do quadrado mágico, a sua complementaridade horizontal, e desenho centrado, abrindo a porta ao antiparalelismo vertical do *Axis mundi* que opera esta volta de cento e oitenta grau, e o celeste reflete-se no criado, uma operação matemática e mítica. Os casos de estudo respondem pelo arquiteto geomante.

2) Revitalizar problemas de decadência, tanto do elemento construído como do espaço vivencial. O passado criou espaços e tempos isolados, o presente tem a feição da motivação, e o homem urbano criou dificuldades, entre público e privado; a identidade do *genius locci* remete ao homem a responsabilidade do espaço vivencial. O *Feng-Shui*, na sua origem mítica, responde com a filosofia vertical e horizontal, o uso da bússola, a linguagem celeste e terrestre, os elementos, os ciclos do tempo presentes no espaço, sacralizado no *I-ching*, a saída do *Tau* e o regresso a ele, que aproxima a génese e a ressurreição. O celeste constrói um *genius locci* natural, o terrestre, um *genius locci* cultural, uma atmosfera. O património revive o passado no presente, criando um hiato entre o espaço e o tempo, a gestação do invisível no visível, a geomancia ao usar a genética humana nos lugares, torna-os síncronos com o passado e o futuro. O restauro do *genius locci*, transforma o espírito do local num mutante, síncrono com o universo. O espaço e o tempo escapam-se dos aspetos filosóficos e vivem uma realidade, natural ou cultural, construída pelo geomante, o homem, o ordenador da terra, da medida e da energia. O geomante, fica então no limite entre a organização e o caos, não é imutável, nem tem a falibilidade da terra, associando-se à humanidade mas procurando estar fora dela para entender a mutação dos lugares.

3) Comparar a tradição geomântica oriental e ocidental, as suas reminiscências são semelhantes. O templo cristão, em locais com vista para o sol nascente, obedece à visão celeste – o fogo a oriente e a água a ocidente, presente no *pa-k'ua* celeste, o altar e a pia batismal, o poder do centro, o *tai-ch'i* e o *Axis mundi*, correspondem à morte e ressurreição da tradição cristã e oriental. O retorno à origem de Eliade¹¹ está presente na visão celeste do geomante, que se materializa na terrestre com a geometria, a bússola, o *lo-p'an*, e o mito do Cristo de Hani¹², que tem a cabeça no fogo do altar e os pés na água da geração, fecundada pela mente. As colunas do templo de Salomão em Chevalier e Gheerbrant¹³ e o homem de Roob¹⁴ estão presentes nas torres de Hani¹⁵ e aparecem no *pa-k'ua* terrestre a NW, com o trigrama pai, e a SW, com o trigrama mãe, o sol e a lua. Os animais sagrados de nome divino “YHWH”, em Hani fazem a «passagem deste mundo para o outro»¹⁶ nos “ângulos”, que a geomancia oriental diz serem “portões”: NE, o Portão dos Demónios em Aquário, o Homem e o trigrama montanha; SW, o Portão da terra em Leão, com

o trígama mãe, a gestação; SE, o Portão dos Homens em Touro, com o trígama vento, o inspirador; NW, o Portão do Céu em Escorpião, a águia, o trígama pai no *pa-k'ua* terrestre. Os símbolos terrestres dos labirintos de Hani¹⁷ presentes na antiguidade, assemelham-se à bússola de geomancia que contém a quadratura do círculo, e ainda ao claustro central do templo, o espaço de meditação, o *"lago celeste"* do centro do *lo-p'an*. A liturgia de Hani, a *«integração espiritual do espaço e do tempo»*¹⁸, aparece em Skinner na arte de *«harmonizar o espaço e o tempo»*¹⁹. O Sol de Justiça de Hani²⁰, a contagem progressiva depois do solstício de inverno, e regressiva após o de verão, são idênticas em geomancia, caracterizam a alternância dia e noite, *yang*, e *yin*. A árvore cósmica da geomancia, de troncos celestes e ramos terrestres, está presente em Hani²¹, na árvore da vida. A proporção do templo de Lubicz²² com a medida do homem, a geomancia como ciência da terra olha o homem de barro como sua pertença. E ainda a medicina do renascimento, com a teoria dos humores referida por Sousa²³, é semelhante à teoria dos elementos do oriente²⁴. A sincronicidade de Jung²⁵, presente em Bachelard²⁶, retrata-se em Costa²⁷, com a identidade de um *genius loci*, cuja essência a geomancia remete ao céu. O cofre da geomancia, o túmulo dos tesouros, está presente em Bachelard²⁸ e contém os guardados da alma. A numerologia usa uma linguagem comum, e o arquétipo celeste arranja-se à volta do 6, em dois triângulos, masculino e feminino, formando, uma estrela de seis pontas, como no ocidente o triângulo voltado para cima, fogo, e o triângulo voltado para baixo, água. O oriente tal como o ocidente olha o 2³, ou seja, 2, 4, 8 em dois quadrados, o duplo quadrado da criação, o quadrado rodado dos muçulmanos, presente nos dois *pa-k'ua*. O *lo-p'an* contém a quadratura do círculo, e o quadrado mágico do oriente aparece em Apolónio de Tiana²⁹.

Ao analisarmos os dados caso a caso, concluímos que a polaridade este/oeste dos templos pode ser alterada com o desenvolvimento urbano, os locais antigos, escolhidos, mostram uma predominância de água e fogo, o que não está presente na igreja da Memória, e o local sofre com uma estrutura doente. Os aspectos masculinos do dragão e femininos do tigre, mostram um dragão dominante na Sé, com a autoridade dos patriarcas, da Igreja, em S. Vicente, a subida do lado do tigre favorece atividades femininas, como o ensino e o Seminário. O tigre dominante da igreja de Santa Maria, ligou-a sempre à Casa das Rainhas, sendo as outras situações menos evidentes. A personalidade do local do ano de 1147 é calorosa e envolvente, relacionada com o nosso primeiro rei, grande líder, o ano de 1760, na igreja da Memória evidencia problemas financeiros, D. José, um rei fraco de pouca autoridade e uma coroa empobrecida, o ano de 1549 na ermida de Santo Amaro, mostra teimosia ao manter uma orientação pagã e a regra do Templo, que passou à Ordem de Cristo. No templo cristão primitivo, o *tai ch'i*, o poder do centro, invoca a emotividade religiosa da ressurreição, enquanto os outros templos mostram as alterações inerentes à mudança de

polaridade. A vista do sol nascente transfere uma sacralidade e um magnetismo ao lugar, que o torna só por isso sagrado. O estudo dos períodos de destino mostra incidências em determinados períodos, sendo a orientação responsável pelos tempos de atividade de alguns destinos, como o eixo oriente/ocidente contém os elementos água e fogo, os destinos também seguem um padrão, 1-6 para destinos de água e 4-9 para destinos de metal, a cristalização, elementos que geram harmonia no fluxo de *ch'i*. A água, a geração e a gestação, ao combinar-se com o espírito do templo e o fogo do altar no sol nascente, sugere a mutação e a ressurreição. O elemento metal no pentagrama, o ciclo de controlo, formam com a água e o fogo o triângulo com a ponta de cima em fogo, e água e metal em baixo – a água e o fogo criam, e o metal espelha a imagem reflectida da criação, o triângulo da proporção divina, que os arquitetos conhecem no traçado do templo cristão. Pensamos pois serem os traçados, o estudo geomântico do projeto clássico. A geometria, a medida da terra, obedece a um cânone de perfeição, presente nas formas regulares dos polígonos, o número uma entidade que o oriente chama de estrela deixa-nos a certeza da terra não se referir ao planeta mas ao elemento em manifestação, o pó do qual é feito o homem bíblico. Nas igrejas de planta centrada, o *tai-ch'i* coincide com a cúpula, o *Axis mundi*, a cruz latina, e transfere esse centro do Cristo para o coração, tornando o culto devocional.

A sincronicidade do tempo no espaço transfere para o tempo a dimensão vertical, que liga o tempo terrestre ao celeste, e no *lo-p'an*, cujo design mostra a quadratura do círculo, com a medida do tempo nas «365,25 day-degree»³⁰, alterada ainda no séc. XVIII por influência dos padres jesuítas, introduzindo-se a «*Ch'ing adoption*»³¹ de 360 graus, o que prevaleceu. O estudo geomântico surge implícito no património, mostrando atividade e vitalidade até ao presente. O geómetra e o geomante, na figura do arquiteto, transferem a medida da terra para o espaço terrestre, e a medida do tempo para o celeste, a quadratura do círculo, isto é, inserir o tempo no espaço, o mito que se renova, eternizando a sua obra nos traçados de esquadro e compasso, com números simbólicos, que a recuperação dos monumentos tenta manter, integrando o carisma do antigo na urbe com a inerência da alteração, a abordagem do lugar. O tempo do património une o terrestre e o celeste, e este espaço ao circular ao longo do tempo, faz surgir uma espiral logarítmica. O tempo, *yang*, o espaço, *yin*, induzem a penetração nos segredos do universo com a consciência de colaborar numa obra maior. A numerologia do quadrado mágico «*fala da geometria do céu e da terra*»³², não esquecendo Eitel: «... uma série de fórmulas logarítmicas habilmente idealizadas para englobar todas as proporções numéricas que os chineses atribuem ao universo...»³³, e aos dez troncos celestes, aos doze ramos terrestres, ao ciclo de 60 anos incluindo o quadrado mágico, referido na 1ª edição desse trabalho em 1873.

A leitura geomântica como algoritmo aplicado, com respostas compósitas para uma leitura do espaço, tendo os elementos, o *I-ching*, e o quadrado mágico, como ingrediente e produto na definição do espaço, das ocorrências de fatos síncronos, facilita a investigação do passado e a transformação do futuro. O arquiteto passa a dispor de dados, que enquadram o carisma do lugar, na sua envolvente urbana e rural. A linguagem do espaço e do tempo, transformam-no na mutação vivencial, no eterno presente.

Pensamos pois terem sido alcançados os objectivos do trabalho, como ficou demonstrado acima, sendo a geomancia um dado importante no desempenho do arquiteto, e que esteve presente sempre ao longo do tempo, o arquiteto que usa o número e o instrumento. No presente, a integração no ambiente requer novas formas de trabalhar, abandonando-se progressivamente o individualismo para abrir novos horizontes do natural e do cultural face à identidade de pessoas e lugares. Este trabalho abre portas a muitas áreas de investigação cujos especialistas poderão dar respostas a questões mais avançadas. O *Feng-Shui*, surge como fonte de investigação comparada, com a tradição ocidental, que em muitas áreas está incompleta por falta de dados. O arquiteto na atualidade pode trabalhar em inúmeros casos nos espaços urbanos e no património com localizações que lhe permitam tirar conclusões mais definitivas, com casos que possam usar ou não do apoio de um geomante, algo que se faz já noutros países.

1 CÍCERO, 2008:186.

2 JUNG, 1995:123.

3 IMPERADOR AMARELO, 1995:58.

4 YATES, 1990.

5 BRAZINHA, 1989:260.

6 BRAZINHA, 1989:393.

7 JING-NUAN, 1991:xiv.

8 BRAZINHA, 1989:394.

9 BRUNO, 2007:36.

10 Génesis, 2:7.

11 ELIADE, 1989.

12 HANI, 1981.

13 CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994.

14 ROOB, 2006.

15 HANI, 1981.

16 HANI, 1981:92.

17 HANI, 1981.

18 HANI, 1981:131.

19 SKINNER, 2008:122.

20 HANI, 1981.

21 HANI, 1981.

22 LUBICZ, 1963.

23 SOUSA, 2013.

24 IMPERADOR AMARELO, 1995.

25 JUNG, 1995.

26 BACHELARD, 2003.

27 COSTA, 1999.

28 BACHELARD, 2003.

29 CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994.

30 SKINNER, 2008:184.

31 SKINNER, 2008:189.

32 JING-NUAN, 1991:xiv.

33 EITEL, 1985:46.

GLOSSÁRIO

ANTIPARALELISMO – Corresponde à polaridade oposta de um hexagrama ou seja, o hexagrama faz um giro de 180 graus em relação a outro hexagrama.

AXIS MUNDI – Eixo ordenador do espaço.

CH'I – Respiração do dragão; pode ser referido como força vital universal e está presente em todas as coisas. Pode-se considerar um *ch'i yang* e um *ch'i yin* que refletem a complementaridade. É também conhecido como Sopro da Natureza.

CHIU-HUN – Sistema de nove ciclos.

COMPLEMENTARIDADE – Num hexagrama, cada linha partida corresponde a uma linha inteira e cada linha inteira a uma partida em outro hexagrama.

ESCOLA DA BÚSSOLA – Surge com a invenção da agulha magnética e da bússola. Serve para criar harmonia entre a terra e o céu.

ESCOLA DA FORMA – *San He* ou *Hsing Shih*; estuda as características geográficas, uma avaliação geográfica da paisagem, das formas e contornos das montanhas e planícies.

ESTRELAS – Em *Feng-Shui* é um termo que se refere a uma caracterização energética que inclui um trigramas, uma cor, um elemento, uma polaridade energética, uma forma e um planeta, assemelha-se ao conceito de número.

FENG-SHUI – Arte das localizações e orientações na sua integração com o ambiente através do equilíbrio com a natureza e harmonia na vida humana, propondo soluções culturais, sociais e políticas. Traduz-se literalmente como vento e água. Esta arte geomântica da China significa a arte de localizar todas as coisas, e é também chamada de ciência natural. O *Feng-Shui yin* é feito para a disposição dos túmulos; o *Feng-Shui yang* é feito para as moradas dos vivos.

FIAT LUX – Termo usado para definir a obra da criação, tem um paralelo na energia *yang*.

GENIUS LOCCI – Espírito dos lugares.

HI – Ver *ch'i*.

I-CHING – Livro sagrado do taoísmo, também chamado Livro das Mutações. O seu poder divinatório liga-se ao cálculo probabilístico.

IMAGO MUNDI – Imagem celeste.

JIU – Nome dado a um conjunto de estrelas, não se trata de estrelas astronómicas.

KANYU – 500 anos mais antigo que o termo *Feng-Shui*, significa literalmente cálculo do tempo.

KUA – Trigramas ou hexagrama; no *lo-p'an* os 6 graus que correspondem a um hexagrama sendo cada grau caracterizado por uma linha.

LI – Leis da Natureza.

LI CH'I – Termo utilizado para definir a localização e a qualidade do *ch'i*; hoje em dia usa-se essencialmente no uso do *lo-p'an*.

LO-P'AN – Bússola de geomancia, também chamada bússola de *Feng-Shui*; representa o universo (disco móvel) e a terra (placa quadrada). Podem ainda ser usados os termos mais antigos como *lo ching* ou *chen p'an*.

LO-SHU – Na numerologia chinesa, também conhecido como quadrado mágico; diz respeito à contagem do tempo e às direções.

MING TANG – Espaço na frente de um lugar, antes da Fénix ou Pássaro Vermelho. É o espaço que retém o *ch'i*.

PA-K'UAS – As duas formas de se disporem os oito trigramas. O *pa-k'ua* celeste corresponde ao arquétipo celeste e o *pa-k'ua* terrestre à mutação.

SHIH – Nome dado à antiga Placa Astronómica usada em *Feng-Shui*. Relacionada com a Estrela Polar, era um gnómon e usava-se antes do conhecimento da agulha magnética

TAI-CH'I – Centro ou grande eixo, eixo primordial da criação (*Axis mundi*).

TAO – O Absoluto de onde tudo emana.

TI LI – 500 anos mais antigo que o termo *Feng-Shui*, significava literalmente o cálculo de localização e procura de *ch'i* ligadas à Escola da Forma.

SAM YUEN – Sistema de contagem de destinos em que cada destino equivale a 20 anos dependendo da posição das estrelas no sistema planetário.

SHA – Energia desqualificada ou destrutiva.

SO – Proporção da Natureza.

XIANG – Diagrama ou imagem.

YAI – Linha do hexagrama.

YANG – Energia celeste comparável à energia solar.

YIN – Energia terrestre ou espelho lunar.

YING – Formas da Natureza.

YUEN YON – Sistema de contagem de destinos em que cada destino é caracterizado pelas linhas dos trigramas.

BIBLIOGRAFIA

Referências

- AAVV, "A construção do Espaço", ed. Nobel, S. Paulo, 1926.
- ABECASIS, Maria Isabel Braga, "A ajuda e Arredores, depois do terramoto – A corte portuguesa em finais de setecentos", in revista «Olissipo», ed. Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa", 2ª Serie, nº 26125, Janeiro/Dezembro 2006, Lisboa, 2006, p. 69-93.
- ABREU, Pedro Marques, "Palácios da Memória II – a revelação da arquitetura", Vol. I, Tese de Doutoramento em Arquitetura, Faculdade Arquitetura de Lisboa, FAUTL, Lisboa, 2007, p. 23-24.
- ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte, "Portugal Património", vol. 7 – ed. Círculo Leitores, Lisboa, 2007, p. 15-16; 29; 35; 136-137; 140; 245-246; 251-252; 265-266; 278-279.
- ALVES, Teresa Marques, "Levantamento epigráfico da Igreja Matriz de Santa Maria de Sintra (séc. XV-XVIII)", I, in «Arqueologia», ed. Assembleia Distrital de Lisboa, 1997, pp. 89-93; 107-108.
- BACHELARD, Gaston, "A Poética do espaço", (1ª ed. 1957), ed. Martins Fontes, S. Paulo, 2003.
- BERNARDO, Margarida Oliveira, "A dobra ou o espaço cerebral, mundo natural e criação arquitectónica", Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, FAUTL, Lisboa, 2002, p. 5-8 e p. 42-66.
- "BÍBLIA SAGRADA", ed. Difusora Bíblica, Lisboa, 1991.
- BOUDON, Philippe, "Sur l'espace architectural", ed. Dunod, s.d., p. 33-69.
- BRAGA, Isabel Drumond, "«Para o Triunfo da Fé e mayor gloria de Deus»: O cadafalso do Auto de Fé de Lisboa de 1698, segundo projeto do Arquitecto Luís Nunes Tinoco", in revista. «Artis», ed. Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, Dez. 2005, Lisboa, 2005, p. 191-204.
- BRAZINHA, Joaquim, "Projeto clássico em arquitetura", Tese de Doutoramento, FAUTL, Lisboa, 1989.
- BROWN, Simon, "Guia Prático de Feng-Shui", ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1999.
- BROWN, Simon, "Principels of Feng-Shui", ed. Thorsons, London, 1996.
- BRUNO, Giordano, "Tratado de Magia – De Magia", introdução e tradução de Rui Tavares, ed. Tinta-da-china, Lisboa, 2007.
- BURCKARDT, Titus "Principes et méthodes de l'art sacre", ed. Derby-Livres, Paris, 1987.
- CAMPADELLO, Pica, "Feng-Shui para Harmonizar o seu Lar e a sua Vida", ed. Madras, São Paulo, 1998.
- CARRILHO, Manuel Maria, "Itinerários da racionalidade", ed. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1989, p. 89-109.
- CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain, "Dicionário dos Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números", (1ª ed. 1982), ed. Teorema, Lisboa, 1994.
- CHOAY, Françoise, "L'Allégorie du patrimoine", ed. Éditions du Seuil, Paris, 1992.
- CHOAY, Françoise, "La Règle et le Modèle", ed. Éditions du Seuil, Paris, 1980.
- CÍCERO, "Tratado da República", tradução e introdução de Francisco de Oliveira, ed. Círculo de Leitores, Temas e Debates, Lisboa, 2008.
- COSTA, José Manuel Aguiar Portela da, "Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em Centros Históricos", Tese de Doutoramento, na Universidade de Évora, 1999.
- CURL, James Stevens, "The art and architecture of Freemasonry", ed. The Overlook Press, new York, 1995.
- DAGOGNET, François, "Gaston Bachelard, sa vie, son oeuvre avec exposé de saphilo sophie", ed. Press Universitaire de France, Paris, 1965.
- DIAS, Marina Tavares, "Lisboa Desaparecida", ed. Quimera, Lisboa, 2003, vol. 2, p. 71-77; vol. 8, p. 167-175.
- EITEL, Ernest L., "Feng-Shui, a Ciência do Paisagismo Sagrado na China Antiga", (1ª ed. 1873), ed. Ground, São Paulo, 1985.
- ELAM, Kimberly, "Geometry of Design", ed. Princeton Architectural Press, New York, 2001.
- ELIADE, Mircea, "Aspectos do Mito", (1ª ed. 1963), ed. Edições 70, Lisboa, 1989.
- ELIADE, Mircea, "Mitos, Sonhos e Mistérios", (1ª ed. 1957), ed. Edições 70, Lisboa, 2000.
- ELIADE, Mircea, "Origens, História e Sentido na Religião", (1ª ed. 1969), ed. Edições 70, Lisboa, 1989.
- "ESPAÇO E PERIFERIA", Colóquio internacional «Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional», LNEC, Lisboa, 1987, p. 25-37 e p. 75-80.
- FAGUNDES, João, "A Sé", in «Livro de Lisboa», Ed. Expo 98, Lisboa, 1994, p. 115-128.
- FERREIRA, F. E. Rodrigues, "O Mosteiro Afonsino de S. Vicente de Fora", in revista «Lisboa, Revista Municipal», Ano XLVI, 2ª série, nº 12, 2º trabalho 1985, Lisboa, 1995, p. 3-12.
- FRAGOSO, Maria Fátima Lino, "O espaço e o tempo na arquitetura, contributos fenomenológicos e ontológicos para uma nova visão", tese de mestrado, FAUTL, Lisboa 2001, p. 15-37 e 45-95.
- GHYKA, Matila C., "Estetica de las Proporciones en la natureza y en las Artes", ed. Poseidon, Barcelona, 1983.
- GHYKA, Matila C., "Le Nombre d'Or – I Les Rythmes", ed. Floch Mayenne, Paris, 1958.
- GHYKA, Matila C., "El Numero de Oro – II Los Ritos", ed. Editorial Poseidon, Barcelona, 1978.
- GONÇALVES, Maria Manuela, "Um outro lado – uma abordagem prática dos dois lados da vida", ed. Sinais de Fogo, Lisboa, 2012.
- HANI, Jean, "O Simbolismo do Templo Cristão", ed. Edições 70, Lisboa, 1981.
- HABRAKEN, N. J., "Palladio's Children", ed. Jonathan Teicher, Taylort Francis Group, London, New York, 2005.

HEIDEGGER, Martin, "Essais et Conférences", (1ª edição 1954), ed. Gallimard, Paris, 1958.

HEIDEGGER, Martin, "The concept of Time", (1ª edição 1924), ed. Bluckwell, Oxford, 1992.

HONNECOURT, Villard de, "Cuaderno siglo XIII", ed. Akal, Madrid, 1991.

"I-CHING – O livro das Mutações", tradução Richard Wilhelm (alemão), Prefácio C. G. Jung, (1ª ed. 1956), ed. Pensamento, São Paulo, 1982.

"I-CHING – The essencial of the Yi Jing", interpretação de Chung Wu, ed. Paragon House, St. Paul, Minesota, 2003.

JUNG, Carl G., "O Homem e seus símbolos", (1ª ed. 1964), ed. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1995.

KOELLIKER, Théo, "Symbolisme et Nombre d' Or", ed. Arma Artis, Paris, 1984.

KUBLER, George, "A Forma do Tempo", (1ª ed. ed. 1990), Vega, Lisboa, 1991.

LEVI-STRAUSS, Claude, "A Antropologia face aos Problemas do Mundo Moderno", ed. Temas e Debates, Círculo de Leitores, Lisboa, 2011.

LIP, Evelyn, "Feng-Shui Environments of Power, a Study of Chinese Architecture", ed. Academy Editions, London, 1995.

LIP, Evelyn, "Feng-Shui for Business", (1ª ed. 1989), ed. Heian International, Inc. Publishers, Torrance, 1990.

LIP, Evelyn, "Feng-Shui for Home", (1ª ed. 1986), ed. Heian International, Inc. Publishers, Torrance, 1990.

LUBICZ, R.A. Schwaller de, "Le Miracle Egypcian", ed. Flammarion, Paris, 1963.

LUBICZ, R. A. Shawler, "Le temple de L'homme", ed. Derby Livres, Paris, 1975.

MAK, Michael Y, e NG S. Thomas, "The art and science of Feng-Shui – a study on architects' perception", ed. Science and Direct – Building and Environment, 2005, p. 427-434.

MARQUES, Ana Isabel Figueira, "O património cultural e o turismo nos Planos Diretores Municipais e nos Planos de Urbanização", dissertação de mestrado, FAUTL 2000, ed. Publicações Maitreya, Lisboa, 2005.

MATTOSO, José, "Levantar o Céu: Os labirintos da Sabedoria", ed. Temas e Debates, Círculo Leitores, Lisboa, 2012.

MORENO-NAVARRO, José Luiz Gonzáles, "El Legado oculto de Vitruvio", ed. Alianza Editorial, Madrid, 1993.

NORBERG-SCHULTZ, Christian, "Genius Locci, Paesaggio Ambiente Architettura", ed. Electa, Milano, 1986.

PALLADIO Andrea, "The Four Books of Architecture", (1ª ed. 1570), ed. Dover Publications, New York, 1964.

PANOFSKY, Erwin, "A perspectiva como forma simbólica", ed. Edições 70, Lisboa, 1993.

PATNAIK, Naveen, "The Garden of Life", ed. Doubleday, London, New York, 1993.

PINTO, Jorge Cruz, "O espaço – Limite, produção e recepção em Arquitetura", vol. 2, ed. Faculdade de Arquitetura, Lisboa, 2007.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira, "O desenho: ordem do pensamento arquitectónico", ed. Editorial Estampa, Lisboa, 2000.

RODRIGUES, António Jacinto, "TEORIA DA Arquitetura – o projeto como processo integral na Arquitetura de Álvaro Siza", ed. PAUP, Publicações, Porto, 1995.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro, "Arqueologia: a análise do simbólico", vol. II, ed. Europress, Lisboa, 1991.

ROOB, Alexander, "Alquimia & Misticismo", (1ª ed. 1997), ed. Tashen, Köln, 2006.

ROSSBACH, Sarah; YUN, Lin, "Living Color", ed. Kodansha International, New York, 1994.

ROSSBACH, Sarah, "Interior Design with Feng-Shui", (1ª ed. 1997), ed. Penguin Compass, Garamond, 2000.

RUSKIN, John, "The seven Lamps of architecture", ed. Dover Publications, New York, 1989.

RYKWERT, Joseph, "La Maison d'Adam au paradis", ed. Editions du Seuil, Paris, 1976.

SANTA-RITA, Isabel Maria, "Chomsky, a Gramática Generativa e a Arquitetura, que relação?", ed. Autor, Lisboa, 1995.

SANTO, Moisés Espírito, "Origens do Cristianismo Português", ed. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993.

SKINNER, Stephen, "Guide to the Feng-Shui Compass: a Compedium of Classical Feng-Shui", ed. Golden Hoard Press, Singapore, 2008.

SOROMENHO, Miguel; SALDANHA, Nuno, "O Mosteiro e a Igreja de São Vicente de Fora", in «Livro de Lisboa», ed. Expo 98, Lisboa, 1994, p. 207-218.

SOUTO, A. M. Meirelles, "Jardim do Alto de Santo Amaro", in revista «Olissipo», ed. Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa", II, série, nº 16, Janeiro/Junho 2002, Lisboa, 2002, p. 10-12.

SOUSA, Germano, "História da Medicina Portuguesa durante a Expansão", ed. Círculo Leitores, Temas e Debates, Lisboa, 2013.

SPEAR, Willam, "Feng-Shui made Easy", ed. HargerSanFrancisco, San Francisco, 1995.

SUMMAVIELLE, Elísio, "Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa", ed. Teorema, Lisboa, 1986, p. 5-26.

TARUDI, Manfredo, "Teorias e história da arquitetura", ed. Editorial Presença, Lisboa, 1988.

"THE YELLOW EMPEROR'S CLASSIC OF MEDICINE", TRADUÇÃO Neijing Suwen, comentários de Maosing Ni, PhD, ed. Shambhala, Boston, London, 1995.

TSE, Lao, "O Livro do Caminho Perfeito (Tao Té Ching)", Tradução de Murillo Nunes de Azevedo, ed. Editora Pensamento, São Paulo, s.d.

VIEIRA, Elenir Honorato, "Práticas alternativas em gestão de pessoas: astrologia, Feng-Shui, Grafologia, Numerologia, Radiesteria, Shiatsu, Metafísica ou novas abordagens em administração?", PhD em administração de empresas, Universidade de São Paulo, 2005.

VITRUVIUS, "On Architecture", (1ª edição 1931), ed. Frank Granger, Harvard University Press, London, 1995, vol. 1, book 1-5 e vol. 2, book 6-10.

WALTER, Dereck, "The Chinese Astrology Bible", ed. A Godsfield Book, London, 2008.

WALTERS, Derek, "The Chinese Astrology Workbook", ed. The Aquarian Press, London, 1988.
WALTERS, Derek, "The Complete Guide to Chinese Astrology", ed. Watkins Publishing, London, 2006.
WALTERS, Derek, "The Feng-Shui Handbook", ed. Thorsons, London, 1995.
WEISS, Allen S., "Mirrors of Infinity – the French Formal Garden and 17th Century Metaphysics", ed. Princeton Architectural Press, New York, 1995.
WONG, Eva, "Feng.Shui, the ancient wisdom of Harmonious Living for modern times", ed. Shambhala, London, 1996.
YATES, Francês A., "Giordano Bruno e a tradição Hermética", (1ª ed. 1964), ed. Cultrix, São Paulo, 1990.
"YI-JING", interpretação de Wu Jing-Nuan, Asian Spirituality, Taoist Studies Series, ed. The Taoist Center, Washington D.C., 1991.

Especialistas consultados

HOLDSWORTH, Tony – Feng-Shui – 2006, 2007, 2012.

Sites Internet

www.monumentos.pt

in http://bit.ly/best_tips

Bibliografia específica

AAVV., "Palcos da Arquitetura", vol. 1 e 2, ed. Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, Lisboa, 2012.
ALBINO, Raquel Maria Bolina, "Espaço doméstico em projetos de habitação unifamiliar localizados em Lisboa, e publicados na revista – A construção Moderna", Dissertação de Mestrado da Faculdade de Arquitetura, FAUTL, Lisboa, 2010.
BRANDI, Cesare, "Teoria do Restauro", (1ª ed. 1963), ed. Edições Orion, Lisboa, 2006.
BRANDI, Cesare, "Théorie de la restauration", (1ª ed. 1963), ed. Centre des Monuments nationaux/Monum. Editions du patrimoine, Paris, 2000.
BROWN, Philip e MITCHELL, Janson, "Culture and stock price clustering. Evidence from the Peoples' Republic of China", in «Pacific-Basin Finance Journal» No. 16, 2008, p. 95-120.
CAMUS, Albert, "O Mito de Sisifo" – Ensaio sobre o absurdo, (1ª ed. 1948), ed. Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2005.
CHANG, Ping-Teng; LEE, Jung-Hua; HUNG, Kuo-Chen; TSAI, Jen-Teng; PERNG, Chyung, "Applying fuzzy weighted average approach to evaluate office layouts with Feng-Shui consideration", in «Mathematical and Computer Modelling 50, 2009, p. 1514-1534.
CHEN, Bixia; NAKAMA, Yuei; KURIMA, Genji, "Layout and composition of house-embracing trees in an island Feng-Shui village in Okinawa, Japan", in «Urban Forestry & Urban Greening» no 7, 2008, p. 53-61.
CHEN, Bixia; NAKAMA, Yuei, "Strudy on village forest landscape in small island topography in Okinawa, Japan", in «Urban Forestry & Urban Greening», No. 9, 2010, p. 139-148.
COGHILL, Roger W., "Something in the air" (1ª ed. 1997), ed. Coghill Research Laboratories, Britain, 1998.
COLLINS, Christiane C. "Camillo Sitte y el nacimiento del urbanismo moderno", ed. Editorial Gustavo Gili S. A., Barcelona, 1980.
CONAN, Michel, "L'invention des identités perdues", in «Cinq propositions pour une théorie du paysage», col. Pays/Paysage, ed. Champ Vallon, Seyssel, 1994, p. 31-49.
CONSIGLIERI, Victor, "A Morfologia da Arquitetura, 1920-1970", vol. 1 e 2, ed. Referência/Editorial Estampa, Lisboa, 1995.
CRUDEN, Loren, "The Spirit of Place – workbook for sacred alignment", ed. Destiny Books, Rochester, 1995.
DIMIER, Anselme(Père), "L'Art Cistercien", ed. Zodiaque, Yonne, 1971.
DOMINGES, Sérgio, "Os ciclos económicos e a Teoria das Cinco Transformações", ed. Gradiva, Lisboa, 2003.
DONADIEU, Pierre, "Pour une conservation inventive des paysages", in «Cinq propositions pour une théorie du paysage», col. Pays/Paysage, ed. Champ Vallon, Seyssel, 1994, p. 51-80.
EITEL, Ernest L, "Feng-Shui, the Rudiments of Natural Science in China", (1ª ed, 1873), ed. Hong Kong: Thrubner & Co., Hong Kong, 2012.
EITEL, Ernest L, "What is Feng-Shuui? The Classic Nineteenth-Century Interpretation", (1ª ed, 1873), ed. Dover Publications, Inc. Mineola, New York, 2003.
ELIADE, Mircea, "Forgerons et Alchimistes", ed. Champs Flammarion, Paris, 1977.
ELIADE, Mircea, «O Sagrado e o Profano – A essência das Religiões», (1ª edição 1963), ed. Livros do Brasil, Lisboa, s.d.
EPRON, Jean-Pierre, "L'Architecture et la règle", ed. Architecture +Recherches, Pierre Mardaga, éditeur, Bruxelles, 1981.
FREUD, S. "Abrégé de Psychanalyse", (1ª ed. 1949), ed. Puf Paris, 1995.
HALE, Gill, "Manual Enciclopédico de Feng-Shui", ed. Editorial Estampa, Lisboa, 1999.
HUNTINGTON, Samuel P., "O Choque das civilizações e a mudança na ordem mundial", (1ª ed. 1996), ed. Gradiva, Lisboa, 2001.
KONG, Mário S. Ming, "Harmonia e Proporção, Protagonistas de desenho Arquitectónico", ed. Tesis Doctoral em Teoria de La Arquitectura, Barcelona, 2006.
KWOK, Man-Lo, "Chinese Astrology", ed. Blandford, London, 1999.

- LO, Raymond, "Feng-Shui, the Pillars of Destiny", ed. Times Books International, Singapore, 2000.
- MAK, Michael Y., "Applications of Knowledge-Based Expert Systems to Feng Shui Knowledge" in «Proceedings of the International Multi Conference of Engineers and Computer Scientists 2010» vol. I, ed. IMECS 2010, March 17-19, 2010, Hong Kong.
- MAK, Michael Y., "Feng-Shui Villages in Hong Kong: a Case Study of Tai Fu Tai Mansion", Edited by Michael Mak and Albert So, The 4th International Conference on Scientific Feng Shui & Built Environment, City University of Hong Kong, Hong Kong, 2009.
- MAK, Michael Y. e NG S. Thomas, "Feng-Shui: An Alternative Framework for Complexity in Design"., CIB World Building Congress 2007, CIB 2007-486, ed. CIB, 2007, p. 1638-1651.
- MARQUES, Ana Isabel Figueira, "O Feng-Shui na Arquitetura do Bairro de Alvalade: a Avenida dos Estados Unidos da América", vol. II, ed. Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, Lisboa, 2012, p. 319-327.
- MATTOSO, José, "Poderes Invisíveis – o imaginário medieval", (1ª edição 2001), ed. Círculo Leitores/Temas e Debates, Lisboa, 2013.
- MOORE, Charles W.; MITCHELL, William J.; TURNBULL, William Jr., "The Poetic of Gardens", (1ª ed. 1988), ed. MIT Press, London, 1995.
- "NOVA CARTA DE ATENAS – A visão do Conselho Europeu de urbanistas sobre as cidades do séc. XXI", ed. DGOTDU, Lisboa, 2003.
- PEDROLI, G.B.M.; ELSESEN Th. Van; MANSVELT, J.D. Van, "Values of rural landscapes in Europe: inspiration or by-product?" NJAS 54-4, 2007.
- PINTO, Jorge Cruz, "A Caixa – Metáfora e Arquitetura", vol. I, ed. Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 2007.
- RODRIGUES, Jacinto, "Arte e Arquitetura de Rudolf Steiner", ed. Autor, Porto, 1990.
- ROUSSEAU, "O contrato social", ed. Círculo de Leitores, Temas e Debates, Lisboa, 2008.
- SABELLICUS, Jorg, "A Magia dos Números", (1ª edição, 1977), ed. Edições 70, Lisboa 2000.
- SCHWARZ, Fernand, "La Géographie Sacrée, Lien Dynamique entre Ciel et Terre", in «Question de Le Lieu du Temple», nº 73, ed. Question de, 1988.
- SITTE, Camillo, "Construccion de Ciudades segun principios artisticos", ed. Editorial Gustavo Gili S. A., Barcelona, 1980.
- SKINNER, Stephen, "O Oráculo Tibetano", ed. Círculo Leitores, Lisboa, 2006.
- SMITH, Richard J., "The Future of Chinese Culture", in «Futures», Outubro 1989, p. 431-446
- SOLÁ-MORALES, Ignasi de, "Mediations in Architecture and in the Urban Landscape", ed. Quart Publishers, Lucern, 2001.
- SPEAR, William, "Feng-Shui made Easy", ed. Harper San Francisco, San Francisco, 1995.
- TAYLOR, René, "Arquitetura y Magia – Consideraciones sobre la idea de EL Escorial", ed. Siruela, Madrid, 1995.
- UM, Jung-Sup, "Exploring spatially prioritized parameters of Feng-Shui from tomb footprint" in «International Journal of Geographical Information Science», ed. Taylor & Francis, 2009, 23:4, 513-529.
- VERMES, Geza, "Manuscritos do Mar Morto", ed. Ésquilo, Lisboa, 2006.
- VITRUVIUS, "Vitruvius on Architecture!", ed. Harvard University Press, Massachusetts, 1995.
- WEBSTER, Richard, "101 Feng-Shui Tips for the Home", ed. Llwellyn Publications, Minesota, 1998.
- XU, Ping, "Feng-Shui Models Structured Tradicional Beijung Courtyard Houses", in «Journal of Architectural and Planning Research» 15:4, winter 1998.
- ZEVI, Bruno "Arquitetura in Nuce – uma definição de arquitetura", (1ª edição, 1979), ed. Edições 70, Lisboa, 1996.

Sites Internet

- <http://sementesdasestrelas.blogspot.com.br>
<http://gaianovaera.blogspot.com.br>
<http://notiweburuguay.blogspot.pt>
http://en.wikipedia.org/wiki/Genius_loci
<http://www.thefreedictionary.com/genius+loci>
<http://www.geniuslocitours.com/>

Bibliografia geral

- ALVES, Fernando M. Brandão, "Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano, Proposta Metodológica", ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2003.
- APOLO, Geronimo Lozano; MARTINEZ-CUEGAS, Afonso Lozano, "Curso Técnicas de intervención" – Tomo 2, «Reestructuración de edificios de muros de Fabrica», ed. Consultores Técnicos de Construcción C.B., G. Gijon, 1995.
- ASCHER, François, "Les Nouveaux Principes de l' Urbanismo. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour", Éditions de L'Aube, 2001.
- BERQUE, Augustin, "Paysage, milieu, histoire", in «Cinq propositions pour une théorie du paysage», col. Pays/Paysage, ed. Champ Vallon, Seyssel, 1994, p. 11-29.
- BESSE, Jean-Marc, "Représenter la ville, ou la simuler? (Réflexions autour d'une vue d'Amsterdam au XVI siècle)", in «Ligeia», ed. L'Attente, Paris, 1997, p. 43-55.
- CASTEL-BRANCO, Cristina, "Jardim Botânico da Ajuda", ed. Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda e Livros Horizonte, Lisboa, 1999.

- COSTA, João Pedro, "Bairro de Alvalade", ed. Livros Horizonte, Faculdade de Arquitectura UTL, Lisboa, 2002.
- COSTA, Mateus M. "Ordenamento do território e o desenvolvimento do turismo: O caso da Ilha de Santiago – Cabo Verde", Tese de Mestrado em Gestão Urbanística da Universidade Nova de Lisboa, Abril/2008, Lisboa, 2008, p 1-33; e p. 149-159.
- DEMO, Pedro, "Metodologia Científica em ciências sociais", ed. Atlas, S. Paulo, 1995.
- ESTEVES, Nuno José Correia de Freitas Couto, "Avaliação da Requalificação Urbanística em Centros Históricos", tese de mestrado em Engenharia Municipal da Universidade do Minho, 2009.
- FRAGA, Francisco Javier Monclús; BAÑALES, José Luis Oyon, "Elementos de composición urbana", ed. UPC, Barcelona, 1998.
- "I-CHING", interpretação R. L. Wing, (1ª ed. 1979), ed. Sinais de Fogo, Lisboa, 2001.
- INGALLINA, Patrizia, "Du Paysage à la Ville", in «Ligeia», ed. L'Attente, Paris, 1997, p. 27-28.
- JOKILEHTO, Jukka, "History of Architectural Conservation", (1ª ed. 1999), ed. Butterworth/Heinemann, Oxford, 2002.
- LASSUS, Bernard, "L'obligation de l'invention du paysage aux ambiances successives", in «Cinq propositions pour une théorie du paysage», col. Pays/Paysage, ed. Champ Vallon, Seyssel, 1994, p. 81-106.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, "A outra face da lua – escritos sobre o Japão", ed. Círculo Leitores, Temas & Debates, Lisboa, 2012.
- MENDES, Maria Manuela, "Ciganos: Identidades, Racismo, Discriminação", ed. Caleidoscópio, Lisboa, 2012.
- MORE, Thomas, "Utopia", ed. Coisas de Ler Edições, Lisboa, 2004.
- MOREIRA, Graça, "Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos", geógrafa, Professora Aux. Da FAUTL. Art. Textos 05 Dezembro/2007, Lisboa, 2007, p. 117-129.
- MUMFORD, Lewis, "La Cité à Travers l'histoire", (1ª ed. 1961), ed. Seuil, Paris, 1964.
- "ORIENTE", revista nº 2, Abril, ed. Fundação Oriente, Lisboa, 2002.
- PINSON, Daniel, "Le renouvellement Urbain des grands ensembles: pour quelles formes urbaines, et avec quelle place pour l'habitant?", Professeur, Institut d'Aménagement Regional, Université de Droit, d'Economie e des Sciences d'Ai-Marseille, s.d.
- POUSIN, Frédéric, "Projet de ville, projet de paysage", in «Ligeia», ed. L'Attente, Paris, 1997, p. 112-120.
- QUIVY, Raymond; e CAMPENHOUDT, Luc Van, "Manual de Investigação em ciências sociais", (1ª ed. 1995), ed. Gradiva, Lisboa, 2005.
- RAPOSO, Isabel "Qualificação de Bairros Críticos", FAUTL, Mestrado de Reabilitação e Núcleos Urbanos, 2006/07
- ROSMANINHO, Ema, "Os programas de intervenção e a estratégia da cidade", Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, Porto, 2002.
- VICENTE, Tânia Galvamito "Novos produtos turísticos e a Gestão do Território: A Situação da Região Oeste", Mestrado em Gestão Urbanística, Universidade Nova de Lisboa, Agosto/2008, Lisboa, 2008, p. 6-131.
- VIRGÍLIO, "Bucólicas – Geórgias – Eneida", ed. Círculo Leitores/ Temas & Debates, Lisboa, 1012.

Sites Internet

<http://atendimentovirtual.cm-lisboa.pt/Paginas/ordenamentourbanismo.aspx>

ANEXO I – ESTUDO GEOMÂNTICO, FENG-SHUI

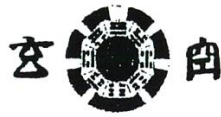
Caso Prático 01 – Igreja de Santa Maria em Sintra



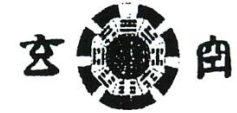
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail:



Client's Name(s)		Igreja Santa Maria - Sintra														
Address		Calçada de Santa Maria														
Appointment Date		19-06-2014														
Appointment Time		11.20h														
Client's Year of Birth S/B and Kua LAP YANG; LO SHU(S); HEXAGRAM		1) 1147 丁卯 6K 7金 坤 坤 no 41 Declínio Fire					2)					3)				
4)		5)					6)					7)				
POSN	°	MTN	IHS		KUA					72 DRAGON		FIN KAM		KINSHIPS		
			FATE	YEAR	No.	S/B	LY	HGM	NAME	FAMILY	S/B	PULSE / ELEMENT	S/B		PULSE / ELEMENT	
SITE	256°	庚	8 Duaning Sun	2014	7	庚申	坤	坤	29 - Aluisio	468 7K	正	正	庚申	Strong 4 土	子官 父官 兄	
FACE	76°	甲	8 Easy warm	2014	3	庚申	坤	坤	30 - Belezere Flora + Lou	237 -K	正	正	庚申	Pure 4 土	父 子官 子兄	
MAIN DOOR DIR.	256°	庚														
MAIN DOOR LOC.																
BACK DOOR DIR.																
BACK DOOR LOC.																
GMY DBL MTN & Ch'i Calculation: 										GMY 9/64 Curses 4 Curses GMY → não tem. 64 Curses GMY → não tem.						
Property Problem/Notes: Temple montado a vista do sul mas acete. O design ficou na descida e o fi que no subsolo. Muita coisa mudou e melhora a volta dispensando a energia do templo. Grande televisão e dificuldade no ensino da escola.																

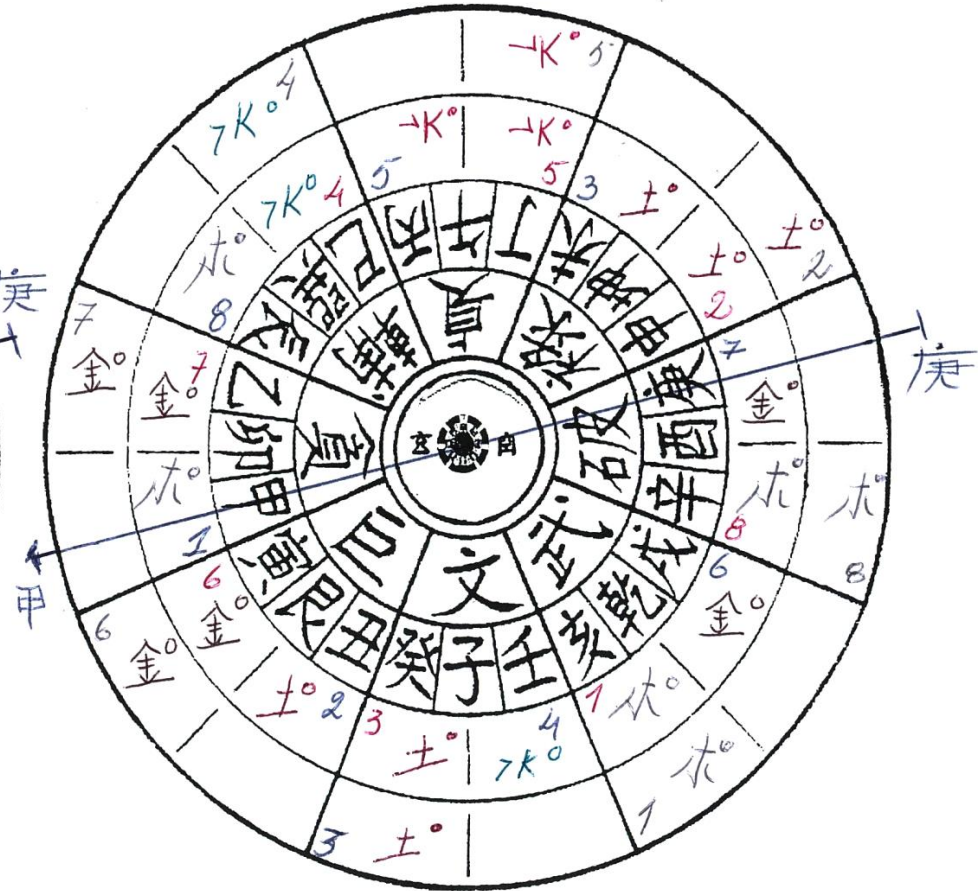
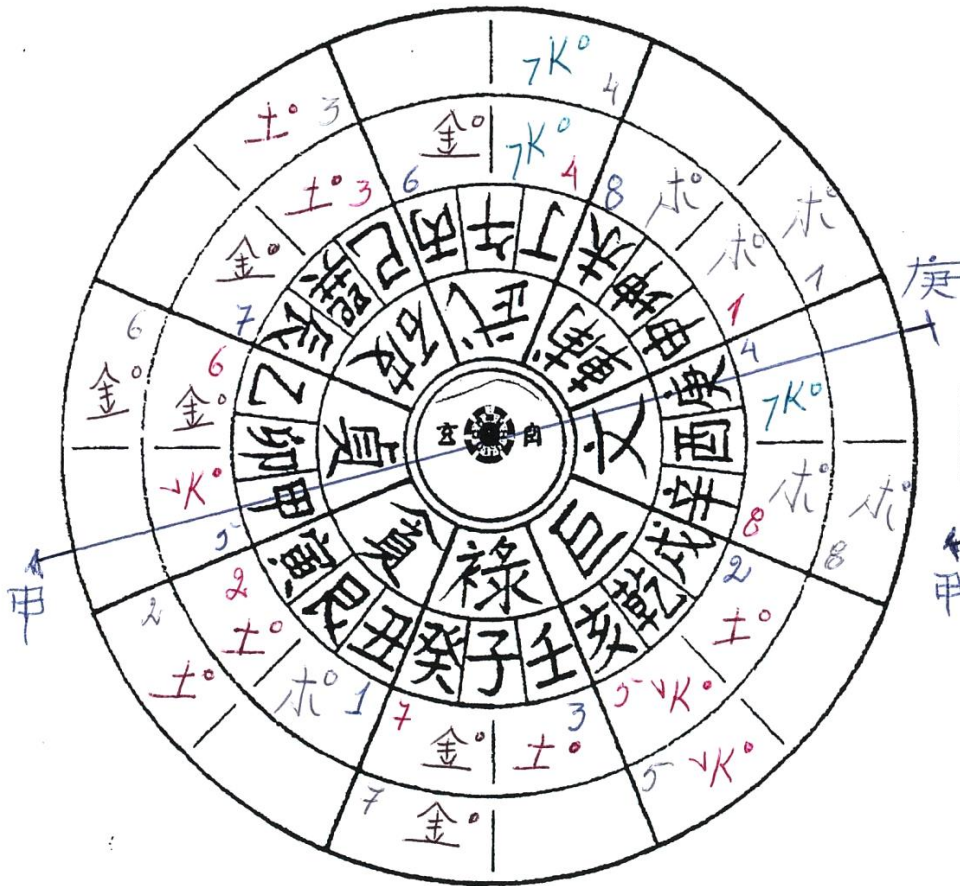


The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tonyholdsworthfsa@hotmail.com



Site 山庚 ≡ 4K
 Gate 月庚 ≡ 4K
 Exterion

Site 山庚 ≡ 7金
 door 月庚 ≡ 7金
 Imterion



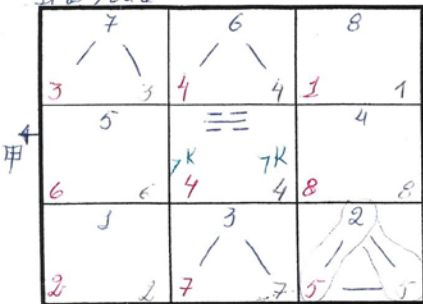
Gate / door 庚



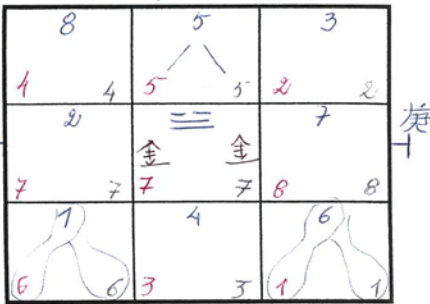
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: www.holdsworths@hotmail.com



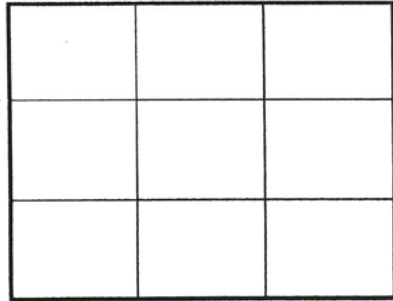
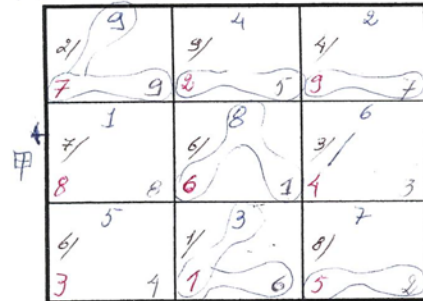
BA ZHAI - EHS
 SIB / GATE



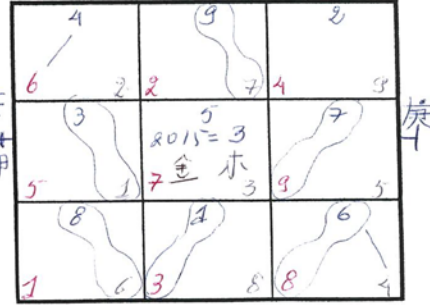
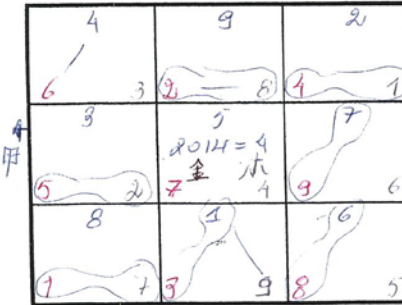
LHS sit / door



YUEN HON SIB / Facing



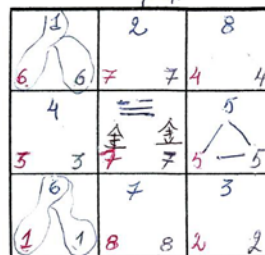
KOSHU



The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: www.holdsworths@hotmail.com



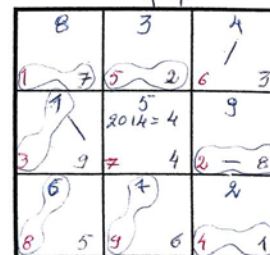
BA ZHAI - Human chi



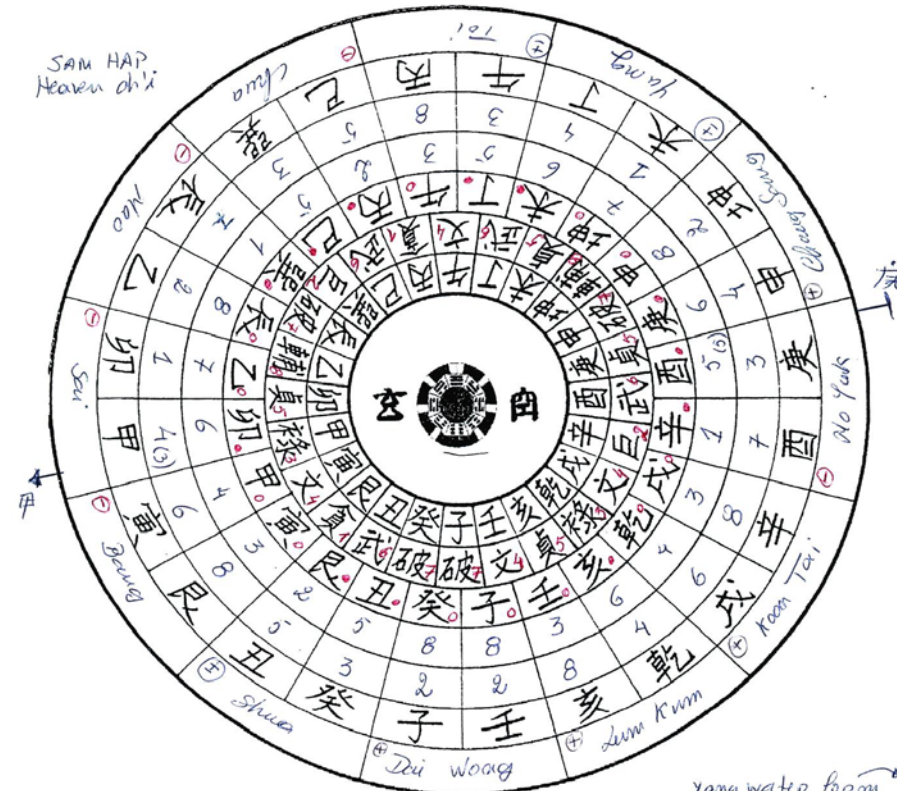
YUEN HON - Earth chi



KOSHU



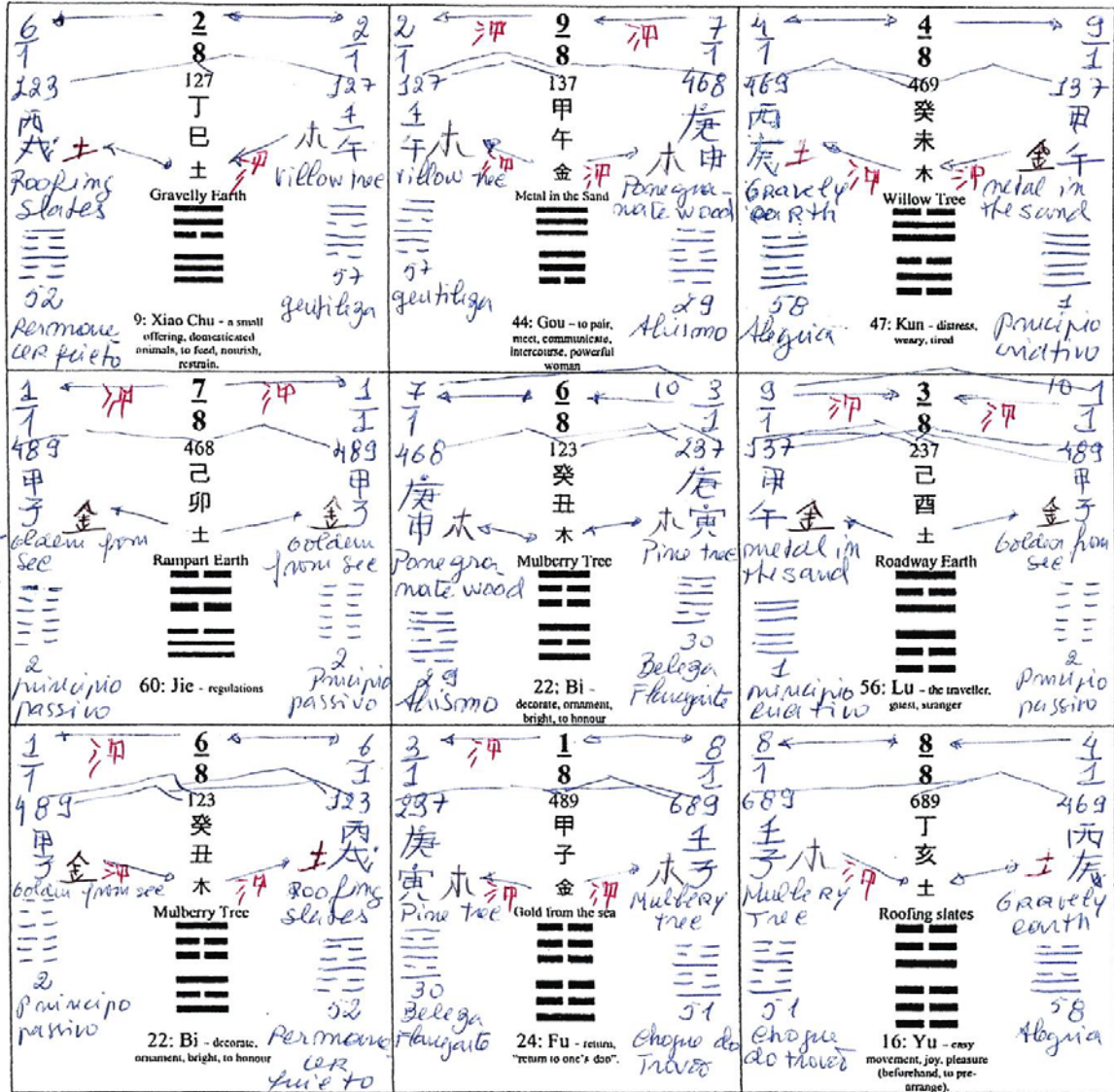
SAM HAP
 Heaven chi



Yang water form
 申水
 water in Chang Sang



8th Fate Flying Hexagrams Template



Lian Yun Descriptions:

- 土 Gravelly Earth - Earth from the sand. Mixed chi -- not stable, falls back. Only interested in something for a short while. Easily bored. Plenty of ideas, but never finishes anything.
- 金 Metal in the Sand - Metal mixed with sand. Need to spend time to get rid of the sand. Not pure -- always mixed energy. Hard to read these people.
- 木 Willow Tree - Metal can cut it. Follows the wind. They always follow others. They don't have their own ideas. A 'Hanger on'.
- 土 Rampart Earth - Looks strong on the outside, but weak on the inside (especially if crushed).
- 木 Mulberry Tree - Very spiritual tree. Small but hardy. Wood used in Taoist magic. Person deals with spiritual energies.
- 土 Roadway Earth - Very strong. Can withstand most wood, but NOT forest. Very stubborn people, but they can be relied upon -- predictable.
- 金 Gold from the sea - Can't cut wood. Not easy to dive down and get the gold. Deep person -- not easy to know them.
- 土 Roofing slates - Can protect you, but they can get blown off. Always want to protect people but they're not strong enough. Want to help everyone, but can't deliver.

Caso Prático 02 – Igreja de S. Vicente de Fora



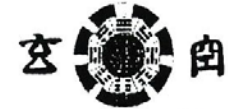
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail:



Client's Name(s)		Igreja S. Vicente de Fora													
Address		Lago S. Vicente - Rua da Voz do Operário													
		Appointment Date		8-06-2014											
		Appointment Time		14h.											
Client's Year of Birth S/B and Kua LAP YANG; LO SHU(S); HEXAGRAM		1) 1947 JYD 6-K 7金 坤 坤 坤 坤 坤 坤 Furnace Fire			2)			3)							
4)		5)			6)			7)							
POSN	°	MTN	IHS		KUA					72 DRAGON		FIN KAM		KINSHIPS	
			FATE	YEAR	No.	S/B	L/Y	HGM	NAME	FAMILY	S/B	PULSE / ELEMENT	S/B		PULSE / ELEMENT
SITE	92°	卯	8 Throne	2014=4 Magnificent ERDUM	1 1/2	乙	卯	Spring Stagnant W. 坤	坤 坤 坤 坤 坤 坤 19 - Aproximar	489 坤	辛卯	Failure ↓ 木	辛卯	Failure ↑ 木	官 官 官 官 官 官 上
FACE	272°	酉	8 Platform	2014=4 General	9 4	乙	酉	Spring W. 坤	坤 坤 坤 坤 坤 坤 33 - Retiro	137 金	丁酉	Failure → K	辛酉	Failure ↑ 木	官 官 官 官 官 官
MAIN DOOR DIR.	272°	酉													
MAIN DOOR LOC.															
BACK DOOR DIR.															
BACK DOOR LOC.															
GMY DBL MTN & Ch'i Calculation:										GMY 9/64 Curses 4 curses GMY - não tem - 64 curses GMY - não tem					
Property Problem/Notes: orientada E/W eba a W. A construção do anexo, do pátio e das edificações na frente a vista e invade a propriedade. Facinas a N.															

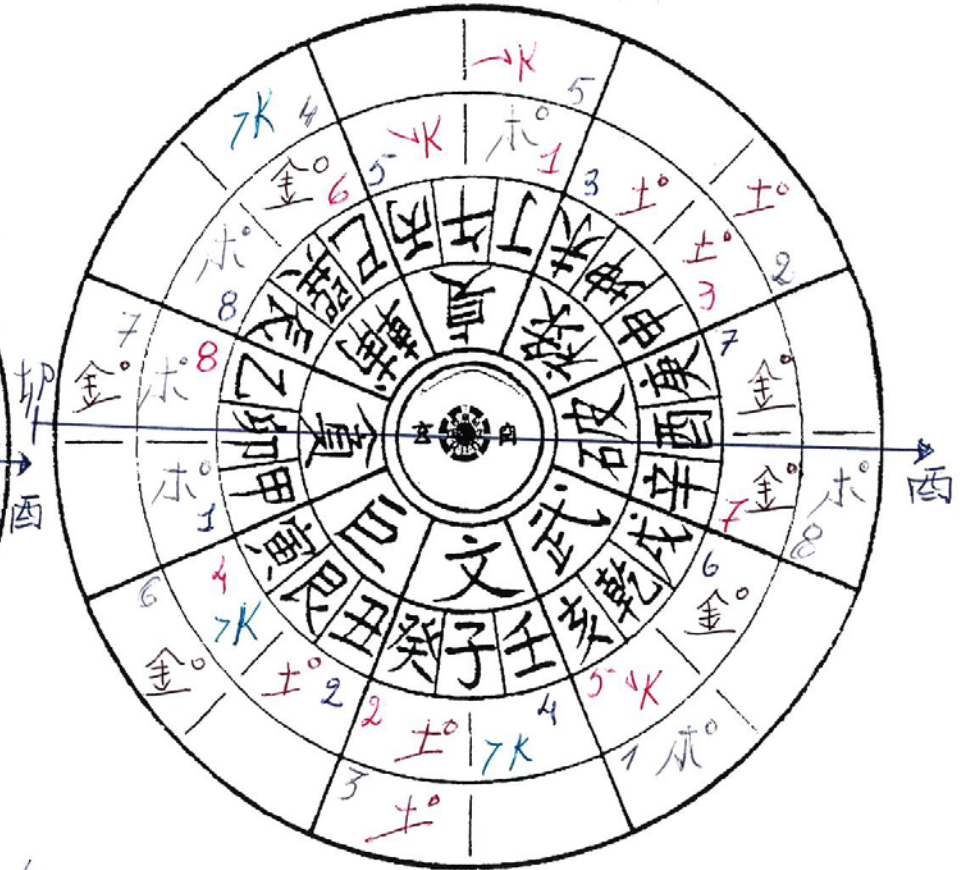
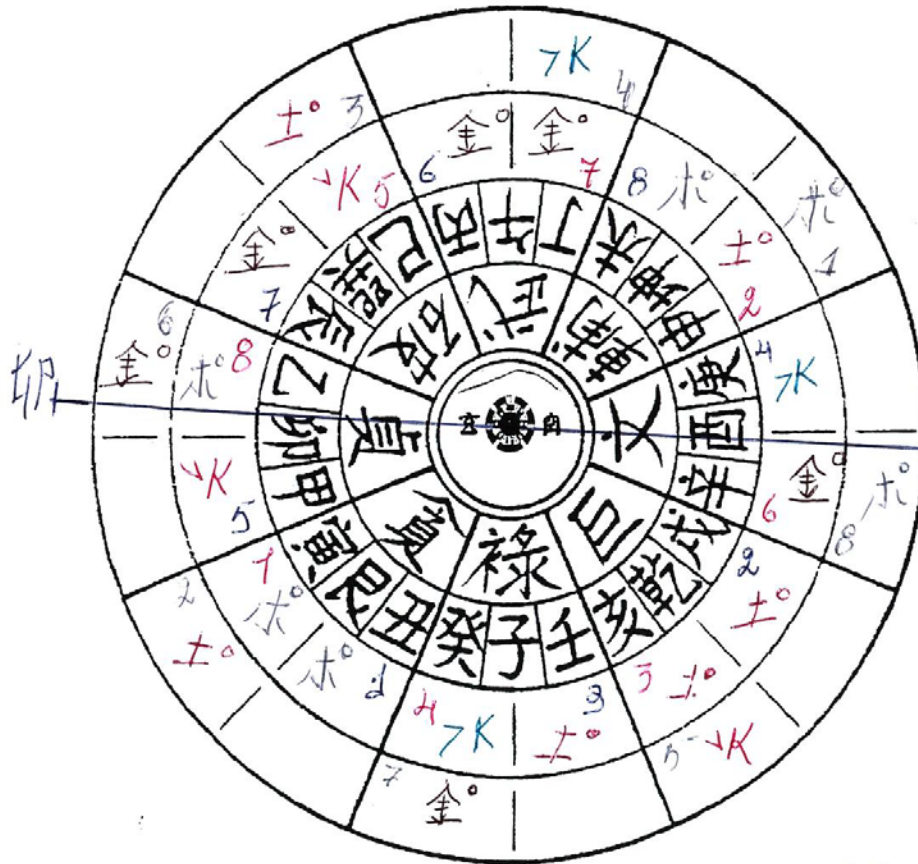


The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tonyholdsworthfsa@hotmail.com



Site 山 卯 三 5 火
 Gate 月 酉 三 4 水
 Extension

Site 山 卯 三 1 水
 Door 月 酉 三 7 金
 Interior



Gate/door 酉

BA ZHAI EHS
Sib / Gate

7	6	8
5	7	4
8	5	4
1	3	2
4	2	3

XHS - Site/door

8	5	3
6	4	1
1	7	7
2	4	6
4	6	2

YUEN HON Sib / Facing

2/3	9/4	4/2
7/1	6/8	3/6
6/5	1/3	8/7

LOSHU

4	9	2
2	3	7
1	2	5
8	1	6

4	9	2
2	2	7
1	1	3
8	1	6

BA ZHAI - Heaven chi

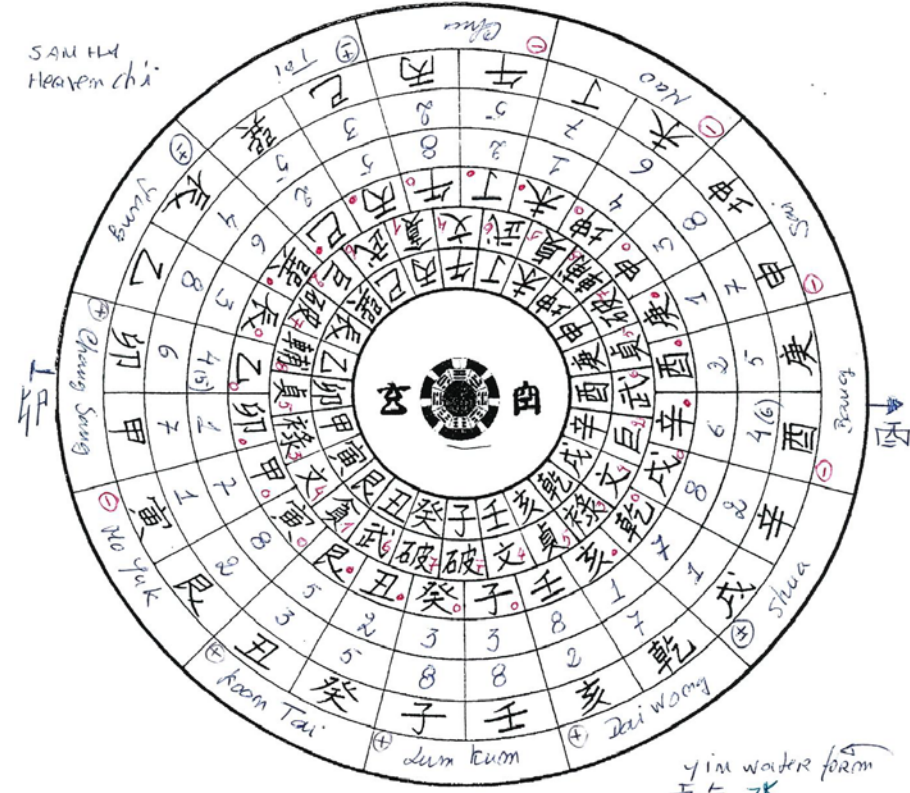
3	7	6
3	7	8
5	4	7
1	5	2
6	4	8

YUEN HON - Earth chi

2	6	7
4	3	8
4	8	3
6	1	6
8	5	3

LOSHU

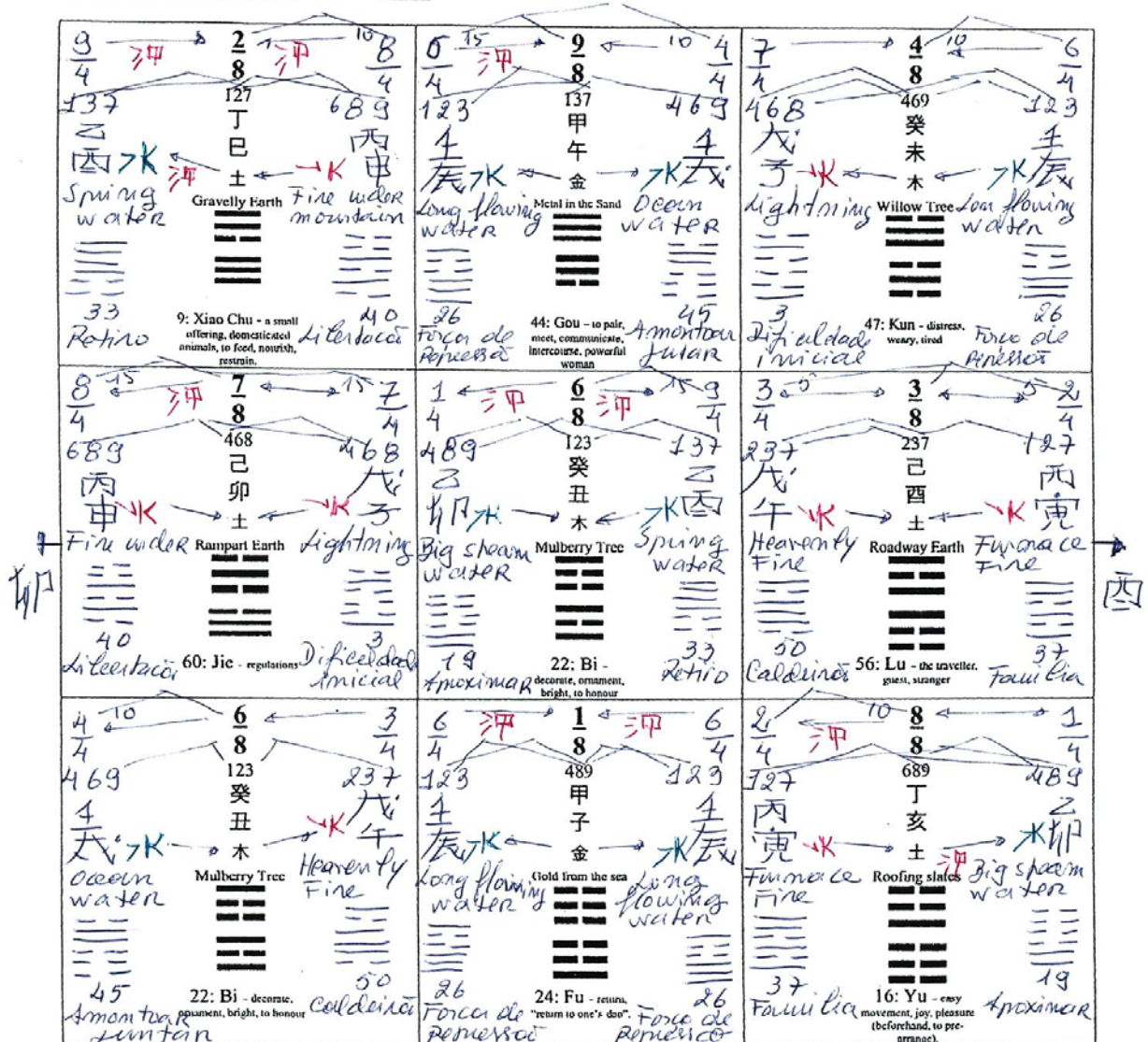
2	7	6
9	5	4
9	5	4
7	8	3
4	3	2



Yin water form
 卓水
 卓水
 卓水



8th Fate Flying Hexagrams Template



Lap Yum Descriptions:

- Gravelly Earth - Earth from the sand. Mixed chi - not stable, falls back. Only interested in something for a short while. Easily bored. Plenty of ideas, but never finishes anything.
- Metal in the Sand - Metal mixed with sand. Need to spend time to get rid of the sand. Not pure - always mixed energy. Hard to read these people.
- Willow Tree - Metal can cut it. Follows the wind. They always follow others. They don't have their own ideas. A 'hanger on'.
- Rampart Earth - Looks strong on the outside, but weak on the inside (especially if crushed).
- Mulberry Tree - Very spiritual tree. Small but hardy. Wood used in Taoist magic. Person deals with spiritual energies.
- Roadway Earth - Very strong. Can withstand most wood, but NOT forest. Very stubborn people, but they can be relied upon - predictable.
- Cold from the sea - Can't cut wood. Not easy to dive down and get the gold. Deep person - not easy to know them.
- Roofing slates - Can protect you, but they can get blown off. Always want to protect people but they're not strong enough. Want to help everyone, but can't deliver.

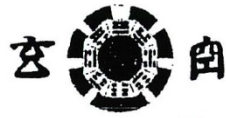
Caso Prático 03 – Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa



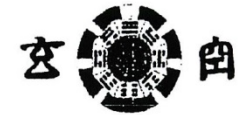
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail:



Client's Name(s)		Igreja de Santa Maria Maior - Sé													
Address		Largo da Sé													
		Appointment Date		8-6-2014											
		Appointment Time		13.30 h.											
Client's Year of Birth S/B and Kua LAP YANG; LO SHU(S); HEXAGRAM		1) 5547 5HP 6/9 ✖ 7金 三三 三三 m41 三三 Delimio Funnace 三三 FINE			2)			3)							
4)		5)			6)			7)							
POSN	°	MTN	IHS		KUA					72 DRAGON		FIN KAM		KINSHIPS	
			FATE	YEAR	No.	S/B	L/Y	HGM	NAME	FAMILY	S/B	PULSE / ELEMENT	S/B		PULSE / ELEMENT
SITE	272°	酉	8	2014=4	10	酉	Spring Walker	三三 金	33 - Retiro	33 7 金	丁酉	Failure ✖	辛酉	Failure ↑ 木	7 上 官兄官兄才
FACE	32°	卯	0	Magical Crown	1	卯	Big storm with	三三 土	19 - Aproximar	48 9 土	辛卯	Failure 木 ↑	辛卯	Failure ↑ 木	官兄官兄才
MAIN DOOR DIR.	272°														
MAIN DOOR LOC.															
BACK DOOR DIR.															
BACK DOOR LOC.															
GMY DBL MTN & Ch'i Calculation:															
					GMY 9/64 Curses 9 curses GMY → não tem 64 curses 6. MY - site 337 金 e F) igual → no pensar 官 kua, não dáis - o muito mau.										
Property Problem/Notes: Quilómetros E/W planejando o sal marade. Site a W, Largo que tinha as portas da cidade (Porta TERRO da cerca mesma) situação que se manteve várias séculos. A vista dominante continue sendo a E.															



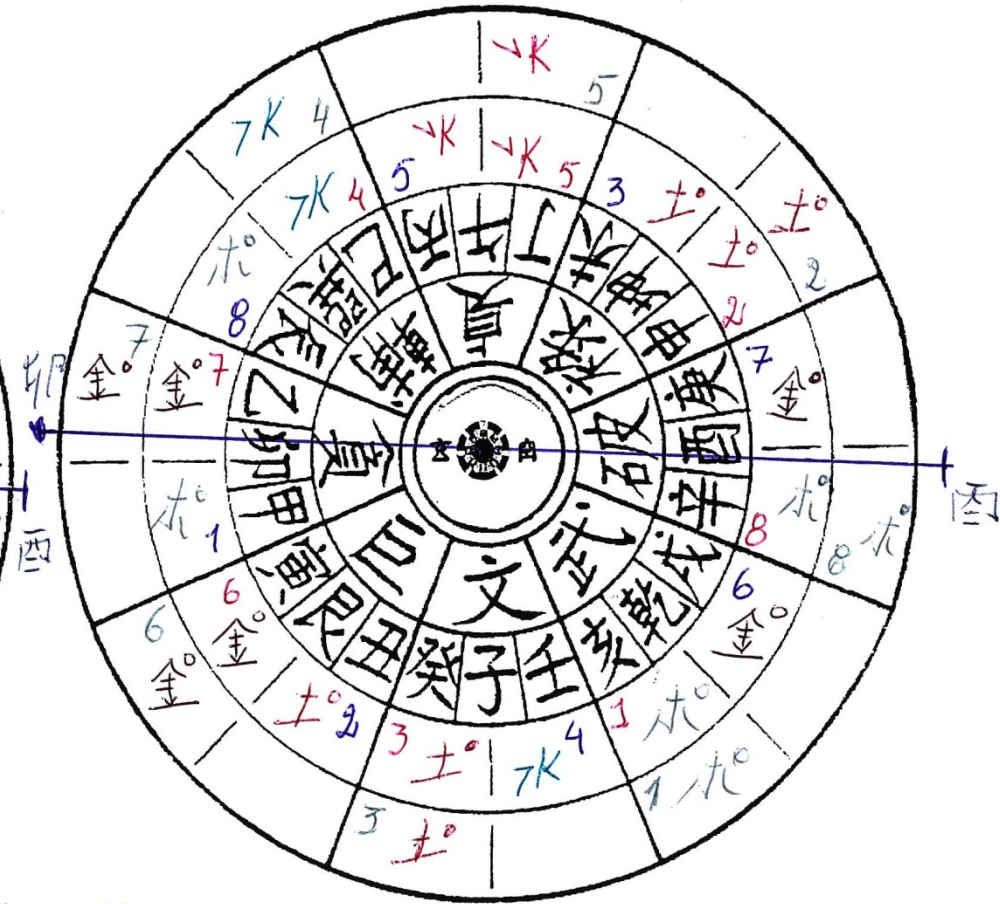
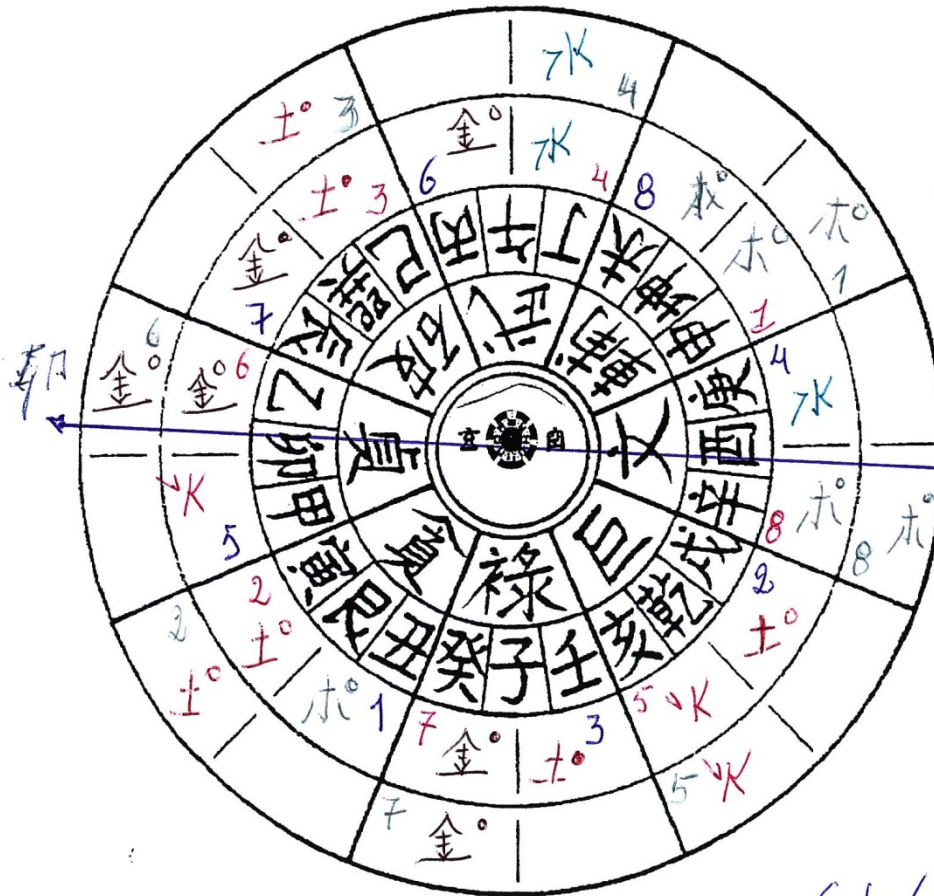
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tonyholdsworthfsa@hotmail.com



Site 山西 ≡ 47K
 Gate 月酉 ≡ 47K
 exterior

Site 山西 ≡ 7金
 Door 月酉 ≡ 7金

Interior



Gate/door 酉

The Imperial Feng Shui Company Limited

7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160

E-mail: tonyholds@bt.com

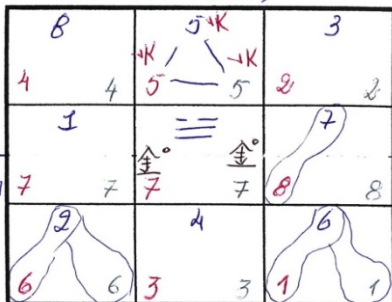
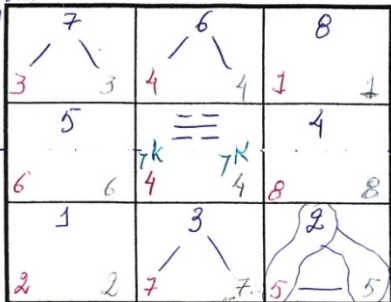


The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tonyholds@bt.com

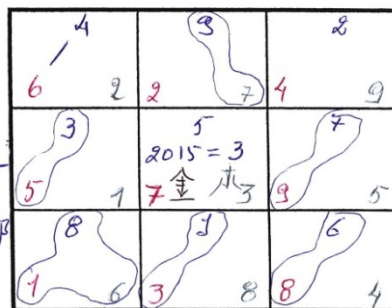
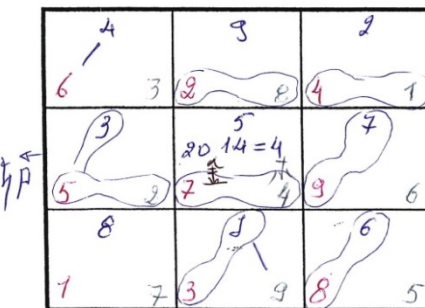
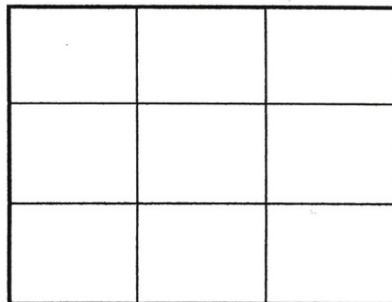
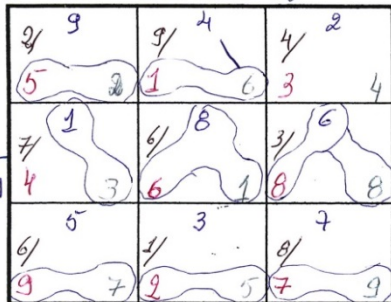


BA ZHAI
 (Si/E/door
 gate) EHS

2HS site (door/gate)



YUEN HON site (Facing)



BA ZHAI Heaven chi



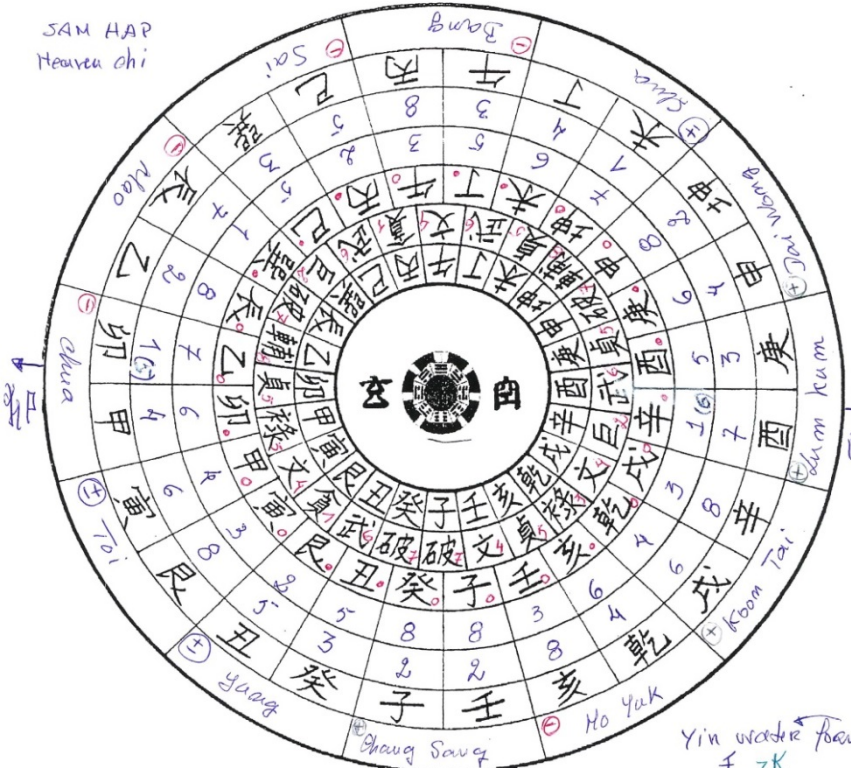
YUEN HON Earth chi



KASHU



SAM HAP Heaven chi



Yin water form
 壬水
 energy enters on Chong Sang



8th Fate Flying Hexagrams Template

<p>8-10 → 2 → 9 4 → 8 → 4 689 → 127 → 497 丙申 → 丁巳 → 乙酉 火 → 土 → 金 Fire under mountain → Gravelly Earth → Spiny water 40 → 33 Libertad → Retiro 9: Xiao Chu - a small offering, domesticated animals, to feed, nourish, restrain.</p>	<p>4-10 → 9 → 6 4 → 8 → 4 468 → 137 → 123 壬戌 → 甲午 → 壬辰 水 → 土 → 水 Ocean water → Metal in the Sand → domes flowing water 45 → 26 Amortua Junta → Forgo de Renuncia 44: Gou - to pair, meet, communicate, intercourse, powerful woman</p>	<p>6-10 → 4 → 7 4 → 8 → 4 123 → 469 → 468 壬辰 → 癸未 → 丙子 水 → 土 → 火 long flowing water → Willow Tree → lightning 26 → 3 Forgo de Renuncia → Dificuldade imial 47: Kun - distress, weary, tired</p>
<p>7-15 → 7 → 8 4 → 8 → 4 468 → 468 → 689 丙子 → 己卯 → 丙申 火 → 土 → 火 lightning → Rampart Earth → Fire under mountain 3 → 40 Dificuldade imial → Libertad 60: Jie - regulations</p>	<p>9 → 6 → 1 4 → 8 → 4 137 → 123 → 489 乙酉 → 癸丑 → 乙卯 水 → 土 → 木 Spring water → Mulberry Tree → Big stream water 33 → 79 Retiro → Aproximar 22: Bi - decorate, ornament, bright, to honour</p>	<p>2 → 3 → 3 4 → 8 → 4 127 → 237 → 237 丙寅 → 己酉 → 丙午 火 → 土 → 火 Furnace Fine → Roadway Earth → Heavenly Fire 37 → 50 Familia → Caldeira 56: LU - the traveller, guest, stranger</p>
<p>3 → 6 → 4 4 → 8 → 4 237 → 123 → 469 丙午 → 癸丑 → 壬戌 火 → 土 → 土 Heavenly Fire → Mulberry Tree → Ocean water 50 → 45 Caldeira → Amortua Junta 22: Bi - decorate, ornament, bright, to honour</p>	<p>5 → 1 → 6 4 → 8 → 4 123 → 489 → 123 壬戌 → 甲子 → 壬辰 土 → 水 → 水 long flowing water → Gold from the sea → long flowing water 26 → 26 Forgo de Renuncia → Forgo de Renuncia 24: Fu - return, "return to one's door"</p>	<p>1 → 8 → 2 4 → 8 → 4 489 → 689 → 327 乙卯 → 丁亥 → 丙寅 木 → 土 → 火 Big stream water → Roofing slates → Furnace Fine 19 → 37 Aproximar → Familia 16: Yu - easy movement, joy, pleasure (beforehand, to pre-arrange).</p>

Lap Yum Descriptions:

- 土Gravelly Earth - Earth from the sand. Mixed chi -- not stable, falls back. Only interested in something for a short while. Easily bored. Plenty of ideas, but never finishes anything.
- 金Metal in the Sand - Metal mixed with sand. Need to spend time to get rid of the sand. Not pure -- always mixed energy. Hard to read these people.
- 木Willow Tree - Metal can cut it. Follows the wind. They always follow others. They don't have their own ideas. A 'Hanger on'.
- 土Rampart Earth - Looks strong on the outside, but weak on the inside (especially if crushed).
- 木Mulberry Tree - Very spiritual tree. Small but hardy. Wood used in Taoist magic. Person deals with spiritual energies.
- 土Roadway Earth - Very strong. Can withstand most wood, but NOT forest. Very stubborn people, but they can be relied upon - predictable.
- 金Gold from the sea - Can't cut wood. Not easy to dive down and get the gold. Deep person - not easy to know them.
- 土Roofing slates - Can protect you, but they can get blown off. Always want to protect people but they're not strong enough. Want to help everyone, but can't deliver.

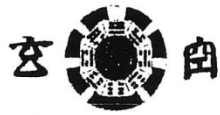
Caso Prático 04 – Igreja da Memória



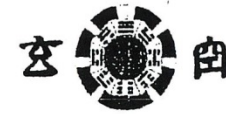
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail:



Client's Name(s)		Igreja da Memória															
Address		Largo da Memória												Appointment Date		7-06-2014	
														Appointment Time		17h.	
Client's Year of Birth S/B and Kua LAP YANG; LO SHU(S); HEXAGRAM			1) 1760 - 庚辰 与金 6金 三三 11-Paz White wax metal					2)					3)				
4)			5)					6)					7)				
POSN	°	MTN	IHS		KUA					72 DRAGON			FIN KAM		KINSHIPS		
			FATE	YEAR	No.	S/B	L/Y	HGM	NAME	FAMILY	S/B	PULSE / ELEMENT	S/B	PULSE / ELEMENT			
SITE	1015	乙	8	2014=4	6	丁	丁卯	Fire	41 - Dedei mio	523	乙卯	Tacle	丁卯	cool	父官兄兄才官		
FACE	2815	辛	0	Direct	4	丁	丁酉	Fire	31 - America	469	辛酉	Fado	丁酉	Fair	父官兄子兄父		
MAIN DOOR DIR.	2815	辛															
MAIN DOOR LOC.	2815	辛															
BACK DOOR DIR.																	
BACK DOOR LOC.																	
GMY DBL MTN & Ch'i Calculation:					GMY 9/64 Curses 9 curses GMY - não tem 64 curses GMY → não tem.												
Property Problem/Notes: Imvela sobre site e fazer devido à grande estrutura e construções em este. O Fale person a cor a W como longo e a sua mobili metada.																	

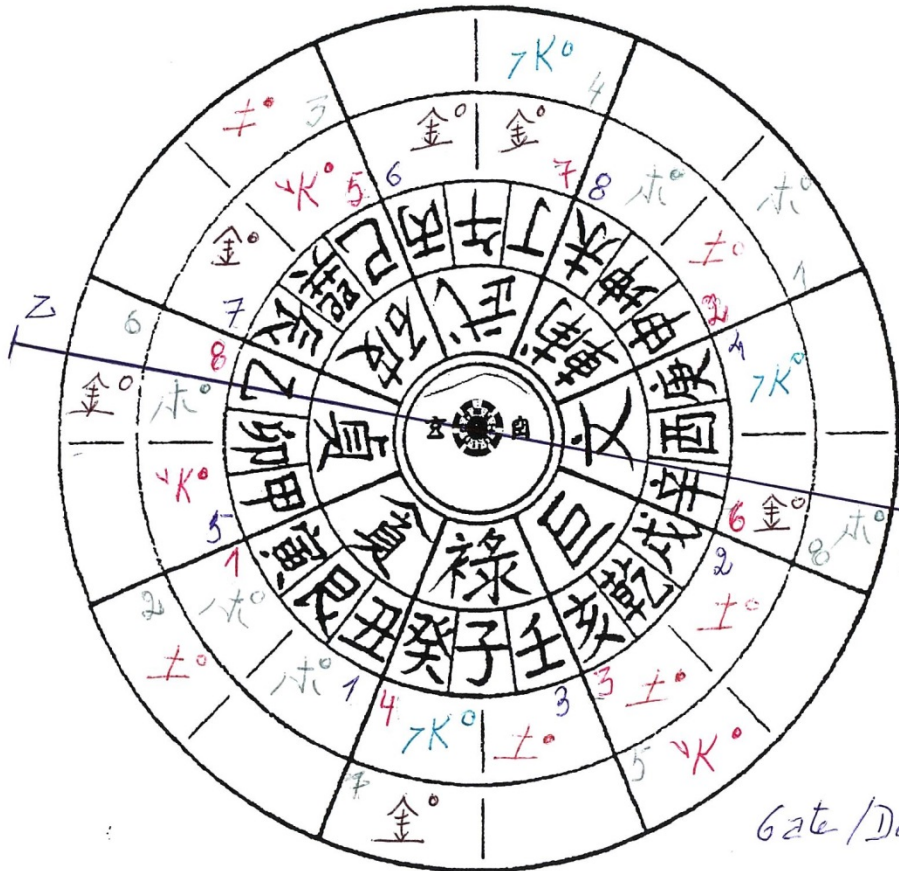


The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tonyholdsworthfsa@hotmail.com



Site 山乙 5 火° 三
 Gate 月 辛 4 火° 三

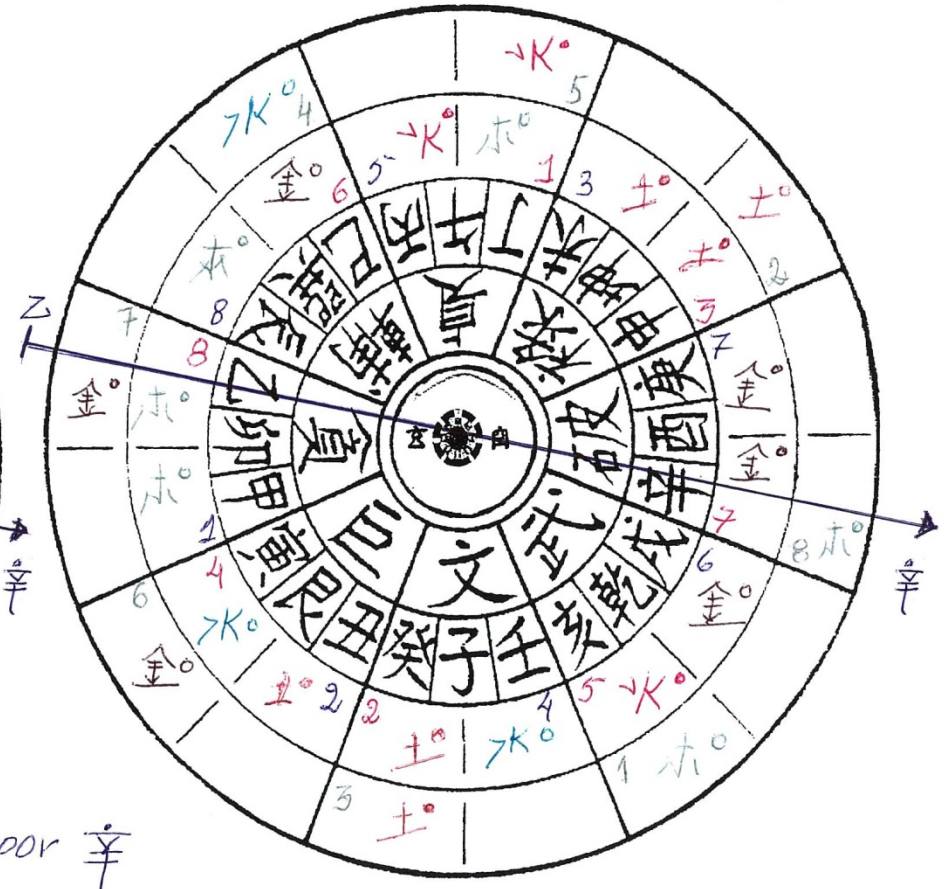
EXTERIOR



Gate/Door 辛

Site 山乙 1 木° 三
 Door 月 辛 7 金° 三

INTERIOR

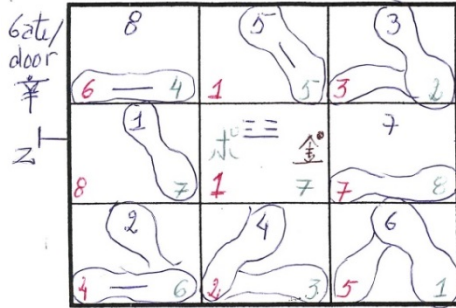




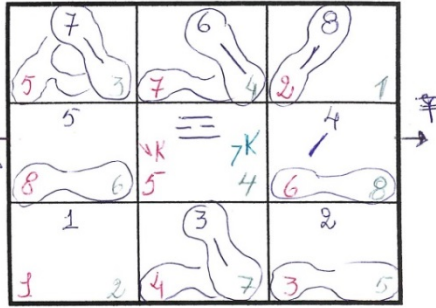
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tony.holdsworth@btinternet.com



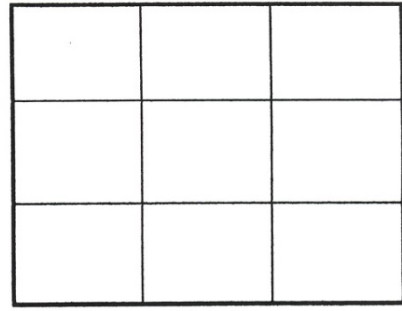
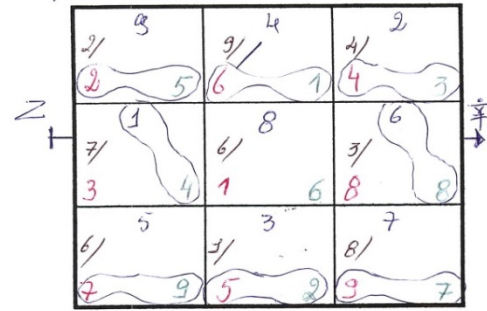
BA ZHAI LHS



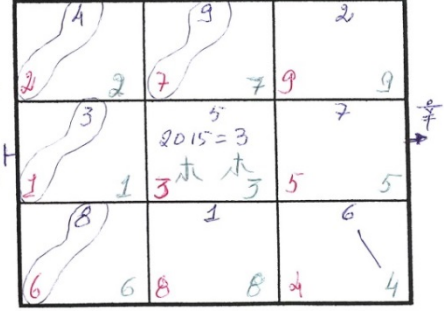
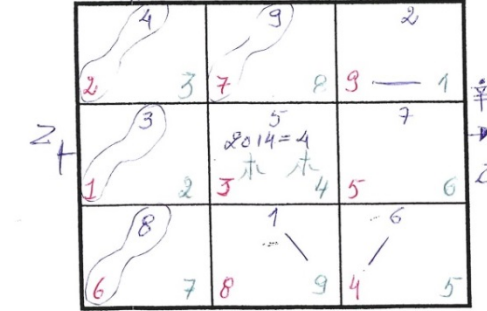
BA ZHAI EHS



YUEN HON



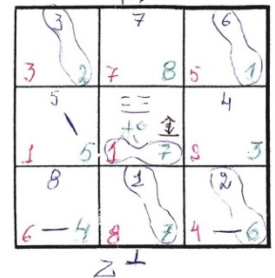
LOSHU



The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tony.holdsworth@btinternet.com

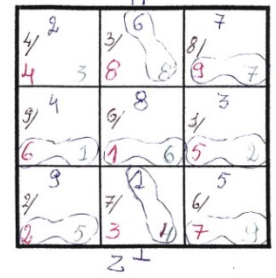


BA ZHAI

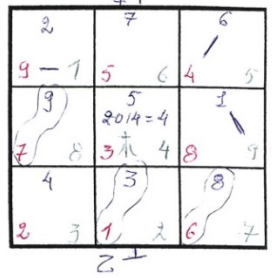


HUMAN CHI

YUEN HON

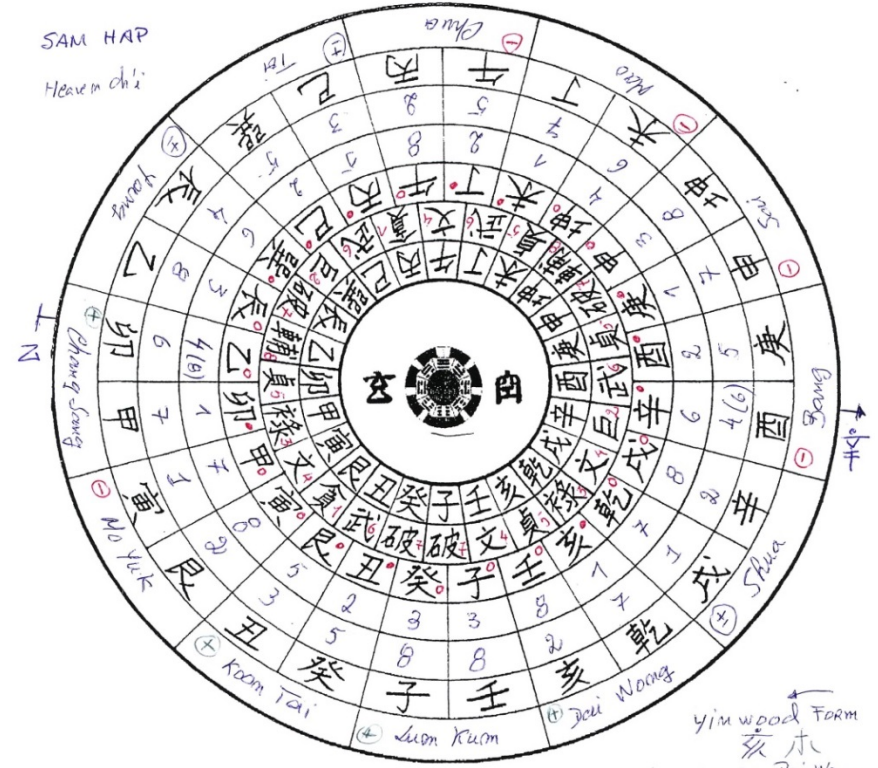


LOSHU



SAM HAP

HEAVEN CHI



Yin wood Form
 亥 木
 clegg - outao - eu Jui Wong



8th Fate Flying Hexagrams Template

<p>8 2 8 9 8 9 689 127 689 庚 丁巳 庚 午 土 午 Soil lies on the road Gravelly Earth Soil lies on the road 32 9: Xiao Chu - a small offering, domesticated animals, to feed, nourish, restrain. 32 Resistencia</p>	<p>1 9 9 9 8 9 189 137 137 庚 甲午 庚 辰 金 辰 white wax metal Metal in the Sand Double edge sword 11 12 Paz Estagnacion</p>	<p>3 4 7 9 8 9 237 469 468 甲 癸未 甲 申 水 未 木 Spring of water Willow Tree Big stream water 64 47: Kun - distress, weary, tired. 63 Amtes do climax Denois do climax</p>
<p>4 7 6 9 8 9 469 468 123 丁 己卯 丁 酉 土 卯 Fire under mountain Rampart Earth Fire 31 60: Jie - regulations. 41 Amorco Dedimio</p>	<p>6 6 10 9 8 9 123 123 469 丁 癸丑 丁 巳 木 酉 Female Fire Mulberry Tree Fire under mountain 41 22: Bi - decorate, ornament, bright, to honour. 31 Dedimio Amorco</p>	<p>8 3 10 9 8 9 689 237 102 庚 己酉 庚 午 土 酉 Soil lies on the road Roadway Earth Earthen walls 32 56: Lu - the traveller, guest, stranger. 42 Resistencia Amorco</p>
<p>9 6 1 9 8 9 137 123 489 庚 癸丑 庚 辰 金 辰 Double edge sword Mulberry Tree white wax metal 12 22: Bi - decorate, ornament, bright, to honour. 11 Estagnacion Paz</p>	<p>2 1 8 9 8 9 127 489 689 庚 甲子 庚 子 土 子 Earthen walls Gold from the sea soil lies on the road 42 24: Fu - return, "return to one's door". 32 Amorco Resistencia</p>	<p>7 8 10 9 8 9 468 689 237 甲 丁亥 甲 寅 水 亥 土 Big stream water Roofing slates Spring of water 63 16: Yu - easy movement, joy, pleasure (beforehand, to pre-arrange). 64 Denois do climax Amorco</p>

Lap Yun Descriptions:

- 土Gravelly Earth - Earth from the sand. Mixed chi -- not stable, falls back. Only interested in something for a short while. Easily bored. Plenty of ideas, but never finishes anything.
- 金Metal in the Sand - Metal mixed with sand. Need to spend time to get rid of the sand. Not pure -- always mixed energy. Hard to read these people.
- 木Willow Tree - Metal can cut it. Follows the wind. They always follow others. They don't have their own ideas. A 'Hanger on'.
- 土Rampart Earth - Looks strong on the outside, but weak on the inside (especially if crushed).
- 木Mulberry Tree - Very spiritual tree. Small but hardy. Wood used in Taoist magic. Person deals with spiritual energies.
- 土Roadway Earth - Very strong. Can withstand most wood, but NOT forest. Very stubborn people, but they can be relied upon - predictable.
- 金Gold from the sea - Can't cut wood. Not easy to dive down and get the gold. Deep person - not easy to know them.
- 土Roofing slates - Can protect you, but they can get blown off. Always want to protect people but they're not strong enough. Want to help everyone, but can't deliver.

Caso Prático 05 – Ermida de Santo Amaro



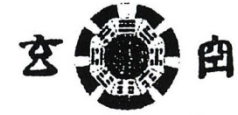
The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail:



Client's Name(s)		Ermida de Santo Amaro													
Address		Caleçada de Santo Amaro - início do Rio Gil Vicente													
		Appointment Date		16-06-2014											
		Appointment Time		15.20h.											
Client's Year of Birth S/B and Kua LAP YANG; LO SHU(S); HEXAGRAM		1) 1549 己酉 3 土 17K 坤 08 08 08 08 08 08 m. 36 08 08 08 08 08 08 08 08 08 08 08 rodagem ear. 08				2)		3)							
4)		5)				6)		7)							
POSN	°	MTN	IHS		KUA					72 DRAGON		FIN KAM		KINSHIPS	
			FATE 8	YEAR 2014=	No.	S/B	L/Y	HGM	NAME	FAMILY	S/B	PULSE / ELEMENT	S/B		PULSE / ELEMENT
SITE	280°	辛	0 KINNEY 2014=	0 NETH OFFICIAL	4 9	J 酉	Five WATER PROXIMITY	坤 土	33 - Avenida	469 金	辛 酉	Face 木	乙 酉	Pure 水	父官兄子兄父
FACE	100°	乙	0 EMPIRICAL 2014=	0 DIRECT CHARAM	6 9	J 卯	THUNDER FIRE	坤 土	41 - Declínio	123 土	乙 卯	Face 木	乙 卯	Face 木	父官兄子才官
MAIN DOOR DIR.	100°														
MAIN DOOR LOC.															
BACK DOOR DIR.															
BACK DOOR LOC.															
GMV DBL MTN & Ch'i Calculation: 										GMV 9/64 Curses 3 curses 6MY → not harm. 64 curses 6MY → not harm.					
Property Problem/Notes: Não é um templo existindo, o site a W temo altar, o cristão alho o reflexo do sol marcando no altar. É um início entre Drogas e Tigo, obração ligada mais elevada. Grande rodem dado pela vista do Rio. Surore que não existia página.															

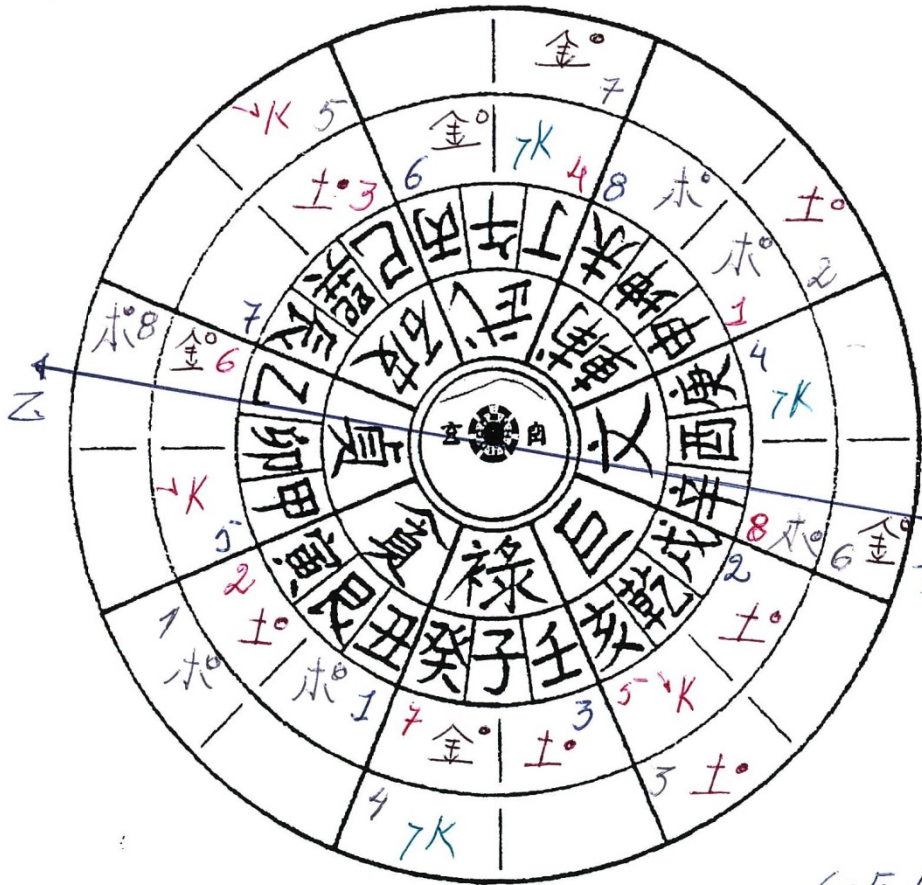


The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: tonyholdsworthfsg@hotmail.com



Site 山 辛 三 7 金
 Gate 月 月 乙 三 5 木
 Exterior

Site 山 辛 三 7 金
 Door 月 月 乙 三 1 木
 Interior



Gate / door 乙

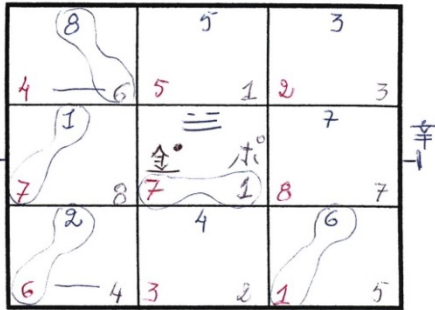
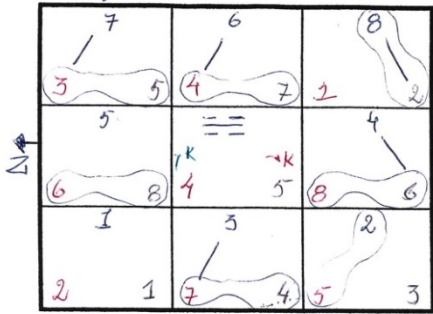


The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: roy.holdsworthfs@hotmail.com

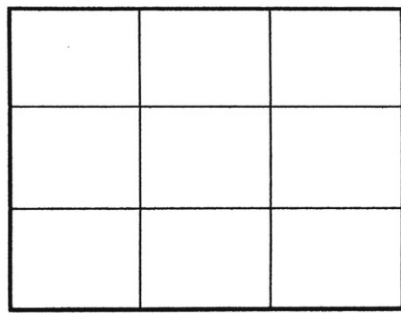
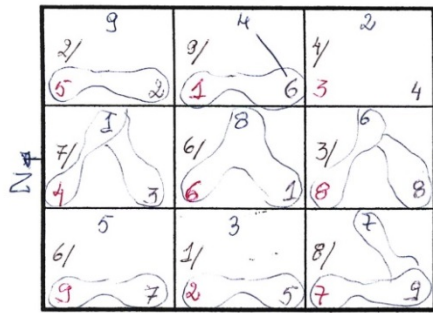


BA ZHAI EMS
 46/6a

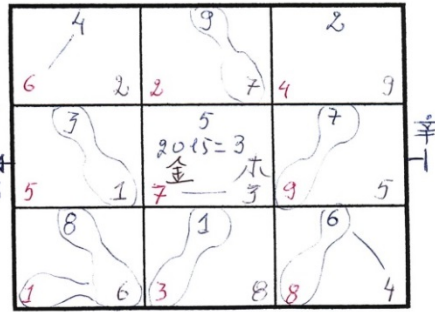
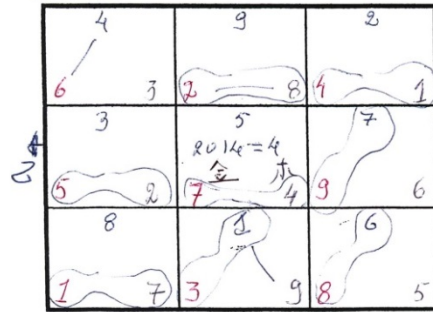
XHS - site/door



HUEN HON site/facing



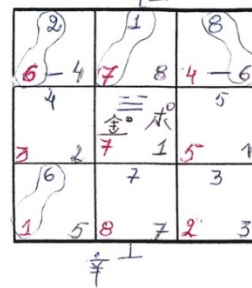
XDSHU



The Imperial Feng Shui Company Limited
 7, Halford Road, Ettington, Stratford-upon-Avon, Warwickshire CV37 7TH
 Telephone: +44 (0)1789 748012 Mobile: +44 (0)7796 148160
 E-mail: roy.holdsworthfs@hotmail.com



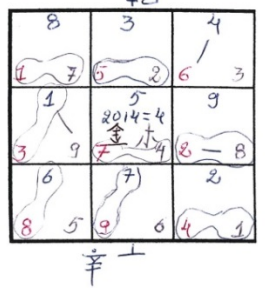
BA ZHAI Haman chi



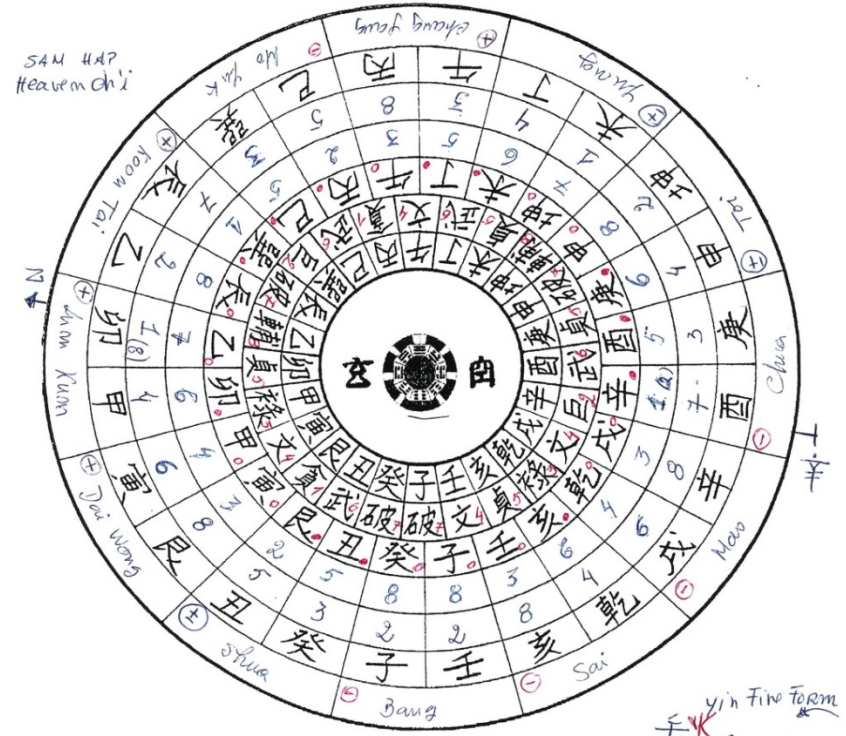
YUEN HAO earth chi



XDSHU



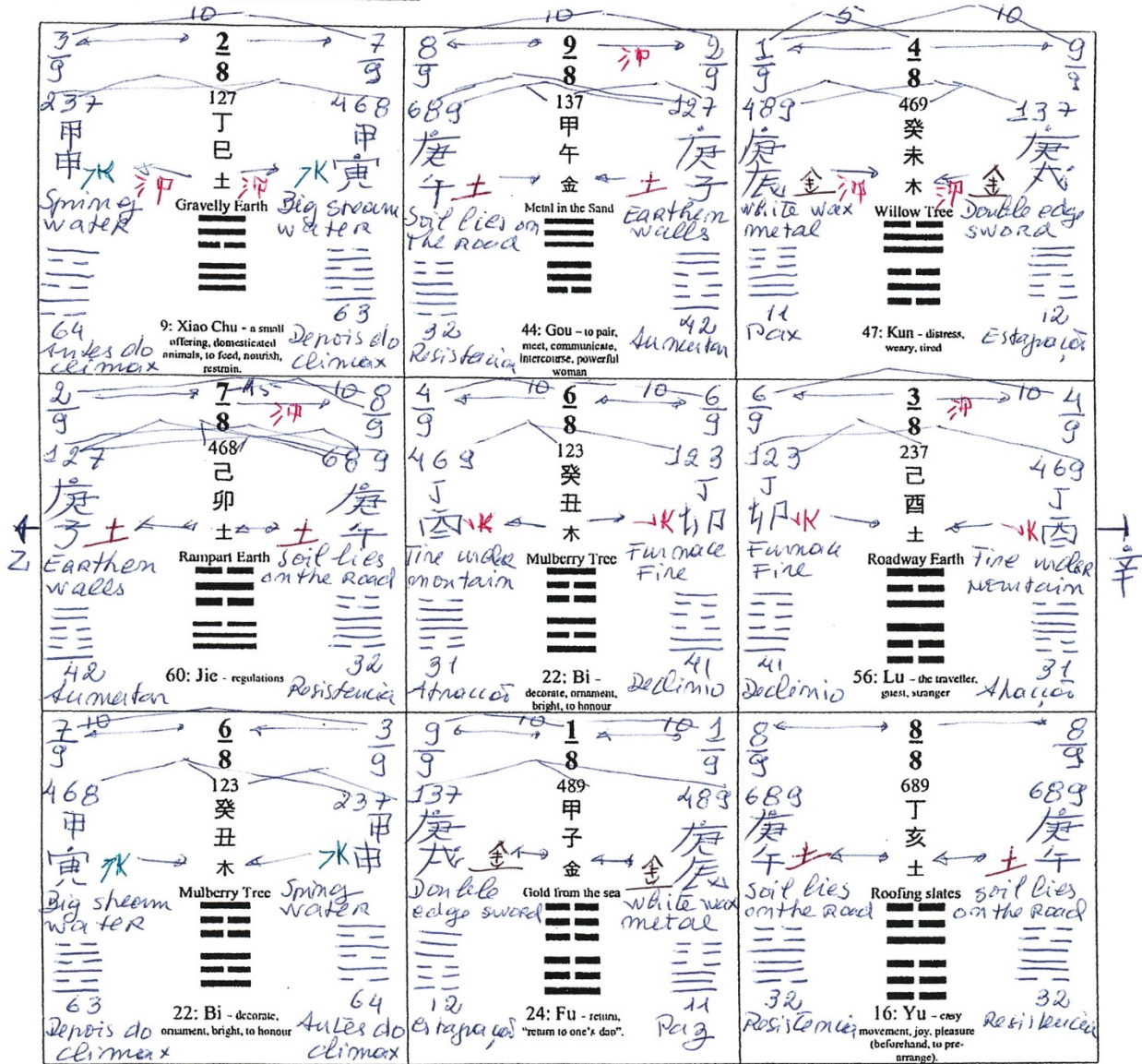
SAM HAP Heaven chi



Yin Fire Form
 FK extra on Chong Song



8th Fate Flying Hexagrams Template



Lap Yum Descriptions:

- 土 Gravelly Earth - Earth from the sand. Mixed chi - not stable, falls back. Only interested in something for a short while. Easily bored. Plenty of ideas, but never finishes anything.
- 金 Metal in the Sand - Metal mixed with sand. Need to spend time to get rid of the sand. Not pure -- always mixed energy. Hard to read these people.
- 木 Willow Tree - Metal can cut it. Follows the wind. They always follow others. They don't have their own ideas. A 'Hanger on'.
- 土 Rampart Earth - Looks strong on the outside, but weak on the inside (especially if crushed).
- 木 Mulberry Tree - Very spiritual tree. Small but hardy. Wood used in Taoist magic. Person deals with spiritual energies.
- 土 Roadway Earth - Very strong. Can withstand most wood, but NOT forest. Very stubborn people, but they can be relied upon - predictable.
- 金 Gold from the sea - Can't cut wood. Not easy to dive down and get the gold. Deep person - not easy to know them.
- 土 Roofing slates - Can protect you, but they can get blown off. Always want to protect people but they're not strong enough. Want to help everyone, but can't deliver.